



Caminhos de Ab'Sáber Caminhos do Brasil



Maria Auxiliadora da Silva
Itaciane Ramos
Paula Regina Cordeiro
(Organizadoras)



Caminhos de Ab'Sáber
Caminhos do Brasil



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Dora Leal Rosa
Reitora

Luiz Rogério Bastos Leal
Vice-reitor



EDITORA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes
Angelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Charbel Ninõ El-Hani
Cleise Furtado Mendes
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
Evelina de Carvalho Sá Hoisel
José Teixeira Cavalcante Filho
Maria Vidal de Negreiros Camargo

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: Ronaldo Montenegro Barbosa
Vice-diretora: Olívia Maria Cordeiro de
Oliveira

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Coordenador: Antonio Puentes Torres
Vice-Coordenador: Cristóvão de Cássio
da Trindade de Brito

Departamento de Geografia

Chefe: Marco Antônio Tomasoni
Vice-chefe: Noeli Pertile

SEMINÁRIO NACIONAL "CAMINHOS
DE AB'SÁBER. CAMINHOS DO
BRASIL". UNIVERSIDADE FEDERAL
DA BAHIA.
22 DE MAIO DE 2012

Realização

- Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia
- Equipe do PEU - Produção do Espaço Urbano

Coordenação

Maria Auxiliadora da Silva

Comissão organizadora

Prof. Claudemiro Ferreira Neto
Prof. Clímaco Dias
Profa. Denise Magalhães
Prof. Marco Tomasoni
Flávia Batista (Mestre)
Gilma Brito (Mestranda)
Heloísa Araújo (Doutoranda)
Itaciane Ramos (Bolsista P.E.U.)
Jéssica Gleizer (Bolsista)
Leonardo Almeida (Bolsista P.E.U.)
Lucas Uzeda (Bolsista P.E.U.)
Marcos Vinicius (Bolsista P.E.U.)
Paula Regina Cordeiro (Bolsista P.E.U.)
Willian Menezes (Mestrando)
Willian Antunes de Sousa (Bolsista P.E.U.)

Maria Auxiliadora da Silva
Itaciane Ramos
Paula Regina Cordeiro
(Org.)

Caminhos de Ab'Sáber. Caminhos do Brasil

Edufba
Salvador
2013

2013, autores

Direitos para esta edição cedidos à EDUFBA. Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto Gráfico, editoração e capa (arte sobre foto de Daniel Garcia, Revista Adusp, jun. 1999)

Josias Almeida Jr.

Normalização

Adriana Caxiado

Revisão

Yasmine Spínola

SIBI – Sistema de Bibliotecas da UFBA

Caminhos de Ab'Sáber. Caminhos do Brasil / Maria Auxiliadora da Silva, Itaciane Ramos, Paula Regina Cordeiro (Org.); [apresentação], Maria Auxiliadora da Silva. - Salvador : EDUFBA, 2013.
139 p.

Trabalhos apresentados no Seminário Nacional Caminhos de Ab'Sáber. Caminhos do Brasil realizado no Instituto de Geociências da UFBA em 22 de maio de 2012.
ISBN 978-85-232-1059-5

1. Ab'Sáber, Aziz Nacib, 1924-2012. 2. Monteiro, Carlos Augusto de Figueiredo. Condecorações acadêmicas. 4. Geógrafos - Brasil. 5. Geografia - Brasil. I. Silva, Maria Auxiliadora da. II. Ramos, Itaciane. III. Cordeiro, Paula Regina.

CDD - 378.25

Editora filiada à



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina,
40170-115 Salvador-BA Brasil

Tel/ fax: (71)3283-6160/ 3283-6164

www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Ao Professor Aziz Nacib Ab'Sáber, intelectual, humanista, grande geógrafo, professor e pesquisador, sempre disposto a compartilhar seus saberes, que soube ser, acima de tudo, um homem sensível e um cidadão profundamente comprometido com as necessidades e aspirações da sociedade brasileira.

Agradecimentos

A Comissão Organizadora do Seminário Nacional “Caminhos de Ab’Sáber. Caminhos do Brasil, um evento científico dedicado ao Professor Aziz Nacib Ab’Sáber, geógrafo brasileiro, agradece:

- Às Instituições que, em parceria com o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, colaboraram na realização do Seminário:
 - SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
 - FAPEX - Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão
 - EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia
 - Fundação Ulysses Guimarães
 - Odebrecht
 - UNEB - Universidade do Estado da Bahia
- Aos membros da Comissão Organizadora
- Aos colegas, professores da UFBA e de outras instituições de ensino superior, participantes do evento e autores dos textos que compõem este livro.

Apresentação

Neste ano de 2012, o Grupo de Pesquisa *Produção do Espaço Urbano* (PEU), o Programa de Pós-Graduação e o Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a Fundação Ulisses Guimarães e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) homenagearam, em um Seminário, o geógrafo Aziz Ab'Sáber que, com suas ideias e sua militância, muito contribuiu para o crescimento da Geografia no Brasil.

Sua belíssima trajetória nos legou inúmeras obras desse eminente geógrafo que, como ninguém, conseguiu, nelas, trabalhar a unidade da Geografia.

Essa homenagem se fez mais do que necessária, pois o Professor Aziz Ab'Sáber soube, como poucos, transmitir sensibilidade e preocupação com o povo brasileiro, principalmente o mais sofrido, e defender a natureza com imensa sabedoria.

Conhecido também por sua ética, sua força para levar adiante tudo em que acreditava, sem receio de pronunciar-se em qualquer tribuna sobre o que não concordava, ele foi um exemplo para todos que defendem uma sociedade melhor.

A ideia do Seminário surgiu em novembro de 2011, em uma conversa com a Professora Marie-Hélène T. Santos, que nos sugeriu essa homenagem. Imediatamente, todo o grupo absorveu essa ideia. Já antes, o Simpósio Nacional dedicado ao Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, em 2010, tendo como resultado o livro *Geografia, literatura e arte*, já tinha sido também dedicado ao Professor Aziz Ab'Sáber. Começamos a organizar o trabalho em janeiro de 2012, culminando com a realização do Seminário, em 22 de maio do mesmo ano

Esse Seminário contou com a presença de vários amigos do professor Aziz, que vieram por conta própria, tornando aquela reunião memorável, em que se discutiu o homem e sua obra.

Há alguns anos, o Departamento de Geografia, juntamente com a Pós-Graduação, solicitou aos Órgãos competentes da UFBA a outorga do Título de Doutor *Honoris Causa*, não só para o homenageado como para o Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. A diligência da magnífica Reitora, Professora Doutora Dora Leal Rosa, e do Conselho

Universitário da UFBA proporcionou a entrega desses títulos no mesmo dia do Seminário. Assim, em uma memorável cerimônia, essa honraria foi concedida.

A partir do mês de janeiro de 2012, mantive longas conversas com o meu amigo, Professor Aziz, que mostrou emoção e alegria quando soube, pouco antes de sua partida, que seria homenageado com o título de Doutor *Honoris Causa*, prometendo sua presença. Infelizmente o título foi concedido *post mortem*. A grande perda do Professor Aziz nos pegou a todos desprevenidos, mas a programação não foi mudada, e realizou-se, infelizmente, sem sua presença física.

Este livro¹ constitui, pois, um registro do Seminário *CAMINHOS DE AB'SÁBER. CAMINHOS DO BRASIL* e da homenagem da UFBA aos dois ilustres professores, Aziz Ab'Sáber e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

Maria Auxiliadora da Silva

1 O teor dos textos é de responsabilidade dos respectivos autores.

Sumário

Seminário NACIONAL “Caminhos de Ab’Sáber. Caminhos do Brasil”

- 15 Aziz Ab’Sáber, geomorfólogo e humanista
Aldo Paviani
- 25 Aziz Ab’Sáber, o geógrafo imortal
Armen Mamigonian
- 33 Seminário homenagem à Aziz Ab’Sáber. Manifestação
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
- 35 Homenagem a Aziz Ab’Sáber, mestre da geografia brasileira
Domingos Sávio Corrêa
- 39 Professor Dr. Aziz Nacib Ab’Sáber – O humano no cientista
Gerusa M. Duarte
- 43 Aziz Nacib Ab’Sáber: o professor
Gervasio Rodrigo Neves
- 49 Ao professor Aziz Nacib Ab’Sáber. A nossa eterna gratidão
Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano – PEU (UFBA)
- 53 Professor Aziz Nacib Ab’Sáber
João José Bigarella
- 57 Depoimento sobre o professor Aziz Nacib Ab’Sáber
José Bueno Conti
- 59 Homenagem ao professor Aziz Nacib Ab’Sáber
Marco Antonio Tomasoni
- 67 Professor Aziz Nacib Ab’Sáber: o legado da pós-graduação em geografia no Brasil e outros assuntos
Marcos José Nogueira de Souza
- 71 O futuro da terra dos homens. Uma homenagem a Aziz Ab’Sáber
Maria Adélia Aparecida de Souza
- 77 O sábio geógrafo Aziz Nacib Ab’Sáber
Maria Lucia de Paula Herrmann

- 81 Aziz na UDESC: lembranças e ensinamentos
Maria Paula Casagrande Marimon
Isa de Oliveira Rocha
Maria Graciana Espellet de Deus Vieira
- 87 Os domínios de Ab'Sáber: o Brasil como praxis
Marta da Silveira Luedemann
- 91 Depoimento
Peter Jose Schweizer
- 93 Professor Aziz, o cidadão, sua natureza e seu impacto
Reinaldo Corrêa Costa
- 99 Notas do diálogo entre Aziz Nacib Ab'Sáber e a geografia em Alagoas
Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros
- 103 Professor Aziz Nacib Ab'Sáber: cidadão e humanista que se sensibilizou pelos problemas do Brasil
Vicente Eudes Lemos Alves
- 107 Uma tarde de trabalho. Uma tarde de silêncio
William Mornis Antunes de Sousa

Cerimônia de outorga dos títulos de Doutor *Honoris Causa* a Aziz Ab'Sáber (*in memoriam*) e a Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

- 115 Discurso de saudação ao professor Aziz Nacib Ab'Sáber, por ocasião da concessão do título de doutor *Honoris causa (in memoriam)* pela Universidade Federal da Bahia
Maria Auxiliadora da Silva
- 125 Palavras de agradecimento da família de Aziz Nacib Ab'Sáber pronunciadas
José Bueno Conti
- 129 Saudação ao Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro na solenidade de outorga do Título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia
Neyde Maria Santos Gonçalves
- 137 Agradecimento do professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro à outorga do título de Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal da Bahia
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro



**Seminário NACIONAL “Caminhos
de Ab’Sáber. Caminhos do Brasil”**



Aziz Ab'Sáber, geomorfólogo e humanista

Aldo Paviani¹

Homenagem ao professor Aziz Nacib Ab'Sáber

[...] existe uma dicotomia total entre o poder e o conhecimento. Eu sou da área do conhecimento e da área dessa consciência, consciência que cada um adquiriu através de conhecimentos e sentimentalidades. Bom, nos países do Terceiro Mundo, na medida em que o processo histórico evoluiu, Independência, República etc., o poder começou a se tornar extremamente forte e só se baseia nas expectativas desse pedacinho menor, a pontinha, que representa as elites poderosas. O problema essencial é o fato de o poder estar quase totalmente desvinculado dos conhecimentos, adquirindo uma força monolítica que despreza o conhecimento. Isso é o que eu penso que seja ética: unir a ética do poder e a de todos os conhecedores [os cientistas].² (AB'SÁBER, 2001)

Com o falecimento de Aziz Nacib Ab'Sáber, em 16 de março de 2012, a Geografia brasileira perde seu grande geomorfólogo, dedicado não apenas às formas de relevo, mas também às questões ambientais resultantes da ação humana sobre o território. Além de grande geomorfólogo, Ab'Sáber é considerado um geógrafo completo, com atividade na

1 Professor Emérito e Pesquisador Associado da Universidade de Brasília (UnB).

2 Trecho de entrevista dada pelo Professor Ab'Sáber a Caros Amigos, em 2001, que reflete a postura do cientista crítico e ético e do político consciente, ético e crítico.

área ambiental e nas Humanidades – o espaço social. Foi e é responsável pela formação graduada e pós-graduada de centenas de estudantes, a quem dedicou especial atenção. Era rigoroso em suas pesquisas, no ensino e na divulgação de sua produção científica. Nesse sentido, deixou um considerável acervo para a Geografia brasileira, conforme destaque abaixo.

Pode-se dizer: Aziz deixou sua marca na história da pesquisa e do ensino da Geografia brasileira. Seus livros e seus artigos sempre se pautaram por pesquisas teóricas e empíricas, com exaustivo apoio no mundo real e na literatura brasileira e estrangeira. Conduziu seus trabalhos de campo ao Brasil profundo, do extremo Sul (Escudo Sul-riograndense e Serra Geral – basáltica), passando pelo “Mar de Morros” do Sudeste, pelo sertão nordestino, pelo Planalto Central, atingindo a Amazônia, onde desmistificou o exagero de se radicalizar com a extensão da “Planície Amazônica”, pois verificou que, por baixo da massa florestal, há relevos, rios com corredeiras e cachoeiras.

Conheci o Professor Aziz Ab’Sáber em 1958, quando ainda estava graduando. Desloquei-me de Porto Alegre a Santa Maria, no inverno daquele ano, para atender à Assembleia Geral da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB). Antecipei-me à abertura para inscrever-me e fui atendido pela Professora Dora Romariz. Além das inscrições, a Professora Dora expunha e vendia os Anais da AGB. Comprei todos os disponíveis. No mesmo instante, chegou o Professor Aziz, que cordialmente me cumprimentou, perguntando se eu estudava na Universidade de Santa Maria (USM). Entabulamos um rápido diálogo, pois os demais professores iam chegando: Lysia Bernardes, Dirceu Lino de Mattos, Pedro Pinchas Geiger, Nilo Bernardes e outros. Nilo Bernardes foi o responsável pelo trabalho de campo que, naquele ano, incluía a rizicultura na Depressão Central do Rio Grande do Sul.

No início dos anos 1960, passei a lecionar em escolas de Santa Maria. Com mais três geógrafos, fundamos o departamento de Geografia da Universidade local, posteriormente denominada de Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Havia um grande esforço para concluir os edifícios, enquanto os contratos de docentes eram feitos a conta-gotas. Assim, os fundadores não tiveram outra saída a não ser o oferecimento de mais de duas disciplinas por docente. Coube-me Geografia do Brasil, que incluía a Geografia Física e Humana. Em ambas, apoiei-me, principalmente, na grande obra do Professor Aroldo de Azevedo – *Brasil – a terra e o homem*. No primeiro tomo, a base geológica tinha como autor o Professor Fernando de Almeida, e a geomorfológica o Professor Aziz

Nacib Ab'Sáber. Ambos foram importantes para os estudantes de Geografia, por terem uma leitura em bases científicas e por observarem, nas inúmeras ilustrações, como os dois autores se esmeraram para tornar acessível a temática para o aprendizado dos alunos provenientes de escolas secundárias em que a Geografia ainda apresentava forte uso da memória.

No caso da geomorfologia, passei a mostrar as formas de relevo com uso do epidiascópio – que permitia a projeção de imagens ou textos a partir da obra em utilização. Acentuei o aspecto de que quase todas as fotografias eram de autoria do Professor Aziz, o que demonstrava o quanto ele pesquisou Brasil afora – pesquisas essas utilizadas no Capítulo III, *O relevo brasileiro e seus problemas*. Essa unidade da obra ocupa alentado espaço – 82 páginas, às quais se somam outras 32, com 59 fotografias, mostrando o relevo objeto de seus trabalhos em todas as regiões brasileiras. Embora, no decorrer de minha carreira, não tenha me dedicado à Geografia Física, não me lembro de nenhuma obra que supere a do Professor Ab'Sáber, quanto aos ensinamentos sobre o relevo brasileiro. Suas pesquisas foram aprofundadas mais tarde, quando denunciou os desmatamentos ocorridos na Serra do Mar e na Floresta Amazônica. Para Ab'Sáber, esses desmatamentos ocasionaram danos ambientais “irreversíveis”, conforme seus depoimentos em inumeráveis entrevistas.

Ainda nas atividades de ensino e pesquisa da Geografia na UFSM, dediquei-me, com a ajuda da colega Vânia Pinto, à elaboração de uma síntese dos artigos publicados em algumas revistas científicas existentes no país. Tínhamos exemplares de diversos periódicos com os quais elaboramos um livrinho, a *Bibliografia de alguns periódicos brasileiros – por assunto geográfico*, que distribuímos entre colegas e estudantes. Revendendo essa publicação, anotei algumas contribuições (parciais) do Professor Aziz nos periódicos brasileiros de nosso acervo. Logo de início, encontramos um artigo publicado sob o título *O problema da aquisição de fotografias aéreas no Brasil*, publicado em *Organon*, 8 e 9, ano 1963-1964. Esse artigo está no tópico dedicado à Aerofoto, em que se registram mais 14 contribuições, pois a aerofotogrametria se constituiu em técnica de larga utilização na Geografia brasileira, a partir dos anos 1960.

Os grandes geógrafos brasileiros fundadores de Departamentos de Geografia, sobretudo da Universidade De São Paulo (USP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), têm ligação com os mestres da “Missão Francesa”, tais como Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, que aportaram em São Paulo, em 1935. Avaliando a influência dos franceses, Ab'Sáber escreveu o

artigo *Vinte e cinco anos de Geografia em São Paulo* (AB'SÁBER, 1960), que se tornou importante fonte de informação sobre os primórdios e o desenvolvimento dos cursos de Geografia no Brasil. Ainda nos anos 1960, uma avaliação da livre docência em Geografia Física recebeu comentários e avaliação do Prof. Ab'Sáber, demonstrando a importância desse título na sua carreira docente na USP e em outras universidades brasileiras. (AB'SÁBER, 1967)

Se fizermos um retrospecto das contribuições de nosso homenageado, verificaremos sua versatilidade. No início dos anos 1950, pesquisou e publicou ao menos três trabalhos sobre Goiás e sobre Mato Grosso. O primeiro deles, em coautoria com Miguel Costa Júnior, trata dos "arenitos e calcários silicificados que formam a rocha dura que sustentava a escarpa" (GEIGER, 1960, p. 44), na região entre Itumbiara e Jataí, dando início às suas pesquisas sobre o Sudoeste Goiano. (AB'SÁBER; COSTA JÚNIOR, 1951) No mesmo ano, publicou ainda uma pesquisa sobre o Sudoeste Goiano. (AB'SÁBER, 1951) Dois anos mais tarde, em evento da AGB, apresenta uma síntese de suas pesquisas sobre o Sudoeste Goiano, fazendo uma ponte entre a geologia e a geomorfologia. (AB'SÁBER, 1952, v. 3, t. 1) Sobre o relevo apalachiano de Mato Grosso, trata do período pré-cambriano do planalto do Parecis. (AB'SÁBER, 1954)

Em 1956, trabalhou o semiárido nordestino (AB'SÁBER, 1956), e, dois anos após, ocupou-se com o tema agrário, abordando a aptidão do solo maranhense. (AB'SÁBER, 1958) Esses artigos, de alguma forma, fazem a ligação com os inumeráveis trabalhos nos aspectos físicos, dos quais se destacam os que estão elencados até 1969 na bibliografia de alguns periódicos:

- *Relevo, estrutura e rede hidrográfica do Brasil*;³
- *Tipos de ocorrência de cascalheiros quaternários no litoral brasileiro*.⁴

Deve-se ressaltar que o Professor Aziz era irrequieto e viajava por todas as regiões do país. Por exemplo, a respeito do Sudeste, publicou *Problemas paleo-geográficos do Brasil Sudeste* e *Revisão dos conhecimentos sobre o horizonte sub-superficial de cascalhos inumados do Brasil Oriental*, artigos que, evidentemente, tratam de sua especialidade, a geomorfologia. Dedicou-se a estudos do Nordeste,⁵ em 1956, tratando das depressões do

3 Publicado no Boletim Geográfico, n.173, 1963.

4 Publicado no Boletim Geográfico, n. 41, 1964.

5 Depressões periféricas e depressões semi-áridas no NE do Brasil, publicado no Boletim Paulista, n. 22, 1956.

semiárido e, em 1957,⁶ da separação da drenagem do Tietê e do Paraíba, em que estão presentes a geomorfologia e a hidrografia de ambas as bacias. Mais adiante, em 1963, liga estrutura do relevo e rede hidrográfica do Brasil, revelando sua identificação não apenas com a geomorfologia, mas, igualmente, com a drenagem fluvial que corta os territórios estudados.

Mas, também na bibliografia, podem ser encontrados trabalhos de Geografia Física em metrópoles brasileiras, como:

- *O sítio urbano de São Paulo, sob o ponto de vista geomorfológico;*⁷
- *Análise do relevo de Porto Alegre.*⁸

Esses dois trabalhos se revestem de importância para o conhecimento da topografia das duas capitais e podem servir de subsídio para o entendimento da drenagem e do traçado de avenidas, de ruas e, igualmente, para evitar que se construa em depressões sujeitas a alagamentos no período chuvoso.

Sob o ponto de vista da contribuição à Geografia brasileira desse renomado pesquisador, convém dar um salto no tempo e destacar que, nas últimas décadas, Ab'Sáber passou da geomorfologia para os problemas ambientais e de fundo humanístico e político, como demonstram seus livros publicados nos últimos anos. São exemplos as seguintes obras: *São Paulo: ensaios entreveros*; *Amazônia: do discurso à práxis*; *Escritos ecológicos*; *Ecossistemas do Brasil* (em coautoria com Luiz Cláudio Marigo); *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo* – reedição da tese de doutorado realizada em 1956; *O que é ser geógrafo – memórias profissionais de Aziz Ab'Sáber*, dadas em entrevista à jornalista Cynara Menezes, a quem daremos destaque mais adiante; *Litoral do Brasil* e *Os domínios de natureza no Brasil*. A diversidade de temas dessas publicações demonstra uma tendência à ampliação do foco de suas preocupações, como demonstram as seguintes afirmações do Professor Ab'Sáber, em longa entrevista (AB'SÁBER, 2001) dada à revista *Caros Amigos*, em 2001: “Existe, de um lado, um bloco que eu chamaria de consciência técnica, científica, social, jurídica e ética; se não existir isso, o país é zero”. E mais: “Imagino que o ecologista tem responsabilidades com a vida na face da Terra ao nível de todos os tempos. Aí chamo aos níveis de profundidades diferentes do tempo. E isso me satisfaz muito”. (AB'SÁBER, 2001)

6 O problema das conexões antigas e da separação da drenagem do Paraíba e do Tietê. Publicado no Boletim Paulista, n. 26, 1957.

7 Publicado no Boletim Paulista, n. 25, 1957.

8 Publicado no Boletim Paulista, n. 41, 1965.

Todavia, da entrevista de 2001 à *Caros Amigos*, vale destacar uma verdadeira aula, em que o Professor Aziz demonstrou sua versatilidade. Trata, criticamente, com uso da climatologia, do desconhecimento das mudanças climáticas por parte do governo:

Agora, o governo não conhece bem os anos secos e os anos chuvosos. Nas universidades se desenvolveu um estudo sobre a dinâmica climática. Para descobrir o quê? A variabilidade. Uma coisa é mudança climática ao nível dos tempos geológicos. Outra coisa é a variabilidade natural do clima em cada área. Porque as massas de ar não são fixas. Ora têm mais força, vão mais para dentro, ora ficam mais atrasadas. É o jogo de massas de ar que cria a climatologia dinâmica do Brasil. Até o povo sabe: 'Ah, está chegando a massa de ar frio, a massa polar'. É assim que dizem. Mas não sabem que tem massa de ar equatorial tropical, equatorial continental, tem a massa de ar tropical continental, tem a massa de ar que vem do Atlântico, tropical atlântica, e tem a massa de ar polar atlântica, que significa a massa que vem do pólo e vai aquecendo um pouco, mas quando chega aqui ainda é muito fria. Então, deu-se o nome, em vez de massa de ar polar, de massa de ar polar atlântica, para evitar a idéia de que o pólo está chegando no Rio Grande do Sul, vamos dizer. Um grande climatologista brasileiro, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, fez um estudo absolutamente detalhado de um ano seco e de um ano mais chuvoso, ele chamou 'ano padrão seco' e 'ano padrão chuvoso', onde? No Estado de São Paulo. Chama-se A Dinâmica Climática do Estado de São Paulo, é um atlas deste tamanho. Eu distribuí quando era diretor do Instituto de Geografia, foi editado no Instituto por iniciativa minha. Foi distribuído para vários lugares, mas ninguém fala desse atlas do Carlos Augusto e do Instituto de Geografia, mas já se sabe que tem variabilidade climática. Então, a desculpa do governo: 'É o clima que está ficando ruim'. Não é isso, não. O governo tem que saber que há uma variabilidade climática. Mas, como ninguém estuda nada no país, não sabe os conceitos de ano padrão seco e ano padrão chuvoso. (AB'SÁBER, 2001)

Nos últimos anos, a atuação do grande geomorfólogo se voltou para a crítica e denúncias em razão das omissões, equívocos e erros dos governantes em relação às questões ambientais, revertendo muitas decisões, como foi a questão do aeroporto internacional de São Paulo, que passou de Caucaia a Cumbica.

Nesse ponto, vale uma inflexão nessa homenagem, até aqui alicerçada em sua produção científica. O Professor Ab'Sáber foi um lutador, em primeiro lugar pela sobrevivência, na infância pobre, depois, no período da juventude, para poder prosseguir em seus estudos no ensino médio (secundário) e universitário, este com apenas 17 anos. Nesse ponto,

é interessante salientar alguns aspectos relevantes de sua rica, diversificada e produtiva vida pessoal e profissional.

A base para captar algumas etapas marcantes de sua biografia resulta de seus depoimentos – ‘por mais de 20 horas’ – à jornalista Cynara Menezes, e que originaram o livro *O que é ser geógrafo*. Na realidade, a obra poderia ter recebido o título: *O que é ser Aziz Nacib Ab’Sáber*, tal o montante de informações de sua trajetória desde o nascimento, em 1924, na cidade de São Luiz do Paraitinga, no interior de São Paulo, até 2007, quando passa em depoimentos toda sua luta para a sobrevivência, sua aplicação aos estudos e, em especial, a ultrapassagem por problemas duplos de preconceito: por parte dos libaneses, que o consideravam filho de uma brasileira – Juventina Maria, casada com o libanês Nacib –, e por parte dos brasileiros, exatamente por ser filho de ‘turco’, como eram apelidados todos os imigrantes vindos do Oriente Próximo.

No entanto, sua biografia não apenas é rica pelas memórias da infância pobre e da juventude, mas também porque entrelaça, junto a fatos de sua vivência pessoal, momentos importantes de sua vida profissional. Nesse aspecto, pode-se, sem erro, manifestar a agradável surpresa de, ao longo do relato, ter verdadeiras aulas de geomorfologia, geologia, climatologia, hidrologia e, em tempos mais recentes, suas lutas a favor da preservação ambiental, contra a poluição e contra decisões ambientalmente equivocadas, como a de construir o aeroporto em Caucaia, por parte do Governo de São Paulo. Esse problema é assim descrito pelo Professor Aziz:

[...] o governo paulista, no período de Paulo Egídio Martins, queria fazer o aeroporto internacional em cima de uma reserva florestal, Caucaia do Alto, a única grande reserva a oeste de São Paulo. Era terreno público, do estado, por isso o governo não precisava desapropriar. Além disso, iam ganhar recursos, porque tirariam o aeroporto de Congonhas e loteariam o terreno, venderiam para shopping centers, arranha-céus e condomínios. Um plano perfeito do capitalismo selvagem. (AB’SÁBER, 2007, p. 111)

Sua atuação se tornou fundamental para o aeroporto não ser construído em Caucaia, tendo recebido apoio da Aeronáutica. ‘Acabei sugerindo que o novo aeroporto fosse construído onde é hoje, em Cumbica’. (AB’ SABER, 2007, p. 112)

Todavia, o que ressalta de sua vida, de sua trajetória profissional-existencial é a limpidez de suas ideias e de seu pensamento. Tratando da ‘arte e ética na Geografia’, Ab’Sáber destaca:

Não estou interessado na participação partidária; estou interessado na participação a favor de meu país, do meu povo e dos carentes, que estão mais próximos de mim, representantes de multidões que estão abaixo da linha da pobreza. Tenho um sentido de Geografia humana que é certamente ético e humanístico. (AB'SÁBER, 2007, p. 146)

Essa afirmação, na entrevista, deixa claro sua postura frente aos problemas ambientais, como o do aeroporto internacional de São Paulo. Foi também essa diretriz em sua vida que demarcou sua luta com referência às barragens para a geração de eletricidade. Por isso, ele se caracterizou como profissional sério e devotado às suas convicções, não importando em qual enfrentamento.

Ao longo de sua vida, talvez com base em sua infância e adolescência de carências múltiplas, o Professor Aziz Ab'Sáber desenvolveu fortes sentimentos humanitários. Como viajou muito por todas as regiões do Brasil, em cada uma delas se penalizava e tentava auxiliar os que o procuravam. Sua dimensão humanitária vem de um depoimento dado a respeito de ribeirinhos, no Amazonas:

Uma vez, na beira de um igarapé distante, perguntei: 'De manhã, o que vocês tomam?' Resposta: 'Uma colher de caldo de açaí para cada um'. 'E ao meio-dia?' Resposta: 'Um peixinho frito com um pouco de farinha de mandioca'. 'E no fim da tarde, na janta?' Resposta: 'Quando tem, a gente come de novo um peixinho, mas, para ser, honesto, muitas vezes não tem nada para comer, passamos fome'. (AB'SÁBER, 2007, p. 159)

Esse fato mostra sua sensibilidade com as pessoas que com as quais fazia contato em suas pesquisas, nesse caso, 'nos confins da Amazônia', como se refere a esse episódio.

Em mais de um momento dos fatos relatados ao longo de suas pesquisas no interior do Brasil, há ensinamentos de raro toque humanitário:

Às vezes, na periferia de uma grande cidade, em estudos de Geografia humana e social ativa que estou realizando, me perguntam: 'Professor, o senhor já nos ensinou tantas coisas, não pode nos ensinar a arranjar emprego?' Este é o doloroso dilema do professor no Brasil. Já ouvi muito essa frase, pedidos desse tipo. Basta entrar em contato com as pessoas e elas logo dizem: 'A gente consegue comer alguma coisa de qualquer jeito, emprestando, fazendo parcerias, mas a gente gostaria de ter um emprego, porque é muito humilhante'. E o professor fica sem responder. (AB' SABER, 2007, p. 160)

Esse episódio desnuda que, para além da seriedade, ao realizar suas pesquisas científicas, havia um ser humano. Aziz Nacib Ab'Sáber ficava sensível aos reclamos das pessoas com as quais entrava em contato: suas atitudes ultrapassavam o âmbito da pesquisa geomorfológica, como fica evidenciado nesses relatos.

Consideramos, finalmente, que o Professor Aziz Nacib Ab'Sáber nos deixou fisicamente, mas ficou o seu legado: uma vida intensamente vivida e uma notável produção científica – geomorfológica e humanística; um ícone da ética, da dignidade e da honradez. Um grande geógrafo e ser humano exemplar.

Brasília, 30 de abril de 2012.

Referências

- AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 2004.
- AB'SÁBER, A. N. Aptidões agrárias do solo maranhense. *Boletim Paulista*, São Paulo, n. 30, p. 31-37, 1958.
- AB'SÁBER, A. N. Contribuição ao estudo do Sudoeste Goiano. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 98, 1951.
- AB'SÁBER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- AB'SÁBER, A. N. Depressões periféricas e depressões semi-áridas no Nordeste do Brasil. *Boletim Paulista*, São Paulo, n. 22, p. 3-18, 1956.
- AB'SÁBER, A. N. *Escritos ecológicos*. São Paulo: Lazuli, 2006.
- AB'SÁBER, A. N. Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. *Boletim Paulista*, São Paulo, n. 25, p. 88-90, 1957.
- AB'SÁBER, A. N. *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- AB'SÁBER, A. N. *Litoral do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2008.
- AB'SÁBER, A. N. Livre docência em Geografia Física. *Boletim Paulista*, São Paulo, n. 44, p. 129-130, 1967.
- AB'SÁBER, A. N. Um mestre brigador. Entrevista. *Caros Amigos*, 2001. Disponível em: <<http://carosamigos.terra.com.br/index/index.php/cotidiano/1059-aziz-absaber-morre-em-sao-paulo-aos-87-anos-leia-entrevista>>. Acesso em: 26 abr. 2013.
- AB'SÁBER, A. N. O planalto dos Parecis na região de Diamantino. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 17, 1954.

- AB'SÁBER, A. N. O problema das conexões antigas e da separação da drenagem do Paraíba e do Tietê. *Boletim Paulista*, São Paulo, n. 26, p. 38-49, 1957.
- AB'SÁBER, A. N. Problemas paleo-geográficos do Brasil Sudeste. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 169, p. 394-405, 1962.
- AB'SÁBER, A. N. *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Nacib*. Rio de Janeiro: Redord, 2007.
- AB'SÁBER, A. N. O sítio urbano de Porto Alegre: estudo geográfico. *Boletim Paulista*, São Paulo, n. 41, p. 3-30, 1965.
- AB'SÁBER, A. N. O sudoeste goiano. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, v. 3, t. 1, p. 143-217, 1953.
- AB'SÁBER, A. N. Relevo, estrutura e rede hidrográfica do Brasil. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 173, p. 145-174, 1963.
- AB'SÁBER, A. N. Revisão dos conhecimentos sobre o horizonte sub-superficial de cascalhos inumados do Brasil Oriental. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 184, p. 68-84, 1965.
- AB'SÁBER, A. N. *São Paulo: ensaios entreveros*. São Paulo: Edusp, 2004.
- AB'SÁBER, A. N. Tipos de ocorrência de cascalheiros quaternários no litoral brasileiro. *Boletim Geográfico*, São Paulo, n. 41, p. 109-112, 1964.
- AB'SÁBER, A. N. Vinte e cinco anos de Geografia em São Paulo. *Boletim Paulista*, São Paulo, n. 34, p. 71-82, 1960.
- AB'SÁBER, A. N.; COSTA JÚNIOR, M. Paisagens rurais do Sudoeste Goiano, entre Itumbiara e Jataí. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 7, p. 38-63, 1951.
- AB'SÁBER, A. N.; MARIGO, L. C. *Ecosistemas do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2006.
- AZEVEDO, A. de (Org.). *Brasil: a terra e o homem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. v. 1, 2.
- GEIGER, P. P. Geomorfologia. In: GALVÃO, M. V. *Geografia do Brasil: grande região centro-oeste*. Rio de Janeiro: IBGE/CNG, 1960. p. 44.
- PAVIANI, A.; PINTO, V. *Bibliografia de alguns periódicos brasileiros: por assunto geográfico*. Santa Maria, RS: Imprensa Universitária - UFSM, 1969.



Aziz Ab'Sáber, o geógrafo imortal

Armen Mamigonian¹

O título destas notas corresponde à verdade ou resulta apenas de admiração pelo mestre incomparável? Em 2004, escrevi algumas notas com título semelhante: *Aziz Ab'Sáber: oitenta anos gloriosos*. Tentarei demonstrar que nenhum dos títulos é exagerado.

1 - Para se entender a produção da moderna geografia brasileira, é importante considerar a luminosa observação de M. Alves de Lima, que caracterizou de “anos dourados” os anos 40 e 50 do século XX, quando desabrocharam os jovens geógrafos formados pela Universidade de São Paulo (USP), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que eram ativos participantes das reuniões anuais da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Em São Paulo, Aziz, N. Lecoq e P. Petrone; no Rio de Janeiro, Lysia e Nilo Bernardes, O. Valverde e C. A. Figueiredo Monteiro – aos quais foram se somando V. A. Peluso Jr. (SCatarina), J. J. Bigarella (Paraná), M. Santos (Bahia) e M. Correia de Andrade (Pernambuco). M. Alves de Lima tinha bastante autoridade para a observação acima apontada, pois ele assistiu à ascensão e à queda da geografia, começando por fazer parte da primeira leva de geógrafos do IBGE, enviada por F. Ruellan, para estagiar nas universidades francesas, logo após a segunda guerra mundial; tendo convivido, em Paris, com De Martonne, A. Cholley e, principalmente, com J. Tricart, também servindo, depois, de ponte entre J. Tricart e os geógrafos brasileiros, por ocasião da UGI, de 1956, talvez o ápice daquela entidade.

Seria necessário acrescentar que os anos 40 e 50 foram igualmente os anos dourados da geografia francesa, e, na verdade, de toda a geografia mundial, pois, como aconteceu com as ciências humanas em geral, foi-se iniciando, pouco a pouco, um declínio que se acelerou nas últimas

¹ Professor da USP e UFSC.

décadas. No caso da geografia brasileira, basta comparar os nomes acima apontados com a “jovem guarda” atual das universidades.

2 - Entre todos os geógrafos brasileiros que se revelaram nos anos 40 e 50, Aziz Ab’Sáber se destacou precocemente e nitidamente. Fez graduação em Geografia e História, entre 1941 e 1944, e, em seguida, a especialização, que incluía aulas com o geólogo e paleontólogo americano K. Caster, que lecionava no curso de História Natural. Aziz, no curso de graduação, havia sido aluno dos catedráticos de geografia Aroldo de Azevedo, João Dias da Silveira e Ari França, além de P. Monbeig e de suas assistentes M. C. Vicente de Carvalho e N. Lecoq Muller, sem contar com os professores de inúmeras outras disciplinas; no entanto, havia se enveredado claramente para o estudo da geomorfologia. Assim, foi apadrinhado por Miguel Costa Júnior, seu colega de turma e de excursões, que havia militado na Juventude Comunista com P. Emílio Salles Gomes, A. Pedroso d’Horta, Noé Gertel e outros, e que insistiu, junto a K. Caster, sobre a oportunidade de contratar Aziz como auxiliar de ensino, pois era ele quem repassava aos alunos de geologia os ensinamentos do mestre norte-americano nas aulas e nas saídas de campo. Desta maneira, Aziz exerceu seu primeiro cargo no ensino universitário, mas como jardineiro contratado, que era a vaga que existia na ocasião.

Em função da grande capacidade intelectual e didática que demonstrava junto a Caster e aos alunos, Aziz, já naquela época, despertava invejas e ciúmes nos geólogos-assistentes Josué Camargo Mendes e Ruy Osório de Freitas. Logo depois transferido para o departamento de Geografia como simples técnico de laboratório, cargo que durou por muitos e muitos anos, também começou a despertar inveja e ciúmes nos catedráticos João Dias da Silveira e Ari França, pois a sombra de Aziz acabava encobrindo aqueles que não tinham luz própria. Todos estes nomes quase que desapareceram do mundo científico brasileiro, comparativamente ao brilho que Aziz emitia, mas, por sorte, contava com a simpatia de Aroldo de Azevedo. De onde teria nascido este brilho?

3 - A resposta, naturalmente, não é fácil, pois envolve vários fatores, a começar pela personalidade de Aziz Ab’Sáber, além de várias circunstâncias, como o excelente nível de muitos professores do curso de Geografia e História, na sua época de estudante, bem como o apoio que recebeu, principalmente de Aroldo de Azevedo, que não era um grande pesquisador, mas era um grande administrador e encarnava como vários outros professores – entre eles, J. R. Araújo Filho e o próprio o próprio Aziz, o “espírito de missão” da ciência geográfica daquela época e da AGB, em particular, cujo hino enfatizava “redescobrir a terra e a

gente do Brasil". Deve-se dizer que o espírito de missão daquela época não era apenas da geografia, mas de toda a intelectualidade brasileira, como herança feudal do iluminismo europeu, que impunha ao intelectual este papel de busca da verdade, em todos os campos científicos, mas também na literatura, no teatro, na pintura etc. Mas nem todos levaram este papel a sério, pois, naturalmente, o espírito mercantil e o individualismo doentio iam avançando.

4 - Para entender a questão chave que é a personalidade de Aziz, torna-se necessário fazer uma pequena digressão. A primeira guerra mundial provocou enorme polarização política e intelectual, resultando na revolução soviética de 1917, no terremoto político de 1919, o "ano vermelho" no mundo inteiro, e no nascimento dos partidos comunistas em muitos países, como China, Brasil e outros. Na Alemanha derrotada, a intelectualidade abalada deu origem a várias entidades coletivas, como a Escola de Frankfurt, o movimento Bauhaus etc., enquanto, na França, as reações coletivas foram menores (Surrealismo etc.), mas os intelectuais foram mais desafiados individualmente. Nos anos 20, alguns professores universitários em Paris se tornaram marxistas, como um dos professores de filosofia de C. Lévy-Strauss, um dos membros da futura missão francesa na USP. Diante da excessiva insistência de alguns pintores de dizer que "procuravam" um caminho, Picasso resolveu explicitar sua postura radical: "eu não procuro, eu acho". Isto valeu para Aziz durante a vida inteira, pois, sem descanso, ia atrás das respostas até achá-las. Aziz lembrava dois outros espanhóis: Antonio Machado, dos versos "caminhante não há caminho, se faz o caminho ao andar", além de Cervantes, pois Aziz foi um verdadeiro Dom Quixote, que enfrentava as dificuldades sem medo. Isto não era muito comum, como prova o fato de que N. Lecoq Muller e P. Petrone, brilhantes colegas de Aziz, na USP, acabaram se perdendo – Nice por submeter-se aos modismos e às exposições, "jogando para a plateia", como se diz hoje em dia, e Petrone por dar importância excessiva ao poder e assim acabar cultivando vassalagens.

5 - O principal de sua personalidade, Aziz herdou de seu pai, Nacib Ab'Sáber, que, aos 13 anos de idade, cumpriu a tarefa imposta pela mãe de sair do Vale do Bekaa, no Líbano, atravessar metade do mundo, localizar o avô de Aziz em S. Luiz do Paraitinga e acompanhá-lo de volta para casa. Nacib passou a morar em Beirute, ajudando no orçamento familiar, atraindo fregueses nas portas dos bazares. Viajou pelo Líbano e foi como peregrino a Jerusalém, entre suas aventuras, até ser convencido pela mãe a voltar e se estabelecer no Brasil, pois um de seus irmãos havia

ficado em S. Luiz do Paraitinga. Aziz foi muito apegado ao pai, acompanhando-o frequentemente, além de ouvir, deslumbrado, as estórias das *Mil e uma noites* e os relatos de suas muitas viagens. Aos 6 anos, junto com dois irmãos menores, desceu a Serra do Mar até Ubatuba, levado pelo pai em caminho de mulas. Assim, Aziz foi herdando do pai, pouco a pouco, imaginação, visão ampla das coisas, curiosidade, espírito independente, rebeldia diante de autoritarismo e de mentiras, capacidade de iniciativa e generosidade. Não é preciso dizer que poucos intelectuais conseguiram reunir tantas qualidades.

O estilo pessoal de Aziz Ab'Sáber pode ser lembrado pelo seu cotidiano nos últimos anos; quando já famoso, acrescentava ao trabalho intelectual incessante, que incluía visitas frequentes à biblioteca Florestan Fernandes, a organização de grandes álbuns, às vezes bilíngues (*Litoral do Brasil, Geografia do estado de São Paulo* etc.), a redação de preciosas páginas de *Observatório*, na revista *Scientific American Brasil*, e visitas nos fins de semana às comunidades periféricas paulistanas, onde montou dezenas de bibliotecas e ajudou a organizar suculentos almoços coletivos. Aziz Ab'Sáber foi um verdadeiro cavaleiro andante. E, assim, muitos papagaios de pirata pousaram sobre seus ombros, na busca da fama de 15 minutos, silenciosamente, a fim de piratear suas ideias.

6 - Evidentemente, não teria sido suficiente a personalidade rica e íntegra de Aziz para chegar onde chegou. Ele contou com a qualidade de muitos professores da graduação e da especialização, com o apoio que recebeu de alguns deles, sobretudo de Aroldo de Azevedo, quando teve que enfrentar a ira ou a má vontade de vários "medalhães" irritados com seu brilho intelectual.

O primeiro professor que impressionou Aziz foi P. Monbeig, que levou os alunos recém-aprovados no vestibular à excursão de São Paulo a Jundiá, Campinas, Salto e Itú, retornando pelo vale do Tietê, por Cabreúva, Pirapora do Bom Jesus e Santana do Parnaíba. Aziz levou um choque de deslumbramento pelas descobertas que lhe foram oferecidas por Monbeig, que apontou as relações entre os fatos humanos e as suas bases naturais tão variadas do percurso. Ele conhecia o "mar de morros" do Planalto Atlântico, uma vez que teve contato com este, pela primeira vez, no Planalto Meridional. Esta excursão provocou a adesão entusiástica à geografia e, em especial naqueles inícios, à geomorfologia. Com grande animação, que manteve a vida inteira, partiu para as pesquisas do Cristalino, nos arredores de São Paulo, da bacia sedimentar de São Paulo, parecida geologicamente com as bacias sedimentares do vale do Paraíba e de Curitiba, e dos contatos dos Planaltos Atlântico e Meridio-

nal, também em São Paulo. Sobre a primeira área, apresentou *Notas sobre a geomorfologia do Jaraguá e vizinhanças*; sobre a terceira, *A transição entre o carbonífero e o criozóico na região de Itu-SP* e *Sequencia de rochas glaciais e subglaciais dos arredores de Itu-SP*. Todos os três textos foram publicados em 1948, quando tinha apenas 24 anos.

Aqui cabe fazer dois parênteses, para assinalar a extrema honestidade de Aziz, que, sendo audacioso, cometia equívocos, os quais ele tratava de corrigir, como no caso do título *Transição*, pois, na verdade, tratava-se de contato geológico. Na série de fotos comentadas feitas na Bahia (BPG), referiu-se à construção do Forte de São Marcelo no mar, e depois percebeu que havia uma pequena ilhota rochosa na base. Usou a expressão “regiões” para áreas naturais e, tendo lido A. Cholley, que não era divulgado nos cursos de geografia, passou a usar a expressão “domínio”, mais apropriada. Diferentemente de Aziz, vários professores da USP, nas últimas décadas, que pouco ou nada entendiam de questões ambientais, não só passaram a servir a interesses duvidosos (mudanças no tombamento da Serra do Mar, por exemplo), como um deles, que chegou a ser reitor, procurou pirateá-lo, falando em “caixa d’água” para a Mantiqueira, expressão que Aziz havia usado para a Serra do Japi, por dar origem a ribeirões para todos os lados, enquanto a Mantiqueira é uma escarpa para o lado paulista e origina rios que se dirigem a Minas Gerais.

7 - A bem da verdade, deve-se assinalar, é que as aulas de geomorfologia, em 1941, ministradas por João Dias da Silveira, foram muito úteis para a formação científica de Aziz, pois revelaram a ele o *Traité de géographie physique*, que ele tratou de ler e reler, além de Von Engel e outros clássicos. As aulas de João Dias nos anos seguintes foram apenas repetitivas, mas as lições de De Martonne, no *Traité*, abriram os olhos de Aziz para a observação cuidadosa e o estimularam a uma maratona de saídas de campo, por sua própria iniciativa. Assim sendo, passou a entender mais de geomorfologia do que seu professor, e, quando Elina de Oliveira, assistente de João Dias, fez suas viagens a Sorocaba, onde preparava o doutorado, contou com a companhia de Aziz, que assinalou a existência da *fall line* no contato dos dois planaltos e a importância dela, como fonte de energia hidráulica na industrialização de Sorocaba, Piracicaba, Salto, Itu e outras cidades localizadas naquela linha de contato geológico-geomorfológico. João Dias era o orientador oficial, enquanto Aziz se mostrava ser o orientador, de fato, o que não podia dar certo. Pouco antes disto, Ari França havia feito doutorado pioneiro sobre o clima do planalto paulistano, usando as ideias de massas de ar, sob esti-

mulo de P.Monbeig, ideias que Ari França não fez esforço para difundir e que nunca foram usadas nas aulas de climatologia. Diante destas faltas de rigor científico, Aziz acabou dizendo que João Dias não sabia escolher suas auxiliares. Aziz nunca aceitou falsas hierarquias.

8 - Sempre procurando e achando ideias que abrissem caminhos, Aziz acrescentou às lições de De Martonne, a quem não parava de estudar, as ideias sobre o Gondwana (R.Maack), sobre a isostasia no quaternário, e seus efeitos na geomorfologia litorânea brasileira (F.Ruellan), sobre a geologia e a geomorfologia do Pantanal mato-grossense (F.F.Marques de Almeida), nas trocas de experiência com J.J.Bigarella, sempre somadas às suas incessantes excursões que chegaram ao Planalto Central (Barra do Garças). Na AGB de Belo Horizonte (1950), defendeu seu texto *Regiões de circundesnudação pós-cretácea no planalto brasileiro*, publicado no primeiro número do BPG. Por conta deste artigo, Aroldo de Azevedo recebeu correspondência elogiosa dos geógrafos japoneses, cumprimentando a “escola paulista de geografia”, No encontro acima referido, Aziz travou debate com F.F. Marques de Almeida, competente geólogo da Politécnica, mostrando que seu artigo sobre o Pantanal comprovava a “circundesnudação” defendida por Aziz. Na mesma época, Octávio Barbosa, catedrático de geologia da Poli, acabou admitindo que Aziz tinha razão sobre Gondwana. Debates seguintes, como o travado com Victor Leinz, sobre a geologia e a geomorfologia litorânea no Rio Grande do Sul, também acabaram dando razão a Aziz.

A atuação de Aziz em Belo Horizonte impressionou duas figuras que se iniciavam na Geografia: Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e Milton Santos, este último que teve a feliz ideia de convidá-lo a visitar a Bahia. Aziz sempre foi muito aberto à generosidade e aos laços de amizade, o que acabou sendo frutífero. Em outras viagens à Bahia, Aziz sugeriu a Milton que estudasse o centro da cidade de Salvador, como N. Lecoq Muller havia feito em São Paulo. Anos mais tarde, na chefia do departamento de Geografia, Aziz convidou Monteiro para lecionar climatologia na USP, ajudando, assim, a criar uma escola nesta área da pesquisa geográfica.

9 - O que se pode falar sobre Aziz é praticamente inesgotável, mas é importante acrescentar o salto representado pelos contatos com J. Tricart e toda a geomorfologia climática francesa, iniciada por A. Cholley. Estas ideias conduziram Aziz a decifrar os climas, as vegetações e as geomorfologias das várias fases do quaternário e, assim, acabaram levando-o à teoria dos redutos de vegetação nas diferentes fases climáticas, abrindo

caminho para a Teoria dos refúgios zoológicos, de P.E. Vanzolini, que aí chegou graças ao percurso aberto por Aziz Ab'Sáber.

Toda esta carreira brilhante aconteceu sem que nunca Aziz deixasse de cultuar seus antepassados, como fizeram Aroldo de Azevedo, Bigarella e C. Augusto, entre os geógrafos, explicitando sua admiração e gratidão por aqueles que o influenciaram, como as páginas magníficas sobre P. Monbeig e sobre R. Maack, enquanto muitos componentes da jovem-guarda da geografia atual vivem a “angústia da influência” e a decadência.

Diferentemente de muitos pesquisadores que acabam parando com a aposentadoria e, involuntariamente, tornando-se mortos-vivos, geógrafos como Aroldo de Azevedo, Aziz Ab'Sáber, Bigarella, M. Santos e C. Augusto nunca pararam de abrir caminhos intelectuais, e a eles cabem os versos de Bertold Brecht: “Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons, porém há aqueles que lutam toda a vida: estes são imprescindíveis”. São os verdadeiros imortais.



Seminário homenagem à Aziz Ab'Sáber. Manifestação

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro¹

Guimarães Rosa ensinou que as pessoas que amamos não morrem; ficam ENCANTADAS.

A notícia do ENCANTAMENTO de nosso Ab'Sáber chegou-me de um modo ao mesmo tempo estranho e significativo. Residindo em Campinas, a poucos quilômetros da capital, a notícia chegou-me por um telefonema de Manaus. Talvez para registrar o fato de que, dentre a sua produção sobre o nosso Brasil – e mesmo na América do Sul –, a Amazônia ocupou, de como constante, a preocupação do nosso mestre. Por outro lado, a notícia foi-me trazida por um jovem geógrafo da equipe do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA),² o que demonstra que malgrado sua aposentadoria na docência regular, sua permanente atividade na pesquisa e atividade eco-ativista o fazem merecedor da admiração e carinho da nova geração.

Imediatamente após a ligação de Manaus, recebo uma outra de uma simpática jornalista do *O Estadão de São Paulo* que, informada por outro geógrafo de São Paulo do nosso antigo relacionamento, recorria a mim para noticiário relacionado à grande perda. Após alguma hesitação, em face do meu estado de saúde depressivo, diante da gentileza da jornalista, resolvi chamar sua atenção – e a de seus leitores – para o início da carreira – aliás, da “nossa” carreira, pois que nosso conhecimento, por obra das reuniões da renascente Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em 1947, ano em que ingressava no Curso de Geografia e História da Faculdade Nacional de Filosofia, da então Universidade do

1 Professor Emérito da Universidade de São Paulo.

2 Trata-se do geógrafo Reinaldo Corrêa Costa do Núcleo de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais do INPA.

Brasil, no Rio de Janeiro (hoje UFRJ). Ele já adiantado no mesmo curso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Em vez de rivalidade, a relação entre os geógrafos do Rio de Janeiro e São Paulo era de amizade e entrosamento. E a revelação da inteligência e produção do jovem Ab'Sáber granjeou-lhe intensa admiração.

Nos encontros anuais da AGB, a presença de Aziz era um fato à parte. As sessões nas quais ele atuava tinham o espaço das salas insuficientes para comportar o séquito que vinha ouvir-lhe. O jovem geógrafo não só participava das sessões, mas discutia, em pé de igualdade, com renomados geógrafos brasileiros.

Recorrer ao passado (nosso) foi uma estratégia que me ocorreu, porquanto o Ab'Sáber da atualidade é um personagem sempre presente, na sua produção, na sua atuação eco-ativista e grande crítico de projetos governamentais. Quis ressaltar nosso homenageado nos seus princípios, no meado do século passado, quando já era um geógrafo consagrado, destacando-se no nível internacional, com a sua participação no Congresso Internacional de Geografia, realizado no Brasil - na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1956.

Ao comentar com a jornalista o fato de que os deslocamentos de Ab'Sáber nas diferentes sessões era sempre acompanhado de um cortejo de admiradores, provoqueei o riso da jornalista a dizer-lhe que ele foi o primeiro geógrafo brasileiro a possuir um *fan club*.

Finalmente, para ressaltar a legitimidade do ENCANTAMENTO proposto por Rosa, tenho aproveitado esse momento de comentário sobre o pensamento do grande geógrafo para colecionar algumas fotos do Mestre. Sua simplicidade ao segurar prêmios recebidos (e merecidos), como, por exemplo, o JUCA Juca PATO; o destaque do posicionamento das mãos enormes - aquelas prodigiosas mãos que desenhavam no quadro negro, que figuravam mapas e blocos-diagramas da maior clareza didática... aquelas mesmas grandes mãos que cozinhavam para os estudantes durante excursões didáticas; aquelas mesmas que cozinhavam as sopas para os pobres...

Muito obrigado.

Carlos Augusto de F. Monteiro.
22 de maio de 2012



Homenagem a Aziz Ab'Sáber, mestre da geografia brasileira

Domingos Sávio Corrêa¹

Aziz Ab'Sáber marca nossa memória e deixa um rico exemplo enquanto professor de Geografia, geógrafo, cientista e pesquisador, mas também um exemplo de ser humano simples e generoso, além de grande humanista.

Conhecer Aziz Ab'Sáber, através do Prof. Armen Mamigonian, foi um incentivo ao trabalho acadêmico e ao compromisso com um país justo e igualitário. Sempre disposto, recebia a todos que o procuravam no Instituto de Estudos Avançados (IEA), local onde mantinha uma sala para estudos e orientações, pois, em vez de usufruir da merecida aposentadoria, Aziz continuava trabalhando e recebendo interessados em ouvi-lo sobre a Geografia brasileira e o Brasil.

No período da graduação, no âmbito do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), tivemos a oportunidade de assistir algumas de suas palestras sobre aspectos da geomorfologia brasileira. Daquele tempo, certos termos com os quais estávamos nos familiarizando ficaram marcados por relatos e explicações com riqueza de detalhes e sonoridades que ainda ecoam em nossas lembranças.

Com a reverência devida aos grandes mestres, a Geografia brasileira perdeu, no ano de 2012, um dos seus maiores nomes, e o Brasil um de seus mais brilhantes cientistas. À frente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Aziz destacou-se, reverberando a importância da Geografia nas discussões científicas. Presidente de honra dessa Instituição (*in memoriam*), foi homenageado por ter sido

[...] um dos geógrafos mais respeitados do País. Autor de estudos e teorias fundamentais para o conhecimento dos aspectos naturais do Brasil, [...] desenvolveu ao longo de sua extensa carreira de cientista centenas de pesquisas e tratados de significativa relevância internacio-

¹ Professor do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Alagoas, Campus A.C. Simões, Maceió.

nal [...]. (SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 2012)

Aziz Ab'Sáber participou com destaque da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), na Academia Brasileira de Ciências e no Condephaat, entre outros órgãos e instituições. Sua participação nas Caravanas da Cidadania, após a derrota da proposta popular liderada por Lula, em 1989, aprofundou o conhecimento das desigualdades regionais e sociais do Brasil e influenciou na discussão das políticas de inclusão social.

Aziz Ab'Sáber será lembrado por suas importantes contribuições aos estudos de geomorfologia e paleoclima; aos estudos das paisagens brasileiras dos mares de morros, da Amazônia e do Sertão; por sua elaboração teórica dos redutos e refúgios, e pela criação do *Projeto Floram*, entre diversos outros trabalhos, mas também por seu acervo bastante sugestivo da geografia, do sítio urbano e do desenvolvimento de São Paulo, enquanto metrópole. Um exemplo desse legado é o belíssimo conjunto de textos intitulado *São Paulo: ensaios entreveros*, cujo conteúdo demonstra a riqueza e multiplicidade das suas abordagens e interesses, representada por reminiscências pessoais e familiares, estudos sobre a climatologia e a formação da mancha urbana de São Paulo, o tombamento da Serra do Mar, os processos de urbanização, a indústria e o processo da terciarização, bem como palestra sobre a Universidade de São Paulo, trabalhos sobre Florestan Fernandes e Pierre Monbeig, entre os 21 textos da coletânea recheada de mapas e fotografias da cidade.

Aziz Ab'Sáber, natural de São Luís do Paraitinga, não deixou de percorrer São Paulo desde seus primeiros anos, residindo na capital, assim como fez depois pelo Brasil, de carona na caçamba de caminhões, pois sua curiosidade parecia sem limites. Aziz Ab'Sáber era inigualável na exposição sempre clara e didática dos temas científicos, por mais áridos que parecessem. No Encontro Nacional de Geógrafos, de 2008, realizado em São Paulo, na USP, sem ter disponível uma sala para proferir a palestra então agendada, Aziz não se fez de rogado e falou para os estudantes no amplo pátio do prédio do Departamento de Geografia, uma espécie de palco improvisado para estudantes ávidos por conhecimentos e indiferentes ao desconforto e improvisado imposto, pois, acima de tudo, o importante era ouvir Aziz Ab'Sáber.

Em um de seus últimos e significativos gestos, Aziz Ab'Sáber disponibilizou um DVD a ser distribuído para as escolas, instituições e Universidades brasileiras, com a relação de seus textos, centenas de fo-

tografias, mapas, bibliografias e uma entrevista, revelando um precioso acervo de seu trabalho e das imagens que realizou pelo Brasil.

Por tudo isso, Aziz Ab'Sáber permanece vivo em nossa memória, pelo exemplo de despojamento e entrega; generosidade, trabalho honesto e coerência intelectual; engajamento com a ciência, a educação e os destinos do País ao qual se dedicou com afincamento e para o qual produziu um rico acervo de documentos, livros, artigos, textos, mapas e imagens que convidam as novas gerações ao estudo e ao trabalho. Pela abrangência de seu pensamento, pela riqueza de suas considerações e multiplicidade de estudos e enfoques, pode-se afirmar que Aziz Ab'Sáber, além de seu papel enquanto cientista, humanista e cidadão, representa a constituição de um clássico da ciência no Brasil. Infelizmente, foi-se o professor e o cientista, mas permanecem suas ideias, seu trabalho e exemplos inspiradores.

Referências

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Morre nosso presidente de honra professor Aziz Ab'Sáber*. 16 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/site/home/home.php?id=1607>>. Acesso em: 26 abr. 2013.



Professor Dr. Aziz Nacib Ab'Sáber – O humano no cientista

Gerusa M. Duarte¹

Falar sobre Professor Aziz Ab'Sáber, excetuando-se suas produções científicas, é o que me foi pedido. Seria muito mais favorável se tivéssemos tido contato contínuo, como uma aluna ou orientanda, porém, apesar de fragmentadas, foram muito boas as oportunidades de ouvi-lo como palestrante e conferencista, em São Paulo e Santa Catarina, e nas idas e vindas entre auditórios e no Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

As ideias sobre o Professor Aziz me chegaram primeiramente pelo seu nome reconhecido como grande geomorfólogo, e pelos seus trabalhos científicos, por volta de 1966. Após conhecê-lo pessoalmente em atividades na UFSC, comecei a saber de suas posturas políticas definidas, contrárias ao golpe militar de 1964 e em favor das questões ambientais pró-vida, como preparação e suporte do futuro do país. Sem alardes, foi sempre de postura retilínea, pesquisador incansável, observador agudo, mantendo constante trabalho fora da base física da Universidade e assim conhecendo, reconhecendo e discorrendo sobre áreas e fenômenos no espaço brasileiro.

Conhecer e escrever sobre o Brasil me pareceu, ao considerar sua história e suas ações, sua meta a qual, incansavelmente, cuidou até seus últimos momentos de vida. Esta meta o demonstra como um geógrafo pleno, integrador, enxergando o país em vários aspectos humanos (econômicos, educacionais, históricos, de planejamento etc) e físicos, bióticos e abióticos (cobertura vegetal, morfologias, biodiversidade, evolução de associações botânicas, paleoclimas, entre outros).

Preocupava-se muito com a educação e com as condições de vida, principalmente as das populações mais desvalidas, sejam aquelas sem

¹ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

assistência no entorno das cidades, bem como aquelas mais distantes do centro de poder. Suas preocupações com as crianças das periferias das cidades o levaram a praticar e a estimular a criação de Bibliotecas Comunitárias e Mini-Vilas Olímpicas que permitissem condições mais agregadoras das crianças e adolescentes com o restante da família e da própria comunidade, nos lugares já usados (os campinhos) para o futebol mais praticado nos finais de semana.

Entre outras, tinha grande preocupação pela Amazônia, pela Floresta Atlântica e pela biodiversidade.

Em paralelo, quando em cargos administrativos universitários, abriu portas para a exposição das pesquisas de muitos, possibilitando publicações de vários tipos e enriquecendo as trocas e a bibliografia geográfica.

Nos contatos pessoais, a visão que fica é a de um homem sereno, com um leve sorriso nos lábios, com um permanente sorriso no olhar, principalmente quando discorria sobre um tema e parecia que suas recordações e reflexões sobre as paisagens geográficas lhe traziam prazer. Tinha uma paciência “descomunal” no contato com grupos pequenos ou muito grandes de pessoas. Para mim, essa paciência tornava-se nítida, quando ficava rodeado de pessoas que lhe faziam todo tipo de perguntas, cada um interessado na sua. Ele nem conseguia responder tudo, pelo corte que outro fazia. Portanto, era um homem admirado, estimado, que transmitia confiança. Qualquer ricto de zanga, impaciência ou qualquer palavra ríspida não parecia ter guarida, mesmo eventual, em sua prática. Isto não quer dizer que omitia o que pensava ou deixava de indicar ações não aceitáveis, particularmente daqueles que poderiam produzir grandes danos às regiões brasileiras ou ao Brasil, como os políticos e administradores políticos. Isto ele deixava claro em suas palavras escritas, em reuniões e em entrevistas. Palavra forte, porém, polida e, baseada em conhecimentos e reflexões.

Sempre aceitou os convites, desde longa data, para as Semanas de Geografia do Departamento de Geociências da UFSC. Sua postura humana e aberta nos permitia ter contato com seus saberes. A cada retorno, ele sabia qual seria seu público predominante: estudantes de graduação, muitos professores de Geografia do Ensino Fundamental (terminologia atual) e meia dúzia de professores do Departamento. Ele não se fazia de rogado, como outros convidados, com idades muito menores e que faltavam na última hora ao convite.

Ultimamente, liberava uma ou outra queixa sobre sua saúde, porém, não era pessoa que falasse abertamente sobre si próprio ou os seus.

Na verdade nem era propriamente queixa, e sim a constatação de algo a lhe atrapalhar. Dessa maneira, fez uma referência aos quartos pequenos de hotéis e ainda cheios de cadeiras, mesas baixas, móveis pontiagudos – seus olhos começavam a se incomodar. Um dia, disse: “me cegaram”. Imaginei a dor não expressa de quem tão ativo e ágil começava a perder sua liberdade de ir e vir. Iniciava-se a dependência de outros. Em outra vez, referiu-se ao diabetes. Mas, com todos esses percalços, ele continuou ativo por muitos anos, como se nada tivesse. Homem sábio, de fibra.

Quando vinha à Florianópolis, gostava de ir ao Mercado Público, onde comprava camarões bem embalados para levar para a família. Porém, o fazia sem que notássemos, em horário que não atrapalhasse suas atividades na UFSC, e nem solicitava qualquer ajuda ou informação. Fazia o percurso a pé, entre o Mercado e o Hotel.

Sua preocupação com o Brasil e os brasileiros, sua postura política retilínea, sem autopropaganda, sem alarde, o levou a acompanhar o candidato à Presidência da República Brasil afora. Posteriormente, quando as mudanças ocorriam em outras direções distintas de sua visão de Brasil e de seu modo de viver, deixava claro sua contrariedade. Quando veio para a última reunião da SBPC, em Florianópolis, seu estímulo para estudar, enxergar e engrandecer o Brasil soava firme e decidido, alimentando uma multidão de jovens que lhe escutavam e que, de fato, queriam essa força, esse alento.

No seu grande vocabulário, fazia questão em manter pronúncias que o colocavam como membro de população interiorana de São Paulo. Demonstrava, assim, sua origem que queria manter e seu reconhecimento por ela e pelo “seu povo”.



Aziz Nacib Ab'Sáber: o professor

Gervasio Rodrigo Neves ¹

Quero agradecer à Universidade Federal da Bahia (UFBA), ao curso de pós-graduação em Geografia e à minha generosa amiga Maria Auxiliadora da Silva, pelo convite, e à Fundação Ulysses Guimarães, pela minha presença aqui, entre vocês, neste *Seminário Nacional: Caminhos de Ab'Sáber, Caminhos do Brasil*, no qual quero também destacar o papel de uma pessoa cuja vida foi sempre ensinar a caminhar pelas sendas do conhecimento, com os pés no chão do Brasil.

Permitam-me repetir o que Aziz Nacib Ab'Sáber escreveu no artigo em homenagem a Jean Tricart, em *Da teoria à prática da Geografia global*, obra organizada e aqui apresentada por Teresa Cardoso da Silva (2011): “Os anos passam e vão desaparecendo nossos mestres e grandes companheiros. Todos nós iremos para o cosmos, como nos dizia o inesquecível Darcy Ribeiro”.

Aziz Nacib Ab'Sáber está no Cosmos e, assim, em tudo. E repito como eco as suas palavras: “nos escritos e criatividade...”, que estão aqui presentes nesta homenagem que é de memória e de emoção.

A homenagem que faço a Aziz Nacib Ab'Sáber é a de seu aluno na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e orientando no mestrado na Universidade de São Paulo (USP). É a recordação, sempre presente, de sua atividade científica e política. De sua militância, não de partido, mas, tal como Milton Santos, de ideias.

Não farei aqui referências à produção científica de Aziz Nacib Ab'Sáber, objeto das homenagens dos cientistas, professores e de seus amigos e companheiros que participaram deste Seminário durante o turno da manhã, aos quais trago meu afeto, admiração e respeito – Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Maria Adélia de Souza, José Bueno Conti, Alfredo Teles de Carvalho e Leonardo Almeida dos Santos, bem

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

como os que aqui estão agora, como Armen Mamigonian e os estudantes Reinaldo Correa da Costa e Willian Antunes de Souza.

Quero lembrar sua exemplar e fascinante atividade de ensino-aprendizagem, o seu elã pedagógico, a sua didática que, pela razão e emoção, abriam novas perspectivas e novos conhecimentos da dialética da Natureza.

Quero lembrar o professor em sala de aula: seu desempenho e capacidade de, escrupulosamente, orientar a elaboração e a divulgação do conhecimento, construindo os caminhos do Brasil, tema deste seminário. Caminhos que só serão solidamente pavimentados pela alta qualificação da educação e do ensino e da responsável formação de professores.

Quero mais uma vez utilizar as palavras de Aziz como escreveu no seu artigo de homenagem a Pierre Monbeig, na revista da USP, *Estudos Avançados*, *Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo* (1994):

É muito difícil falar de um mestre geógrafo que era admirado e venerado pela grande maioria de seus alunos. Mas seria indigno, para qualquer um de seus discípulos vivos, deixar de registrar a memória que tem de um professor diferenciado que marcou o destino cultural de toda uma geração.

Quero, assim, lembrar o exemplar professor Aziz Ab'Sáber. Conheci Aziz Ab'Sáber como professor de geomorfologia geral e do Brasil, no curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS.

Encontrei nele, passado meio século, a extraordinária alegria e responsabilidade de ensinar que se traduziam pela utilização de técnicas de ensino que, carinhosamente, também as fazia lembrar seus mestres: Aroldo de Azevedo, Pierre Monbeig e Jean Tricart, entre outros.

A grande novidade que trazia ao curso de Geografia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras foi a realização dos "trabalhos de campo", a geografia de *plein vent*, segundo a expressão de Lucien Lebre. Nosso horário de aulas era exclusivamente matutino, pois o regimento interno da Faculdade garantia aos seus alunos a possibilidade de trabalhar, e todos nós precisávamos trabalhar. Apesar dessa limitação, superávamos a condição adversa, ao utilizarmos os sábados e, frequentemente, os domingos e feriados à realização de "excursões" ou de trabalhos de campo, o que era uma novidade absoluta no curso e na formação dos então bacharéis, nos tempos em que esta titulação era necessária para o curso de licenciatura, quando também nos propúnhamos ser professores.

Aziz observava a seus alunos com muita ênfase, a necessidade de “ver para fazer ver” e, o que era mais importante, para refletir e analisar os múltiplos signos da natureza e de seus processos.

“Ver para fazer ver”, expressão tão cara a Teilhard de Chardin como a Fernand Braudel, era uma das técnicas mais provocativas do processo de ensino. O trabalho do geógrafo, dizia Aziz, necessitava do olhar de pássaro: do alto, na vertical e na horizontal, e, simultaneamente, o de Tatu, penetrando na terra. Ver os grandes horizontes, as “superfícies de erosão”, o mais aproximado dos detalhes (como observou no trabalho científico de Jean Tricart), da composição, da cor, da textura e da posição do manto de meteorização, das linhas de pedra, dos fragmentos estáticos e em movimento das vertentes e em suas formas. “Ver para fazer ver” significava treinar o olhar múltiplo das representações da natureza e das sociedades; da imobilidade e do movimento.

Incentivava e intensificava a observação, provocando os questionamentos capazes de criar as explicações e interpretações. Esse era o grande desafio de Aziz.

Lembro, com prazer, as observações de Aziz sobre os *stone lines*, as colinas do Gravataí, as indicações no terreno, nas rochas das modificações climáticas, a formação das barras, dos meandros, dos terraços; no entanto, sempre, no fundamental, enfatizando a evolução: um planeta sempre em transformação. Enfim, das condições dadas e determinadas aos homens para construírem seus espaços, suas moradas no Cosmos.

Lembro que Aziz nos surpreendeu com suas aulas expositivas críticas e inovadoras, por sua exigência preliminar do conhecimento e da pesquisa bibliográfica. Aziz recomendava não só a bibliografia de sua disciplina, mas ampliava os nossos horizontes, como recorro quando recomendou que comprássemos o livro de Manuel Diegues Júnior, *O que é preciso ler para conhecer o Brasil*, além de obras e artigos específicos de cada aula e quando, além disso, cobrava nosso trabalho de organização dessa mesma bibliografia nos famosos “cadernos”.

Depois da sua própria revisão bibliográfica, iniciava sua exposição com voz clara e precisa, e, além disso, empregando as palavras e os conceitos exatos e coerentes, segundo as respectivas teorias.

Outra característica da *praxis* do professor Azis Nacib Ab’Sáber foi o pleno uso do “quadro negro”, da “lousa”, como ele mesmo dizia, e do giz, não só do tradicional branco, como os de cores, o que era absolutamente novo em sala de aula. Não giz para escrever, sumarizar o conteúdo, mas o giz para desenhar, descrever com a arte do desenho.

Em traços rápidos, vigorosos e precisos, desenhava os perfis topográfico-geológicos para, logo a seguir, com agilidade e precisão, esboçar, através de linhas em diferentes pontos de fuga, blocos e diagramas, nos quais acrescentava, em traços curtos e longos de diferente espessura, as sombras, dando-lhes a percepção tridimensional.

Palavras, frases, modulações de voz e desenhos: assim eram as aulas de Aziz Ab´Sáber no seu trabalho pedagógico.

Não tenho nenhum receio em dizer que o professor realizava com arte e com imenso prazer um generoso processo de ensino e aprendizagem. Estão ainda na minha memória os desenhos de Aziz, as efêmeras obras de arte na arte de ensinar desenhadas e “apagadas” na lousa. Não se tratava do desenho final apresentado, era também o movimento, os movimentos da construção.

Com todos esses recursos, Aziz criou não só o seu destino, mas também, e exemplarmente, dos outros.

Ele foi o professor.

Referências

AB´SÁBER, Azis Nacib. O legado de Jean Tricart para as ciências Geográficas. In: SILVA, Teresa Cardoso da (Org.). *Da teoria à prática da geografia global*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2011. (Série Livros Geográficos, 3).

AB´SÁBER, Aziz. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, 1994.

BRAUDEL, Fernand. *A identidade da França*. Rio de Janeiro: Globo, 1989. 1. 1

CHARDIN, Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1989.

DARDEL, Éric. *L´Homme et la terre: nature de la réalité géographique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

FISCHER, Luís Augusto. Porto Alegre. *Zero Hora*, Porto Alegre, 31 mar. 2012. p. 2.

GAUTIERE-MODENESI, May et al. (Org.). *A obra de Aziz Ab´Sáber*. São Paulo: Beca-Baal Edições, 2010.

GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvonne (Org.). *Identidade e memórias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

LOPES, Reinaldo José; VARSOLATO, Mariana. Geógrafo Aziz Ab´Sáber morre aos 87 anos. *Folha de São Paulo*, São Paulo. 17 mar. 2012. Ciência, p. C11.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Contribuição de Ab´Sáber à geografia urbana no Brasil. In: MODENESI-GAUTIERI, May Christine, et al. (Org.). *A obra de Aziz Nacib Ab´Sáber*. São Paulo: Beca-Baal Edições. 2010.

NEVES, Gervasio Rodrigo *O curso de Geografia*, In: GUEDES, Paulo Coimbra; SANGUINETTI, Yvonne (Org.). *Identidade e memórias*. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1994.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem*. Porto Alegre. L&PM, 2009.

SILVA, Teresa Cardoso da (Org.). *Da teoria à prática da geografia global*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2011. (Série Livros Geográficos, 3).

SUERTEGARAY, Dirce. *A passagem de Aziz Ab´Sáber pelo Rio Grande*. Zero Hora, Porto Alegre, 7 abr. 2012. Cultura, p. 6.

TRICART, Jean. A geomorfologia e o pensamento marxista. Tradução de Marília Barros de Aguiar. SILVA, Teresa Cardoso da (Org.). *Da teoria à prática da geografia global*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2011. (Série Livros Geográficos, 3).

TRICART, Jean. La géomorphologie et la pensée marxiste. *La Pensée*, Paris, n. 69, 1956.



Ao professor Aziz Nacib Ab'Sáber. A nossa eterna gratidão

Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano - PEU (UFBA)¹

§ 1

Bom dia a todas as senhoras e todos senhores presentes neste auditório. Muito nos honra a presença de todos e, em especial, dos professores que passaram horas viajando. O Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU) tem a satisfação de organizar o *Seminário Nacional: Caminhos de Ab'Sáber. Caminhos do Brasil*, juntamente com o Departamento e o Programa de Pós-graduação em Geografia, a Fundação Ulysses Guimarães e a Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

O Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU) foi fundado em 1997, pela Professora Maria Auxiliadora da Silva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o intuito de agregar estudantes carentes da graduação para uma iniciação à pesquisa, segundo desejo do Professor Milton Santos, pouco antes de sua partida. Isso só foi possível graças à iniciativa da Professora. Marie Hélène T. Santos, em 2002. Assim, 15 bolsistas já passaram pelo grupo, todos eles atualmente mestres, professores do ensino médio ou empregados em órgãos estaduais e federais. Hoje, o grupo conta com cinco bolsas. Atualmente, o grupo é coordenado pelos professores: Denise Magalhães, Climaco Dias, Claudemiro Neto e pela Professora Maria Auxiliadora da Silva; dele, também fazem parte estudantes mestrando e doutorando em Geografia, orientando da Professora Maria Auxiliadora da Silva.

¹ Integrantes do Grupo: Flávia Batista Damares, Gilma Brito, Harlan Rodrigo da Silva, Itaciane dos Santos Ramos, Jéssica Gleizer, Leonardo Almeida dos Santos, Lucas Castro Uzeda, Marcos Vinícius Almeida Conceição, Paula Regina de Oliveira Cordeiro, Willian Guedes, Willian Morais Antunes de Sousa.

Trabalhamos para desenvolver as nossas pesquisas, mas, também, em eventos do grupo sobre questões atuais da nossa disciplina, a exemplo dos quatro seminários em homenagem ao Pensamento do Professor Milton Santos e do *I Simpósio Nacional de Geografia Literatura e Arte*, em 2010, que homenageou o Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, tendo como resultado a edição de um livro dedicado ao Professor Aziz Ab'Sáber. Em 2009, Ano da França no Brasil, organizamos o Seminário Tricart: Um Gênio, Criador de Vocações. Em 2011, o grupo se empenhou na realização do *Seminário: Dez anos sem Milton Santos*, que ficará para sempre em nossas memórias, e o *Seminário Ibero-Brasileiro: Território e Desenvolvimento em Portugal e Espanha*, em parceria com as Universidades de Coimbra e Salamanca, entre outros.

Temos a certeza de que este Seminário *Caminhos de Ab'Sáber. Caminhos do Brasil* também será enriquecedor, no que tange às ideias do professor homenageado, bem como à bonita cerimônia de outorga dos Títulos de Professor *Honoris Causa* aos Professores Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e Aziz Ab'Sáber (*post mortem*).

A proposta dessa homenagem foi germinada pela Professora Marie Hélène T. Santos e absorvida integralmente pelo grupo.

§ 2

Falar do Professor Aziz Nacib Ab'Sáber, uma das grandes referências que a Geografia brasileira já conheceu, não é uma tarefa fácil. Especialmente para nós, estudantes, donos de inexperientes passos dentro da Geografia, diante da dificuldade em expressar toda nossa admiração e respeito ao grande mestre. Grande mestre que tanto nos inspira e faz com que nos deleitemos diante de suas opulentas obras.

Aluno estudioso na adolescência, como bem afirmou em livro recente, *O que é ser geógrafo*, seu interesse pela Geografia custou um pouco a chegar. Entretanto, para a nossa sorte, é a partir da segunda metade do ginásio que seu interesse surgiu. Diz ele:

Até então ninguém tinha conseguido fazer com que eu me interessasse pela geografia [...] De repente, assisti as aulas de um professor de história que se apoiava em fatos de geografia regional, situava os acontecimentos em cima do espaço real, a expansão de certos tipos de fatos sobre áreas diversas do mundo. Eu me senti muito estimulado e interessado por aquela interface entre tempo e espaço – ou espaço e tempo. (AB'SÁBER, 2007, p. 31)

Graças aos estudos de Geografia regional, a nossa ciência ganhou mais um adepto de grande coragem e robustez: qualidades necessárias para o enfrentamento das questões políticas, teóricas e metodológicas.

O Professor, quando ainda jovem, na carreira acadêmica, em 1949, escreveu o artigo: *Regiões de circundesnudação pós-cretácea no planalto Brasileiro*, já aí mostrando sua posição como cientista na sociedade de geógrafos.

§ 3

Grandes contribuições ao avanço da ciência geográfica não faltaram da sua parte. Autor de diversos estudos, que perfazem todos os ramos da Geografia, criou ideias e teorias fundamentais para o entendimento dos aspectos naturais e humanos do território brasileiro. O Professor Ab'Sáber foi o primeiro a delinear os grandes Domínios Morfoclimáticos do Brasil. Ainda no quesito das contribuições, destacamos os seus trabalhos Linhas de Pedras e a Teoria dos Redutos, considerados por ele como fundamentais em sua obra.

§ 4

Mesmo aposentado, Ab'Sáber nunca parou de trabalhar. Seu estilo disciplinar para com as pesquisas lhe legou uma generosa obra, em volume e conteúdo. Uma característica que o acompanhou até os últimos dias de sua vida. Nas vésperas do seu falecimento, ele se dirigiu à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), para entregar o seu trabalho, um conjunto de estudos em DVD, feitos desde 1946 até 2010. Em dedicatória, ele afirma: “Tenho o grande prazer de enviar para os amigos e colegas da Universidade o presente DVD que contém um conjunto de trabalhos geográficos e de planejamento elaborados entre 1946-2010 [...]”. (SOCIEDADE ..., 2012)

A sua visão de mundo foi marcada por um humanismo fino, diríamos, próprio de alguns geógrafos: uma preocupação com as desigualdades sociais no território. O seu ideal era uma vida melhor para todos. Aliás, esse foi o traço singular dos seus valores. Podemos notar essa preocupação nas palavras do próprio Aziz, ao falar sobre uma de suas pesquisas de campo:

[...] para o Brasil, onde existem grandes extensões, temos que estar pensando em todos aqueles que nasceram em seus confins mais necessitados [...] E ficamos pensando naquele pessoal que nunca tomou café com leite, pão com manteiga, ou qualquer coisa de manhã, a não ser açaí esmagado e, assim mesmo, um pouquinho para cada um, casal e três filhos. (AB'SÁBER, 2007, p. 159)

Professor Aziz foi encontrar, certamente, com um abraço afetuoso, tantos outros nomes importantes da Geografia, como o nosso mestre maior, Professor Milton Santos, bem como a Professora Ana Clara Torres Ribeiro e os Professores Mauricio de Abreu, Pasquale Petroneo, Alexandre Souza da Rocha e Jonildo Chaves Albuquerque.

O que nos resta, então, para dizer, diante de tanta grandiosidade, humildade, dedicação, amor pela Geografia, responsabilidade social e descobertas? Definitivamente, não sabemos. Talvez, nem os versos mais airosos de um grande poeta seriam capazes de expressar todo o seu valor.

Ao Professor Ab' Sáber, nosso eterno respeito, admiração e gratidão por toda sua contribuição para o avanço da ciência geográfica.

Agradecemos a todos os professores e professoras, hoje presentes, pelos escritos que, cada um ao seu modo, ajudam-nos no reconhecimento da história do presente.

Dessa forma, aqui na Bahia, seguimos a jornada dos estudos e pesquisas em Geografia.

Referências

AB'SÁBER, A. *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Sáber / em depoimento a Cynara Menezes*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. *Ao Aziz com carinho*. Disponível em <<http://www.sbpcnet.org.br/site/noticias/mostra.php?id=1608>>. Acesso em: 25 abr. 2012.



Professor Aziz Nacib Ab'Sáber

João José Bigarella¹

O meu contato com o emérito Professor Dr. Aziz Nacib Ab'Sáber vem de longa data.

Comecei a trabalhar na área de geociências em 1944, na divisão de Geologia e Mineralogia do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT). Iniciei meus trabalhos de pesquisas nas áreas de sedimentologia e estratigrafia, desenvolvendo um interesse especial pela interpretação ambiental, seja das bacias de sedimentação e dos processos ocorridos na área fonte dos sedimentos. Procurei também entender as várias escolas geomorfológicas de interpretação do relevo terrestre.

Em 1946, o Diretor do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), Dr. Marcos Augusto Enrieti, mandou-me estagiar no Departamento de Mineralogia e Petrografia, e igualmente no de Geologia e Paleontologia da Universidade de São Paulo (USP).

Nessa ocasião, vim a conhecer Aziz que, na época, estudava no curso de Geografia. Ele participava nos trabalhos de campo e já então questionava frequentemente os professores, quando expunha suas ideias, discordando daquelas dos mestres.

Em uma excursão realizada em 1946, com professores e alunos da USP, para o norte do Paraná, destacava-se a participação do aluno Aziz Nacib Ab'Sáber. De Londrina para o oeste, o percurso foi realizado em um caminhão simples, com bancos de madeira. Em dias de chuva, a estrada aberta no solo vermelho transformava-se em um lamaçal que obrigava os participantes a empurrar o veículo.

Em dias de sol, ficávamos com a pele vermelha pelo acúmulo de pó. Era a chamada "terra roxa", de grande fertilidade.

Em 1953, participei da reunião da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em Cuiabá, cuja excursão foi guiada por Aziz. O destino era a visita a um seringal na bacia amazônica, pouco além do divisor do Prata-Amazonas. Da última cidade do seringal, seguia-se a pé um

¹ Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

caminho estreito até o topo da chapada, para depois descer no retorno, na parte mais elevada no divisor de águas.

Aziz subiu em uma pedra e iniciou sua fala, a propósito das superfícies de erosão que cortavam os chapadões, afirmando que truncavam as formações cretácicas.

Durante a discussão em campo, não comentei nada, mas me manifestei depois.

Aziz desceu da pedra, chamei-o e mostrei-lhe que a chapada não tinha sedimentos cretácicos, e que a superfície cortava rochas do embasamento cristalino. A partir desse momento, abriu-se entre nós a perspectiva de uma futura colaboração.

Em uma ocasião, conduzindo seus alunos na região de Curitiba, Aziz foi mostrar e comentar os sedimentos da Formação Guabirotuba.

À noite, os estudantes me procuraram em minha residência para comentar detalhes e discutir acerca da minha interpretação. Respondi que em casa não iríamos resolver a questão. Coloquei-me à disposição para, no dia seguinte, irmos a campo, no entanto, Aziz me informou que viajaria cedo para o sul, não havendo possibilidade de voltar ao local.

Sugeri, então, que fôssemos à noite, iluminando com os faróis do carro o afloramento. Neste momento, mesmo sem ir a campo, falou: aceite sua opinião. O problema foi resolvido.

Em 1953, passei a colaborar com os cursos da Contadoria e Auditoria-Geral do Estado (CAGE) para formação de geólogos em diversas Universidades, principalmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na qual, pouco mais tarde, Aziz também passou a lecionar.

Em 1961, por ocasião do Congresso Brasileiro de Geologia, em Brasília, professores e alunos da área de geociências saíram de Porto Alegre em um ônibus que parava com frequência nos afloramentos, ao longo do trajeto. No retorno, voltamos por Minas Gerais. Em um compartimento topográfico relativamente pequeno, Aziz explicava a presença de sedimentos, segundo a Escola Francesa de Geomorfologia, e mencionando seguidamente os trabalhos de Tricart.

Nos meus 15 anos de trabalho de campo, procurei entender todas as escolas de pensamento, mas nenhuma delas conseguia explicar adequadamente o quadro das superfícies de erosão.

A parada que fizemos naquele compartimento mineiro foi muito conveniente. Nada foi mencionado a propósito do material logo abaixo da superfície de sedimento.

Na época, juntamente com o Professor Riad Salamuni, estávamos levantando várias sessões estratigráficas cenozóicas em Santa Catarina. Em um dos trabalhos de campo, ao descermos a Serra de Iquererim, no sentido de Joinville, deparei com superfícies pedimentares no sopé da Serra, entre Itajaí e Balneário Camboriu; encontramos na localidade de Canhanduva uma sessão estratigráfica truncada por um pedimento. Esse corte de estrada mudava a conceituação da interpretação geomorfológica.

Convidamos, então, o Professor Aziz a visitar o corte. Discutimos amplamente o assunto e chegamos a mudar alguns conceitos antigos das escolas europeias e americanas.

A partir de então, passamos a colaborar. Em 1963, fui agraciado com uma bolsa do Deutscher Akademischer Austauschdienst da Alemanha, quando em várias Universidades tive a oportunidade de apresentar fotografias e diagramas das camadas Canhanduva.

Em Goettingen, o Professor H. Mortensen ficou impressionado com as fotografias dos pendimentos que demonstravam um período de clima semiárido durante um período de clima frio, com nível do mar baixo, acompanhando uma glaciação pleistocênica.

O conceito europeu era de que, nessa situação, o clima nas regiões tropicais deveria ser muito mais úmido. Compreendi esse conceito europeu, o qual se baseava nas pesquisas realizadas nas regiões periféricas fluviais da região do Saara, onde o clima tornava-se mais úmido – como pude verificar no deserto do Saara –, com a presença de pedimentos.

Em outras palavras, constatamos que nas regiões áridas o clima se umidificava e que nas regiões úmidas tornava-se semiárido.

Junto com Aziz, a convite do Professor Mortensen, escrevemos então um trabalho sobre esta problemática, tendo sido traduzido ao alemão. Foi publicado em 1964, na revista *Zeitschrift fuer Geomorphologie: Palaeogeographische und Palaeoklimatische Aspekte des Kaenozoikums in Suedbrasilien* (Vol. 8).

A partir desse momento, em contatos pessoais no campo, discutimos bastante e pude colaborar em vários trabalhos publicados posteriormente.

Guardo do Professor Aziz a lembrança de uma grande amizade e profícua colaboração científica.



Depoimento sobre o professor Aziz Nacib Ab'Sáber

José Bueno Conti¹

A data de 16 de março de 2012 ficará marcada como uma das mais tristes da Geografia brasileira, por ter sido o dia da partida definitiva do Professor Aziz Nacib Ab'Sáber. Uma perda imensa que empobreceu o mundo da ciência e da cultura de nosso país.

A Geografia o tinha como um de seus mais destacados representantes, pela qualidade e extensão da obra que deixou e pela justa reputação nacional e internacional de que desfrutava.

A Universidade de São Paulo (USP) foi seu espaço de realização acadêmica, de ensino e de pesquisa.

Ingressou, em 1941, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, então, em seus primeiros anos de funcionamento, classificando-se em segundo lugar no vestibular para o curso de Geografia e História. Nessa época, era importante a presença dos professores franceses, e Aziz foi aluno de Pierre Monbeig, Roger Dion, Louis Papy e de outros que lhe proporcionaram sólida formação humanística. Em 1947, aos 23 anos, recém-formado, publicou seu primeiro trabalho, intitulado *Geomorfologia da região do Jaraguá*, nos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, e, a partir de então, passou a desenvolver uma extraordinária carreira de docente e pesquisador, tendo realizado mais de 400 trabalhos, os quais, em 2011, foram reunidos e publicados em um só volume (complementado por um CD) pela Editora Becca, de São Paulo, sob o título *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*.

Até o seu passamento foi uma figura maiúscula da Geografia brasileira, sendo, de todos, o mais premiado. Recebeu a Grã Cruz em Ciências da Terra, pela Ordem Nacional do Mérito Científico; o Prêmio Internacional de Ecologia, de 1998; o Prêmio UNESCO para Ciência e Meio Ambiente, ocupando, ainda, o cargo de Membro Honorário da Sociedade de Arqueologia do Brasil, do Instituto de Estudos Avançados da

1 Professor Titular da Universidade de São Paulo (USP).

USP, e de Presidente de Honra da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Como docente, foi homenageado, muito merecidamente, com os títulos de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Sua Tese de Doutorado, sob o tema *O Sítio Urbano de São Paulo*, defendida em 1956, forneceu importantes subsídios para o projeto do metrô de São Paulo, tal a qualidade científica do trabalho.

Teve participação importante no XVIII Congresso Internacional de Geografia, promovido pela União Geográfica Internacional, no Rio de Janeiro, em 1956, sendo coautor de um dos Guias de Excursão daquele evento (o de nº 4: *Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo*). Foi um dos pioneiros nos estudos do *Quaternário e da Paleogeografia Brasileira e da América do Sul*, propondo, em 1967, a divisão do espaço brasileiro em *Domínios Morfológicos e províncias fitogeográficas*, estudo que complementou, de certa forma, o de Aroldo de Azevedo, de 1950, *Regiões Clímato-Botânicas do Brasil*. Em 1977, apresentaria *Os domínios morfoclimáticos na América do Sul – primeira aproximação*.

Foi, também, o primeiro a estudar o problema da desertificação e da savanização no Brasil intertropical, antecipando-se à I Conferência Mundial sobre Desertificação, convocada pela ONU, em Nairobi (Quênia), em 1977.

No campo teórico, elaborou a Teoria dos Redutos, que está para a Geografia assim como a Teoria dos Refúgios está para a Zoologia, além de inúmeros outros trabalhos de excelência que muito ajudaram no encaminhamento da discussão de problemas ambientais, como, por exemplo, o controvertido projeto de transposição das águas do rio São Francisco.

Aziz Ab'Sáber não foi apenas um brilhante estudioso da natureza brasileira mas um seu destemido defensor, liderando inúmeras campanhas em favor do meio ambiente, muitas delas vitoriosas, graças à força de seu talento

Avaliar, na sua inteireza, a obra do Professor Aziz é quase uma missão impossível, dada a sua imensa dimensão. É uma contribuição muito consistente em todos os sentidos e de enorme relevância para o conhecimento e interpretação da natureza brasileira e, por extensão, do mundo tropical como um todo.



Homenagem ao professor Aziz Nacib Ab'Sáber

Marco Antonio Tomasoni¹

O Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia (UFBA) é hoje agraciado com a grande honra de poder dar boas vindas a todos os presentes neste memorável evento em homenagem ao grande mestre Aziz Nacib Ab'Sáber.

Dirijo-me a todos os presentes, em especial aos que aqui vieram de longe prestar esta significativa homenagem, e peço antecipadamente desculpas, por não poder aludir todos tão ilustres cidadãos aqui presentes, pois este auditório está repleto de pessoas às quais temos muito respeito e admiração e que representam a história viva e atuante, não só, mas, principalmente, da Geografia brasileira. Obrigado a todos vocês, por dividirem tão representativo e significativo espaço e tempo; alguns dos quais aguardamos ansiosamente por seus relatos sobre o homenageado.

Faço menção especial a um de nossos tão queridos professores, o Professor Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, que aqui se faz presente e que também foi homenageado, no dia 22 de maio de 2012, com o título de Doutor *Honoris Causa*, na reitoria da UFBA, às 17h.

Muito obrigado, Professor Carlos Augusto, pela sua presença, honrando nossa instituição e abrilhantando nosso evento, que é fruto de trabalho coletivo e cuja maestria harmoniosa devemos à Professora Maria Auxiliadora.

Queríamos que a soma de todas as palavras ditas e escritas pudessem ser ouvidas pessoalmente pelo professor Aziz, e também que hoje fosse um dia totalmente festivo, mas, certamente, não será triste, mas saudoso. Sabemos que qualquer palavra dita ou escrita não pode aliviar a dor de seus familiares e íntimos amigos, mas alentam, especialmente ao ver que o espírito brilhante do professor Aziz estará sempre presente

¹ Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia.

entre nós. À dona Cléa e aos filhos podemos dizer que admiração é um sentimento nobre, e ao discorrer sobre demonstra a grandeza do mestre que tão generosamente dividiu sua convivência com o Brasil e o mundo.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que, graças ao esforço da Professora Maria Auxiliadora e de seu grupo de pesquisa *Produção do Espaço Urbano* (PEU), pude receber a maior honraria que já tive até hoje: a de poder dirigir a esta plenária algumas palavras sobre o querido Professor Aziz Nacib Ab'Sáber. Represento, aqui, uma enorme plêiade de pessoas que têm profunda admiração pela vida e pela obra do Professor Aziz. Queria eu poder falar-lhe pessoalmente o quão importante a sua imagem de cidadão, cientista político e patriota significa para mim e para minha formação, bem como para muitos de várias gerações. Mas a vida caminha, e o mestre partiu, mas sem nos deixar órfãos, pois sua obra e exemplo permanecem.

Meu papel aqui é o de acolher nossos ilustres convidados, que, com propriedade, falarão sobre o homenageado. No entanto, não poderei deixar de fazer uma breve retrospectiva deste evento e de sua importância, finalizando com algumas palavras de cunho pessoal. E aqui peço, mais uma vez, licença aos que foram íntimos amigos do professor, pois, embora – e digo infelizmente – minha convivência com o professor Aziz não tenha passado de alguns apertos de mão e de algumas palavras trocadas em um ou outro evento pelo Brasil, ainda assim, posso dizer que seu exemplo de ciência cidadã foi e continuará sendo um paradigma norteador na ciência e na ética.

Relato agora um pouco do espírito deste evento, após a tramitação burocrática (infelizmente “meândrica” e longa demais), pois o processo de concessão do título de *Honoris Causa* é alongado demais e foi concluído graças às intervenções da nossa querida Professora Maria Auxiliadora. Após a definição das datas, a professora ligou para os Professores Carlos Augusto e Aziz. Era uma quarta feira, 14 de março. No dia seguinte, a professora relatou, sorridente, a conversa que teve com os mestres e, para a nossa imensa alegria, o professor Aziz confirmou presença e disse que possivelmente viria com a Senhora Cléa (sua esposa). Então, os corações aceleraram e, nesse dia e nos seguintes, os estudantes, entusiasmados com a notícia, puseram-se a trabalhar para organizar a homenagem. Mas, como não somos regentes de nosso destino, na sexta-feira, a notícia do lamentável fato acontecido derrubou todos.

A lacuna aberta em nossos corações foi imensa; o chão sumiu e o pesar instalou-se em nossa alma e, em minha casa, demoraram a entender o motivo de meu pranto. Mas a vida segue e continuou com a lide

burocrática, fazendo-nos proceder com a homenagem que agora honra nossa Universidade. E tudo está acontecendo graças à Professora Maria Auxiliadora.

As memórias

Seria muito difícil encontrar um caminho para explicar *Os caminhos de Aziz Ab'Saber*. A vasta obra caminha por ricos e diversos temas, os quais podemos ter acesso facilitado através das 4.320 páginas dos artigos; das 731 páginas do livro; das 39 páginas de mapas e blocos diagramas; das 215 páginas com fotos de seus trabalhos e das 34 páginas de sua bibliografia, totalizando 5.339 páginas, contidas no DVD do livro *A obra do professor Aziz Ab'Saber* (editora BECA-Ball, 2010, com apoio da Petrobras), entre as inúmeras revistas, livros, jornais, entrevistas etc.

Sendo assim, opto pelo relato pessoal e dividirei com todos, aqui, um pouco de meus sentimentos. Lembrarei, para todo o sempre, do primeiro e emblemático encontro em minha história de vida, quando, em 1985, tive a oportunidade de ouvir pela primeira vez o professor Aziz. Éramos do centro acadêmico de geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (CALIGEO - UFSC), e o Professor Aziz proferiu a fala inaugural da Semana de Geografia da UFSC que organizávamos, tendo sido realizada no Colégio Estadual, próximo à antiga Escola Técnica Federal de Santa Catarina. A entrada em cena daquele cidadão no evento foi emblemática. Os neófitos graduandos se perguntavam: quem é aquele homem? Você viu? E os veteranos diziam: é o Professor Aziz Ab'Saber. Poderia, talvez, estender longamente minha fala, mas foi a partir daquele momento, a partir do vigor e da empolgação das palavras por ele proferidas, que a minha opção pela Geografia e pelo tipo de abordagem na Geografia foram traçados. E não era somente pela Geomorfologia; era por uma Geografia apaixonada e apaixonante, que tinha em seu cerne um olhar detalhista. Mas, naquele momento, a Geomorfologia me apareceu como um estalo, um *insight*.

Esse interesse foi reforçado pela convivência direta com as Professoras Neyde Almeida e Maria Dolores Buss, que abriram minha perspectiva para a Geomorfologia como importante faceta de compreensão da paisagem. As obras lidas identificavam o rigor da análise, a estrutura do discurso e a capacidade de comunicação, e tudo isso se tornou base essencial na minha caminhada na Geografia e também daqueles muitos

estudantes com quem dividi e ainda divido minha vontade de ser professor.

O Professor Aziz sempre teve um brilho e um ímpeto que contagiavam as pessoas que o conheciam. Pude ver isso algumas vezes, e todas elas foram muito marcantes, pois a obra também refletia esse arrojado. Uma das coisas que me marcou foi a profundidade científica e sua forma culta e poética de escrever. E, também, ao longo da vida, muito mais pelo seu exemplo de Mestre, cidadão e humanista que pôde ser vivenciado em vários cenários de sua atuação, e, por isso, permanecerá, muito além de sua memória, muito além de seus escritos. Muitos de nosso tempo trazem e devem uma parte de sua formação acadêmica, e também de caráter e honradez, a ele. Por isso, justifico a emoção ao trazer estas palavras.

Sei que todos os que tiveram o contato cotidiano com ele, penso, entendem o que estou dizendo.

O mestre

Peço licença para me apropriar de algumas palavras do Professor Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, dirigidas ao Professor Ab'Sáber, no XIV Encontro Nacional de Geógrafos, 2006, em Rio Branco, Acre – discurso que, na íntegra, está no livro *A obra de Aziz Ab'Sáber*:

Em primeiro lugar destacaria que a obra de Ab'Sáber se abre sobre os mais variados aspectos da Geografia, o que faz dele não apenas um especialista em Geomorfologia, ou dirigido preferencialmente à Geografia Física, mas sim dedicado à Geografia como um todo completamente 'unitário' e harmonioso. Isto, ressalto eu, faz dele um geógrafo completo. 'A vastidão da obra de No caso de Aziz Ab'Sáber se deu no campo da Geomorfologia, tema que representa a maior parte de seu conjunto de obra. Mas sua contribuição não se fecha neste horizonte. Ela se espalha por vários temas, incluindo, significativamente, aqueles ditos humanos'.

Entre os variados temas tratados por Ab'Sáber, o Professor Monteiro elencou os seguintes subconjuntos mais expressivos:

- Geomorfologia
- Domínios da Natureza
- Problemas Ambientais
- Problemas Regionais
- Arqueologia e Paleogeografia

- Histórico Ciências – Cientistas
- Geologia
- Geomorfologia de Sítios Urbanos

Entre suas vigorosas contribuições, fruto de toda a evolução de suas observações e análises – pontuais, locais e regionais –, convergiu para uma concepção teórico-metodológica que ele expressou no seguinte trinômio básico à análise geomorfológica: a) compartimentação; b) estrutura superficial da paisagem e c) fisiologia da paisagem.

Monteiro nos diz:

Tomadas em termos mais flexíveis e sem rigidez, a compartimentação do todo em partes não implica em rigidez taxonômica (como na tentativa frustrada de Bertrand), mas baseia-se nos tradicionais e flexíveis conceitos espaciais de paisagens, regiões, domínios.

E é com essa abordagem que hoje buscamos desvendar e fazer aproximações na complexa ciência da paisagem, entendendo que a resultante do arranjo espacial depende de um grande conjunto de relações e multitemporalidades. E é com base nos preceitos dos Professores Ab'Sáber e Monteiro que, ousadamente, busco hoje me aproximar do complexo conjunto de correlações que é a paisagem, através da disciplina Análise Integrada da Paisagem, uma hercúlea tarefa pelo meu pequeno acúmulo de conhecimentos, diante dos nossos queridos mestres. Do ponto de vista pedagógico, a abordagem é de fácil assimilação, pois se constitui em um corpo lógico, parecendo ao iniciante um *zoom* espacial e analítico, muito embora sua execução não seja somente isso, pois exige muitas transversalidades de conhecimento e correlações. Questões às quais o professor Monteiro muito se dedicou.

No posicionamento político, em uma geografia dos sertões, como apresentada na obra *Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida*, publicada na revista *Estudos Avançados* (n. 36), da Universidade de São Paulo (USP), o mestre mergulha na profunda fisiologia da paisagem humana dos sertões, sem separar o reconhecimento e a análise dos aspectos fisiográficos e morfodinâmicos da percepção dos sertanejos sobre seu lugar e, ao mesmo tempo, mostrando o profundo impacto dessa realidade, não só para o sertanejo, como também para o Brasil. É como se ele olhasse pela mesma lente dos que lá vivem. Tal tarefa só é possível a uma pessoa imbuída da mais profunda humanidade e solidariedade. Traduzir em palavras esta complexidade envolve um mergulho na brasilidade, e assim descreve:

[...] conhecer mais adequadamente o complexo geográfico e social dos sertões secos e fixar os atributos, as limitações e as capacidades dos seus espaços ecológicos nos parece uma espécie de exercício de brasilidade [...] o germe mesmo de uma desesperada busca de soluções para uma das regiões socialmente mais dramáticas das Américas [...] os milhões de brasileiros entre os quais 4 milhões de camponeses sem terra, marcados por uma relação telúrica com a rusticidade física e ecológica dos sertões, sob uma estrutura agrária particularmente perversa [...]. (AB'SÁBER, 1999, p. 7)

E, ao finalizar o parágrafo, insere uma apreciação de Jean Dresch: “É uma das regiões semiáridas mais povoadas entre todas as terras secas existentes nos trópicos ou entre os trópicos [...]”.

Ainda ao tratar sobre o conhecimento regional:

[...] isoladamente, o conhecimento de suas bases físicas e ecológicas não tem força para explicar as razões do grande drama dos grupos humanos que ali habitam. No entanto, a análise das condicionantes do meio natural constitui uma prévia decisiva para explicar causas básicas de uma questão que se insere no cruzamento dos fatos físicos, ecológicos e sociais. (AB'SÁBER, 1999)

Lutar contra inverdades e mitos sobre os espaços ecológicos ou inverdades científicas estava em seu cerne, em sua veia.

O professor Monteiro afirma que a “travessia” muito bem sucedida de Aziz Ab'Sáber é muito maior que seu desempenho acadêmico, o qual já é fabuloso.

E parafraseando Guimarães Rosa prefiro utilizar a ‘travessia’ para os casos de uma produção relevante, bem desenvolvida ao longo do tempo e, sobretudo, para os casos - como o de Ab'Sáber - em que este processo não se encerrou. Trata-se sem dúvida de uma geração de homens fortes, aquela dos luminares da Ciência da Terra no Século XX.

Essas palavras foram proferidas e escritas pelo nosso brilhante e querido Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que tão honrosamente externou seu sentimento em relação ao professor Aziz. Palavras que também cabem ao que as proferiu, dado o seu vigor e brilhantismo que mantém e eleva a Geografia e nos serve de farol.

E, como já disse, não poder haver razão sem emoção, não pode haver um grande cientista sem existir um grande humanista. Um nacionalista (patriota) formidável, com seus trabalhos e opiniões sobre temas

extremamente relevantes para o Brasil e para o mundo. Um ser político, em seu sentido profundo – muitíssimo além do partidário.

Um brasileiro e um cidadão do mundo, um geógrafo sem dicotomias, cujo exemplo permanecerá na formação de muitos que puderam conhecê-lo, ouvir ou mesmo ter visto essa maravilhosa figura humana.

Em uma de suas marcantes contribuições que configuram esse pensamento, ele nos diz:

[...] todos os que se iniciam no conhecimento das ciências da natureza – mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro – atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades [...]. (AB’SÁBER, 2009)

A importância dessa ideia para a compreensão do território é configurada quando ele continua a nos dizer:

[...] desde os mais altos escalões do governo e da administração, até o mais simples cidadão, todos têm uma parcela de responsabilidade permanente, no sentido da utilização não predatória desta herança única que é a paisagem terrestre. Para tanto, há que conhecer melhor as limitações de uso específicas de cada tipo de espaço e de paisagem. Há que procurar obter indicações mais racionais, para a preservação do equilíbrio fisiográfico e ecológico. (AB’SÁBER, 1999)

E chamando para uma racionalidade conseqüente, o Professor Aziz cita, na mesma obra, uma fala de Walder Góes (1973) quando ele diz: “E, acima de tudo, há que permanecer equidistante de um ecologismo utópico e de um economismo suicida”.

Seus caminhos e seu caminhar deixaram marcas e uma matriz que dificilmente o inexorável tempo apagará, e, por isso, afirmamos que o professor Aziz é um verdadeiro mestre no mais profundo sentido da palavra. Seu legado e lucidez, seus ensinamentos sobre a importância da ética e da moral, seus valores e seu compromisso com o povo brasileiro constituirão uma bússola a nos guiar nos caminhos da produção de uma ciência comprometida e a serviço da sociedade. É um pouco com esse espírito entristecido e, ao mesmo tempo, fortalecido que hoje homenageamos nosso querido mestre Aziz.

Queria, assim, retratar um pouco o meu espírito neste momento e finalizar com um agradecimento muito especial à plêiade (no sentido de luz) que aqui estão.

E, como não poderia deixar de citar, um profundo obrigado ao Professor Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, por nos brindar com sua presença aqui neste momento.

A politização da ciência foi sua marca, ao unir ciência e compromisso social. Arriscaria uma rima: “ó meu mestre / o que foi que tu viu lá... / viu tanta coisa que mal cabe em um cantar [...]” Obrigado Professor Aziz!

Referências

AB’SÁBER, Aziz Nacib; *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AB’SÁBER, Aziz. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 36, maio/ago. 1999.

MODENESI-GAUTIERI, May Christine, et al. (Org.). *A obra do professor Aziz Ab’Sáber*. São Paulo: Beca, 2010.



Professor Aziz Nacib Ab'Sáber: o legado da pós-graduação em geografia no Brasil e outros assuntos

Marcos José Nogueira de Souza¹

Recentemente, as discussões a respeito do acervo científico e cultural produzido pelo Professor Aziz Ab'Sáber têm sido intensificadas e enriquecidas. Grande parte dessa herança inestimável foi condensada na excelente publicação *A Obra do Professor Aziz Nacib Ab'Sáber* (2010), iniciativa elogiável de alguns professores, pesquisadores e ex-alunos do grande geógrafo brasileiro. Não há como deixar de recorrer, também, ao depoimento feito à jornalista Cynara Menezes sobre as memórias profissionais de Ab'Sáber, no livro *O que é ser Geógrafo* (2007).

No primeiro trabalho mencionado, faz-se uma retrospectiva cronológica da produção intelectual do professor, desde os primórdios de sua vida acadêmica até os dias atuais. Percebe-se – do período que remonta à década de 40 até os anos 70 do século passado – a sua escolha preferencial pela pesquisa geomorfológica. A riqueza e a diversidade dos temas abordados em suas pesquisas são inumeráveis, requerendo uma seleção criteriosa para destacá-las. Discorrer sobre a sua contribuição ao conhecimento da geomorfologia brasileira presume a ênfase de temas fundamentais. Queremos, particularmente, dar um enfoque especial ao seu conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário (1969). Através do conceito proposto, buscou reunir os objetivos que caracterizam a Geomorfologia contemporânea através de três níveis de tratamento: 1) entendimento da compartimentação da topografia regional e da caracterização das formas de relevo de cada compartimento; 2) obtenção de informações sistemáticas sobre a estrutura superficial das paisagens que são fundamentais para a cronogeomorfo-

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará.

logia e para as proposições interpretativas sobre a sequência de processos paleoclimáticos e morfodinâmicos e 3) entendimento dos processos morfoclimáticos e pedogênicos atuais em sua plena atuação. Trata-se, portanto, de um conceito essencialmente operacional e que enfatiza os resultados práticos a serem obtidos nas pesquisas geomorfológicas. Mas há que dar evidência aos grandes temas da geomorfologia brasileira, objeto das suas análises: as discussões sobre os problemas de interpretação do relevo brasileiro; os enfoques sobre os domínios morfoestruturais e morfoclimáticos; as discussões sobre as superfícies de aplainamento e seus depósitos correlativos; análises circunstanciadas dos sítios urbanos de algumas metrópoles brasileiras, com destaque para São Paulo, e tema da sua tese de Doutorado na Universidade de São Paulo (USP); a elaboração das áreas de circundesnudação das bordas de bacias sedimentares soerguidas e a conseqüente configuração dos amplos compartimentos de depressões periféricas; a organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras; a análise dos problemas da desertificação e da savanização no Brasil intertropical, salientando-se a expansão da degradação nos espaços semiáridos recobertos pelas caatingas; o mapeamento de temas fisiográficos e ecológicos, tendo os produtos de sensoriamento remoto como ferramentas; no significado paleoclimático do horizonte subsuperficial de cascalhos inhumados (linhas de pedras) e dos chãos pedregosos.

Na sua trajetória de pesquisador, o Professor Ab'Sáber buscou outros caminhos da ciência para tratar de temas relevantes, sob a ótica da interdisciplinaridade. Seu exemplo mais patente é a estruturação da Teoria dos Refúgios, contando, para isso, com a inestimável colaboração do Zoólogo Paulo Emílio Vanzolini. Outro exemplo expressivo resultou nas discussões iniciais de elaboração de um dos principais Programas de ordenamento territorial do Brasil – o Zoneamento Ecológico Econômico. Atualmente sob a coordenação do Ministério do Meio Ambiente, o Programa busca gerenciar, em diversas escalas de tratamento, as informações necessárias à gestão do território, integrando o Zoneamento aos sistemas de planejamento em todos os níveis da administração pública.

Foi um incansável editor de publicações científicas, com destaque para a *Notícia Geomorfológica* e os *Cadernos* do então Instituto de Geografia da USP.

Como cidadão, sua preocupação com as questões ambientais, a ocupação da Amazônia, o Nordeste seco, o Código Florestal, a implantação de reservas de biodiversidade e o bem estar das populações de

baixa renda sempre marcaram a sua trajetória de luta. A esses pontos enfocados, muitos outros poderiam ser acrescentados.

A par do reconhecimento da obra do Professor Aziz e da sua consagração como um dos grandes cientistas brasileiros – mais de 400 títulos publicados – há que resgatar o seu papel na atividade docente e na implementação da Pós-Graduação formal da Geografia no Brasil. Foi ele o principal organizador e primeiro Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia, com duas grandes áreas de concentração: Geografia Física e Geografia Humana, instalado no âmbito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Esse fato histórico, para o progresso da Geografia brasileira, remete-nos ao ano de 1970. Instalava-se, oficialmente, a Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado). Tivemos o privilégio de compor a 1ª Turma da Pós-Graduação em Geografia da USP, na área de concentração em Geografia Física e sob a orientação do Professor Ab'Sáber.

O país passava, então, por um dos períodos mais conturbados de sua história, em face do regime autoritário que se instalara em 1964, exacerbado pelo Ato Institucional nº 5, de 1968. Isso repercutia negativamente e de modo profundo na Instituição Universitária brasileira, com a expulsão e perseguição de professores e alunos. Mas, apesar de todos os percalços e limitações impostas ao progresso do ensino e da pesquisa, a Pós-Graduação na USP se expandia em bases irreversíveis. Na Geografia, graças à firme liderança do Professor Ab'Sáber. Contava, para isso, com a incondicional colaboração de professores e grandes pesquisadores, como Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, José Pereira de Queiroz Neto, Olga Cruz, André Libault, Pasquale Petroni, Nice Lecoque Müller, dentre outros docentes.

Daquele grupo inicial de pós-graduandos e dos que se seguiram em anos subsequentes, foi sendo formada parte significativa do quadro docente responsável pela evidente expansão da Pós-Graduação em Geografia na maioria das Instituições oficiais de ensino superior do Brasil. O Professor Ab'Sáber muito tem a ver com essa história.

São de sua lavra as palavras que se seguem ao tratar da arte e da ética na Geografia:

Toda vez que o conhecimento geográfico é projetado para um conjunto de pessoas que vai trabalhar com planejamento, ele passa a ser altamente ético e humanitário. São os geógrafos que cuidam das relações entre homens, comunidades, sociedade e o meio ambiente em que esses componentes básicos do planeta, junto com a vida vegetal e animal, têm o seu *habitat*. (AB'SÁBER, 2007, p. 145)

Referências

AB'SÁBER, Aziz Nacib. *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Sáber*. Rio de Janeiro: Record, 2007.



O futuro da terra dos homens. Uma homenagem a Aziz Ab'Sáber

Maria Adélia Aparecida de Souza¹

Introdução

Quero novamente agradecer aos colegas da Bahia pela possibilidade de que me dão de prestar uma homenagem póstuma ao meu professor e amigo Aziz Ab'Sáber.

Parabenizo também a Universidade Federal da Bahia (UFBA) pela outorga, *in-memoriam*, do título de Doutor *Honoris Causa*, que vinha sendo carinhosa e cuidadosamente preparado pela nossa colega Maria Auxiliadora da Silva, com seu rigor acadêmico e sua exemplar conduta universitária.

É uma honra e um privilégio poder participar desta sessão solene de outorga de título acadêmico importante a este grande geógrafo e brasileiro, Professor Aziz Ab'Sáber.

Decidi prestar minha homenagem a meu professor, com quem tive aulas, em 1959 e 1960, de Geomorfologia no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), refletindo sobre a TERRA DOS HOMENS pois creio que este tema é o que melhor revela as preocupações intelectuais do nosso homenageado através de sua obra e de sua prática militante no interior da nossa comunidade e na sociedade.

É conhecida a dedicação do nosso homenageado à discussão dos problemas ambientais e sociais, nos últimos anos, dedicados a uma militância competente e decisiva, em uma série de tomadas de decisões por dirigentes governamentais, seja sobre o Brasil ou sobre a cidade de São Paulo.

¹ Professora Titular da Universidade de São Paulo (USP).

Não quero insistir com esta plateia e discorrer sobre o *currículum* do nosso homenageado. Considero desnecessário. Preferi dar outro rumo à minha fala. Além de manifestar minha gratidão pelo respeito e carinho com quem sempre me tratou, enviando-me sempre um exemplar de tudo o que publicava.

Em homenagem a esta vida de trabalho dedicada ao conhecimento, à prática e à militância, valendo-se dos conhecimentos geográficos, foi que pensei em trazer a esta plateia uma reflexão que pensasse o novo na Terra e o futuro da humanidade.

Tema complexo, é bem verdade, mas a oportunidade assim o exige. A Geografia tem o dever de se pronunciar sobre essa questão, quando homenageia Aziz Ab'Sáber. Peço desculpas pela singeleza e rapidez no trato de questão tão importante. As circunstâncias assim o exigem! Apenas dois tópicos dedicarei aqui nesta homenagem ao Professor Aziz, esperando, modestamente, dialogar com suas preocupações e o desenvolvimento de suas reflexões, da sala de aula à militância política:

A Terra: o fotogênico planeta azul

Fato que é, sobretudo, apreciado do ponto de vista estético e romântico a fotografia da Terra pelo sistema de satélites, o que possibilitou uma revolução de tal monta que, espantosamente, poucos se deram conta.

É sabido que, na história da natureza, aliás, pitoresca história da natureza, seu significado tem mudado: de natureza mãe, que alimenta através da coleta até o momento da ruptura de um equilíbrio e o surgimento da fome; da natureza hostil, que pune os homens com trovões, enchentes, tremores etc; a natureza naturata, a primeira natureza, para a segunda natureza, aquela totalmente conhecida e dominada pelos homens. A natureza de hoje! Falar de natureza, hoje, é, antes e sobretudo, falar de relações sociais e de relações de dominação.

É esta última que nos interessa, pois é neste momento em que vivemos e é hoje que construímos o futuro.

Mas o lindo planeta azul fotografado, periodicamente, é o significado maior da existência desta segunda natureza. Pela primeira vez na história da humanidade, somos fotografados e conhecidos em todos os cantos do planeta: vemo-nos a nós mesmos a partir da internet! Que fantástica descoberta e que imensa possibilidade de conhecer e dominar este planeta.

Então, onde está a relação entre sociedade e natureza, tão cantada e decantada? De que natureza se está falando?

Não há tempo aqui para aprofundar esta questão de discussão sobre aqueles que hoje detêm o poder da informação, sobre a fotografiação e conhecimento (portanto, domínio do planeta). Estou apenas introduzindo um diálogo entre dois grandes mestres: Aziz Ab'Sáber e Milton Santos, com a introdução do período técnico, científico e informacional no centro deste raciocínio!

Questão entre o homem e a natureza ou questão política, logo, social, como pretendia o Professor Aziz, pelo menos nos últimos 30 anos?

Esta história da natureza revisitada certamente traria elementos para que, de fato, as questões da Terra fossem entendidas como questões sociais. Esta é a relação que o Professor Aziz vinha fazendo, explicitada em sua militância política.

O lindo planeta azul vem sendo dilapidado não pelas relações entre homem e natureza, mas pela volúpia da sociedade contemporânea, dita globalizada, antiética e absolutamente descomprometida com os destinos da Terra, isto é, com a vida.

Muitas vezes assisti ao Professor Aziz refletindo e aprofundando este tema, com a autoridade intelectual que tinha sobre esta questão.

São Paulo, um fragmento do planeta azul

Esta São Paulo, cujos conhecimentos fundadores foi objeto da magnífica tese de doutorado do Professor Aziz, é um fragmento deste planeta azul, deste mundo globalizado. Fragmento exemplar pela sua história, dentro da formação socioespacial brasileira.

Paisagens diversas, algumas valendo ouro, colocadas à disposição dessa globalização; outras deficitárias, abrigando os mais pobres, amontoados nas periferias de São Paulo, sobrevivendo como heróis do cotidiano.

Relação entre homem e natureza? Sociedade e natureza? Ambiente que se deteriora ou que se embeleza com equipamentos globais?

Ou lugares que se inserem no movimento da globalização, refuncionalizando-se, colocando seus cadinhos na volúpia destes tempos e deixando ao largo multidões lentas, homens pobres que assistem a esta aceleração contemporânea, desempregados e famintos, mas que, da natureza – e esta existe para eles, retiram forças para repensar seu mundo, o mundo do futuro.

Para estes, o tempo não passa depressa; podem esperar. Seus passos se agarram à terra, não enfrentam jamais as velocidades destes tempos rápidos que nada veem. Processos novos de uma sociedade nova que estão aí escancarados para que possamos examiná-los, estudá-los e daí sim, construir o novo e salvar o Planeta Azul.

É bom que não nos esqueçamos de que a questão entre espaço e tempo está no centro da nossa existência. Hoje, essas categorias revolucionam nossas vidas e não nos damos mais conta disto: simultaneidade, complexidade e instantaneidade fazem parte do nosso cotidiano. Ligo minha televisão e vejo um terremoto na Itália ou no Afeganistão, ou assisto à Copa do Mundo, com a maior naturalidade, como se nada de novo estivesse acontecendo na face da Terra.

São Paulo, senhores, não é mais a mesma.

Aziz sempre foi um vigilante das modernizações impostas a São Paulo, para que cumprisse seu papel primordial no processo de globalização, naqueles subespaços por ele escolhido no Brasil. Aziz se manifestava com as obras gigantescas construídas em Sampa: o túnel sobre o Ibirapuera, os “buracos e desmoronamentos” do metrô, o Código Florestal, entre muitos! Sempre lá estava ele, na contramão dos argumentos apresentados pelos interesses hegemônicos.

Como ninguém, ele discutia a dita questão ambiental.

Como enfrentar esta questão que é aquela de uma sociedade mundial impregnada de consumidores, e não mais de cidadãos, ávida de lazer e de paisagens par consumir? Mergulharemos na fatalidade da globalização e do mercado? Estes são mais diálogos entre Aziz Ab’Sáber e Milton Santos.

É nos lugares que se forjam as solidariedades de toda ordem. É nos lugares em que se nasce e em que se morre. No lugar, a realidade é real. No espaço, é que ela é virtual. É nos lugares que os grandes embates para a defesa da Terra se passam, defendendo aquilo que se julga importante defender, como o fez Aziz Ab’Sáber até o final de seus dias.

Como fazê-lo foi a grande lição de vida que nos deixou meu querido professor.

Maiakóvski, o poeta da esperança, nos ensina:

Àqueles
cujos dentes ainda
rangem de cólera, venho
com a aurora dos meus olhos luminosos.
Terra,

levanta teus milhares de Lázaros
e endominga-os
com alvas togas lunares!

Mas não posso encerrar esta minha fala sem deixar registrado, mais uma vez, aqui na Bahia, um agradecimento especial ao Professor Aziz Ab'Sáber. Sem sua determinação e apoio, Milton Santos jamais teria sido professor titular na USP.

Não só os brasileiros são devedores a Aziz, mas, principalmente, a Geografia paulista, pela notoriedade que assumiu, com esses dois ilustres geógrafos brasileiros que dignificaram a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e a USP.

À benção, professor Aziz!

Muito obrigada a todos.



O sábio geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber

Maria Lucia de Paula Herrmann¹

Com o falecimento, no dia 15 de março de 2012, do geógrafo, cientista e humanista Aziz Ab'Sáber, não só os geógrafos, como os biólogos, geólogos, sociólogos, arquitetos, entre outros profissionais dedicados as questões ambientais, perderam um dos maiores estudiosos das paisagens brasileiras e, conseqüentemente, um dos maiores defensores da preservação da biodiversidade. A sua vasta obra, de significância internacional, composta de centenas de trabalhos, destacadas teorias, diversos livros e relevantes projetos, certamente continuará orientando e inspirando pesquisadores no tratamento dos estudos socioambientais.

Como geógrafa, considero-me uma privilegiada, pois, desde a graduação, no início da década de 1970, na Universidade Estadual Paulista de Rio Claro (UNESP), tenho podido aprender muito através dos trabalhos de grandes mestres Ab'Sáber, Carlos Augusto F. Monteiro, João José Bigarella, Antonio Cristofolletti, Teresa Cardoso, Olga Cruz, Milton Santos, Armen Mamigonian, entre outros igualmente importantes, os quais, mais tarde, pude conhecê-los pessoalmente. Quer durante a minha complementação acadêmica (mestrado, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutorado, na Universidade de São Paulo (USP)), quer durante a atuação profissional, inicialmente no Projeto RadamBrasil, com base em Santa Catarina, e posteriormente como professora do Departamento de Geociência da UFSC.

Enquanto lecionava a disciplina Geomorfologia, ao abordar o relevo brasileiro, dedicava especial atenção aos seguintes trabalhos de Ab'Sáber: *Domínios morfoclimáticos e fitogeográficos do Brasil*; *Domínios da natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas* e *Brasil, paisagem de exceção*; *O litoral* e o *Pantanal matogrossense*. As leituras desses trabalhos proporcionaram aos alunos a oportunidade de conhecerem não somente os as-

¹ Professora colaboradora do PPGeo da UFSC.

pectos físicos das nossas paisagens, como também os sociais, econômicos e culturais

Essa capacidade de escrever trabalhos, eminentemente geográficos, englobando todos os aspectos da paisagem, vem desde o seu período de graduação (Geografia e História na USP, em 1944), quando já fazia pesquisas na área da Geomorfologia a partir das atividades de campo, considerando a sua observação da paisagem como um todo. Em 1956, aproxima-se da Ecologia e Geoecologia e passa a se interessar pela fisiologia da paisagem, e, em 1957, com o estímulo do geógrafo Frances J. Tricart a respeito das origens das linhas de pedra, que deveriam ser um remanescente de um chão pedregoso do passado, esboça, durante o período de 1958 a 1968, a teoria dos redutos, baseada nas mudanças climáticas Quaternárias e suas influências na compartimentação do meio ambiente sob a forma de refúgios, e elabora o trabalho já citado, *Domínios morfoclimáticos e fitogeográficos do Brasil*, propiciando uma base para a preservação da biodiversidade.

Professor Ab'Sáber possuía, além da facilidade de escrever, o reconhecido dom da oratória. Era um excelente palestrante, descrevia aspectos das paisagens com riquezas de detalhes que proporcionavam aos ouvintes visualizá-las, sem precisar fazer uso de imagens.

Sempre que solicitado a participar de seminários, congressos, simpósios, semanas de geografia, entre outros eventos, atendia a todos com a mesma importância e dedicação, pois gostava de estar junto à comunidade acadêmica, compartilhando seus conhecimentos.

Outro aspecto que vale a pena destacar era a sua memória infalível, a facilidade de referenciar fatos relevantes de determinados temas; e, como profundo conhecedor das nossas paisagens, bastava oferecer qualquer imagem que ele logo a identificava e descrevia os seus principais aspectos.

Apesar da sua atuação profissional na Geografia Física, notadamente na Geomorfologia, sempre se preocupou com a questão social, as consequências das atividades humanas sobre a paisagem, passando a elaborar projetos e a participar de debates que abordavam problemas ambientais baseados em uma visão integrada da realidade regional: aspectos físicos, ecológicos e sociais, incluindo fatos e contingências políticas, a exemplo do projeto *Floram*, de reflorestamento diferencial para o Brasil, e nos estudos sobre a Amazônia aos que vinha se dedicando e contribuindo para o Zoneamento Ecológico-Econômico, que visava medidas para conservação dos seus ecossistemas. Esses estudos conduziram as suas últimas declarações sobre o Novo Código Florestal, por não

considerar o zoneamento físico e ecológico de todo o país, chegando a defender a criação do Código da Biodiversidade, em defesa da preservação das espécies animais e vegetais.

O reconhecimento da sua contribuição e incansável dedicação aos estudos ambientais pode ser presenciado em vida, pois recebeu diversas lãureas, como o prêmio Jabuti em Ciências Humanas (1997 e 2005) e em Ciências Exatas (2007); o prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia (1999), concedido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia; a Medalha de Grão-Cruz em Ciências da Terra pela Academia Brasileira de Ciências; o prêmio UNESCO para Ciência e Meio Ambiente (2001). O troféu Juca Pato como intelectual do ano de 2011, além da maior honraria oferecida pelas Universidades, que é o de Professor *Honoris Causa*, que recebeu das inúmeras Instituições de Ensino por onde deixou o seu legado. Lastimável foi não ter havido tempo de participar da cerimônia de *Honoris Causa* oferecida pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em junho de 2012, concomitantemente com o Professor Carlos Augusto, pois veio há falecer três meses antes.

A trajetória da vida acadêmica e profissional de Ab'Sáber pode ser apreciada na série entrevistas e depoimentos da Revista *Geosul*, do Departamento de Geociências da UFSC, nº 14, ano VII, 1992 (publicada originalmente na Revista *Ciência Hoje*, vol. 14, n 82 jul. de 1992), e no livro *O que é ser Geógrafo*, Ed. Record, 2007.

Nossos agradecimentos pela dedicação à ciência geográfica e pelo exemplo de integridade profissional e pessoal.



Aziz na UDESC: lembranças e ensinamentos

Maria Paula Casagrande Marimon¹

Isa de Oliveira Rocha²

Maria Graciana Espellet de Deus Vieira³

Sabedoria construída através de longa caminhada de lutas, estudos e observações da natureza, imbricada com o cotidiano das pessoas, sempre costuradas por uma ternura de quem ama a Terra, a Humanidade e o seu ofício: a Geografia.

Estas simples palavras, quem sabe, podem resumir o que conseguimos sentir, compreender e perceber em todas as oportunidades em que tivemos a honra de receber o querido Professor Aziz Nacib Ab'Sáber em eventos promovidos pelo Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Florianópolis. Memoráveis foram os encontros e as palestras proferidas, que atraíram variados e numerosos sedentos ouvintes, em especial os jovens estudantes.

No Seminário Estadual de Educação Ambiental, promovido pelo curso de Especialização em Educação Ambiental, em 1993, o Professor Aziz relatou várias situações ocorridas quando acompanhava no Nordeste a Caravana da Cidadania, ressaltando o significado das inter-relações entre os processos da natureza e da sociedade, descrevendo com detalhes, inclusive pitorescos e críticos, este interior brasileiro, a fim de apoiar a candidatura de Lula à presidência. Enfatizava então a má distribuição dos investimentos governamentais para a construção de açudes e poços, que privilegiavam as camadas mais abastadas da região. Mais tarde, ele próprio protestou sobre o pouco uso de tantos ensinamentos transmitidos durante aquela excursão pelo Brasil rural. Neste sentido, em 2004, em uma entrevista ao *O Estado de São Paulo* (19/12/2004), refere-se

1 Especialização em Gestão de Riscos de Desastres para o Desenvolvimento Socioambiental - UDESC.

2 Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental - UDESC.

3 Departamento de Geografia - UDESC.

a uma reunião em 2002 com Lula e cerca de 30 pessoas de várias áreas, incluindo parte de integrantes do futuro Ministério, em que tentou “falar um pouquinho sobre a transposição das águas do São Francisco [...] recebi um papelzinho escrito ‘um minuto para terminar’”. Isto denota, mais uma vez, o pouco caso dado pelos governos ao conhecimento científico produzido sobre o Brasil, lembrando os seus comentários sobre o apagão energético: “incrível que os técnicos do governo não saibam que existe variabilidade climática, não mudança climática”. Isto, principalmente pela existência da notável pesquisa publicada em 1973, pela USP, intitulada *A dinâmica climática e as chuvas do Estado de São Paulo: estudo em forma de Atlas*, de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Este trabalho, conforme o Professor Aziz, e sobre o qual chamou várias vezes a atenção, na ocasião, era absolutamente fundamental, no esclarecimento de que o problema energético não decorria de uma anormalidade climática (UDESC, 2002, conversa gravada com o Grupo PET-GEO).

Em sua vinda à UDESC, em 2002, a convite do Grupo PET de Geografia, para o lançamento local do seu livro *Litoral do Brasil* (Metalivros, 2001), ressaltou, entre tantas outras coisas, sobre os perigos da verticalização especulativa também em Santa Catarina, fruto da mercantilização da natureza, estimulada por uma fantástica diversidade paisagística, colocando em risco a biodiversidade litorânea. Ainda lembrou sobre as questões sociais que também incidem sobre o litoral, como a expulsão e o desprezo pelas populações tradicionais.

Em março de 2008, durante a aula inaugural do Curso de Geografia e do Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental (MPPT), intitulada *Estratégias de planejamento em um país de escala continental*, enfatizou sobre a importância do planejamento com abordagem interdisciplinar, ou seja, com a participação de pesquisadores de diversas formações. Ao discorrer sobre sua proposta de zoneamento para a Amazônia – um dos domínios naturais, “de notável originalidade e extensão”, que foi objeto de seus estudos desde a década de 1950, publicados em conjunto na sua obra magistral *Amazônia: do discurso à práxis* (1996) – sugeriu, para aperfeiçoamento e validação da metodologia de planejamento territorial e ambiental, selecionar duas áreas bem diversas na Amazônia brasileira e ir primeiro com o mesmo grupo em uma e depois na outra para refinar a metodologia de levantamento e síntese dos dados a partir da experiência empírica. Também montar equipe interdisciplinar, com geógrafos, geólogos, pedólogos, cientistas sociais, médicos, arquitetos etc. para que todos pudessem “adaptar suas teorias ao vivenciado neste trabalho de campo”.

Defensor para a Amazônia de um desenvolvimento socioeconômico com o máximo da floresta em pé e de proteção à biodiversidade regional, foi enfaticamente contrário, considerando

[...] um crime histórico a ideia absurda de alugar as FLONAS (Florestas Nacionais) para empresas exploradoras de madeira e outras espécies da biota vegetal regional. Quanto à ideia de conceder o gerenciamento das mesmas para ONGs estrangeiras que desconhecem os problemas da Amazônia, não queremos nem falar, pelo absurdo entranhado nessa sugestão. (AB'SÁBER, 2005, p. 28)

Quando do anúncio realizado pela Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, em setembro de 2007, sobre a primeira área pública a ser licitada para concessão, a Floresta Nacional (FLONA) do Jamari, em Rondônia, representando mais uma atitude do desprezo do poder público sobre o conhecimento já produzido e as propostas decorrentes em relação ao caso da Amazônia, mereceu de Aziz, entre outras, as seguintes manifestações, publicadas em vários jornais: “Tenho absoluta certeza que o exemplo, mais uma vez, mostra que o Brasil continua não sabendo gerenciar sua floresta”; “é uma ação antibrasileira em relação à biodiversidade”; “é uma das maiores tristezas da minha vida”.

Falar em floresta lembra também mais uma contribuição genial do Professor Aziz, e que esteve também presente na sua exposição de março de 2008. No caso, agora, sobre o planejamento territorial e socioambiental relativo às florestas plantadas: *Um Plano Diferencial para o Brasil* (1990). Internacionalmente reconhecido, o Projeto FLORAM, representa uma inestimável contribuição para o planejamento no Brasil, em particular para Santa Catarina, que alcançou 545.592 ha de terras plantadas com pinus, ocupando o segundo lugar no Brasil. (ABRAF, 2011) “Nas áreas de plantio de pinus não medram espécies biodiversas no chão do espaço plantado”. (FLORAM, 2006, p 72) Em que medida os estudos e as propostas contidas no Projeto FLORAM estão sendo avaliadas e utilizadas para uma análise da realidade catarinense, no que se refere à preservação e replantagem das biodiversidades, tendo presente, conforme o Professor Aziz, a “preocupação com a revitalização social e econômica de espaços mais carentes”?

Na sua última vinda, em outubro de 2008, como parte da programação do VIII Simpósio de Geografia - América Latina: Soberania e Desenvolvimento, recebeu a homenagem do Conselho Universitário da UDESC, que lhe outorgou o título de Professor *Honoris Causa* (na verdade, consideramos que a homenageada foi a UDESC, com o aceite e a

presença do ilustre professor). Ao chegar para o evento, ainda no aeroporto, foi lhe perguntado sobre o que gostaria de fazer antes da cerimônia: pediu para rever o conjunto de cactáceas do mirante da Praia Mole. Aqueles relictos dos tempos mais secos que ainda se mantêm presentes na atual paisagem da ilha, recordando as recorrências e intercalações de períodos mais úmidos e mais secos, com o sobe e desce dos mares, durante o Quaternário, e como as paisagens ficaram marcadas e evoluíram de um extremo climático ao outro. Lembrou com ênfase da sua Teoria dos Redutos, fundamental a que mais tarde fosse proposta a Teoria dos Refúgios (P. E. Vanzolini). Como sempre fez referência ao seu mestre Jean Tricart, da importância de suas visitas ao Brasil e de seus ensinamentos sobre as *stone lines*, para que alcançasse tal teorização. Isto nos remete a uma de suas falas sobre os alertas dados por outro mestre, no caso Pierre Monbeig:⁴

Você tem uma tendência para teorizar! Eu vou lhe aconselhar: primeiro faça muitos trabalhos analíticos e depois um dia você pode chegar à teoria [...] Ele disse uma coisa definitiva na minha vida, porque eu cheguei à teoria dos redutos, que por sua vez passou para a teoria dos refúgios, dentro do meu esquema.

Na cerimônia de outorga ao título de Professor *Honoris Causa* da UDESC, a plateia estava mais do que repleta e ansiosa também para ouvir a sua palestra sobre “Domínios morfoclimáticos e fitogeográficos da América do Sul”, e o Professor Aziz, demonstrando toda a sua vitalidade, nos contemplou com quase duas horas de reflexões sobre sua admirável trajetória. Apoiando os seus estudos a partir de um conhecimento sobre o território brasileiro de palmo a palmo, sem nunca perder a visão de conjunto, se dedicou ao conhecimento da geografia física brasileira, não se furtando de considerar os problemas relativos à Geografia Humana, relacionando sociedade e natureza através do conceito de ecossistema, garantindo assim uma visão de totalidade, inerente à Geografia desde os seu tempos clássicos.

Com trabalhos publicados desde fins da década de 1940 e uma vida dedicada ao Brasil e ao povo brasileiro de forma ética e militante, o geógrafo Aziz Nacib Ab’Sáber, um dos maiores cientistas e humanistas brasileiros, “intelectual fora do comum”, como o define Armen Mamigonian (*Aziz Nacib Ab’Sáber: oitenta anos gloriosos*), deixa-nos um inestimável legado a ser honrado.

4 UDESC, 2002 - conversa gravada com o Grupo PET-GEO..

Referências

- ABRAF. *Anuário estatístico da Abraf 2011: ano base 2010*. Brasília, 2011.
- AB'SÁBER, Aziz. Aziz Ab'Sáber: problemas da Amazônia brasileira - Entrevista *Estudos Avançados*, v. 19, n. 53, 2005.
- AB'SÁBER, Aziz. Um plano diferencial para o Brasil. *Estudos Avançados*, v. 4, n. 9, 1990.
- FLORAM: história e endereço social de um projeto. *Cadernos Geográficos*, n. 10, 2006.
- MAMIGONIAN, Armen. Aziz Nacib Ab'Sáber: oitenta anos gloriosos. *Cadernos Geográficos*, n. 10, 2006.



Os domínios de Ab'Sáber: o Brasil como praxis¹

Marta da Silveira Luedemann²

O professor Aziz Ab'Sáber é, sem dúvida, um dos grandes geógrafos do mundo. Entrou na Universidade de São Paulo (USP) com 17 anos e lá se manteve como pesquisador ativo até praticamente o seu falecimento (1940-2012). Durante a graduação, e mesmo depois, fazia viagens sem recursos financeiros, muitas das quais na boleia de caminhão, reconhecendo o território brasileiro e entrevistando todos os tipos de pessoas. Atento, também, à toponímia e aos usos de expressões coloquiais que remetessem à natureza e à sociedade local, fez extenso estudo de reconhecimento do território e, por sua opção teórica, apresentou ao Brasil seu território em uma perspectiva muito além da descritiva. O tempo, fator importante agregado aos seus estudos, revolucionou a concepção da natureza pela incorporação da própria compreensão das dinâmicas físicas, biológicas e humanas no longo transcorrer do tempo geológico, como também na interferência humana no decorrer da história.³

Frente à forte fragmentação da ciência, hoje, é importante ressaltar que Capistrano de Abreu, para compreender o Nordeste brasileiro, mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1875, com o intuito de dominar a

1 Este artigo é um desdobramento de um pequeno texto que escrevi a pedido da professora Ana Paula Lopes da Silva, em homenagem póstuma ao Professor Aziz Ab'Sáber, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), com o intuito de aproximar os estudantes da sua biografia e obra.

2 Professora do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFAL.

3 De acordo com Ab'Sáber (2010): 'O fato de eu ter feito Geografia e História me deu cultura geral suficiente para enfrentar os grandes problemas da explicação dos fatos geográficos em termos da retrospectiva histórica. Também me deu a possibilidade de pensar em conjunturas do passado na explicação das conjunturas presentes, ainda que naquele tempo eu não pensasse em perspectiva, não pensasse na possibilidade de extrapolar para o futuro. O curso me abriu um campo enorme de possibilidades novas em função das aptidões que eu tinha para observar fatos da natureza e fatos da organização humana do espaço ao mesmo tempo, quer dizer, o homem sob o embasamento geocológico como diríamos hoje.'

produção geográfica mais relevante de sua época. Sem isso, não se via capaz de contribuir para a historiografia brasileira.⁴

As contribuições de Humboldt e Ritter ao grande desenvolvimento da Geografia impuseram aos teóricos franceses, conforme Mamigonian,⁵ a necessidade de buscar na Alemanha elementos para a formação da Geografia francesa. Já no início do século XX, pesquisadores franceses liderados por La Blache alteraram o centro orbital da Geografia e da História, através da nova escola, o Possibilismo e a *École des Annales*. La Blache contribuiu para a Geografia Humana com a concepção de “gênero de vida” e para a Geografia Física com a noção de Combinações Geográficas (LA BLACHE, 1982) e a concepção moderna de região, integrando natureza e sociedade. Esta nova corrente de pensamento da Geografia irá fundir-se com a análise geossistêmica, a partir de A. Cholley (1964) e Mamigonian (2003), e tornar-se teoria e método da Geografia francesa defendida pelos marxistas J. Tricart e J. Dresch, que, por sua vez, influenciaram um grande grupo de geógrafos até praticamente a década de 1970. E será nessa perspectiva que Tricart irá produzir pesquisas também na Geografia Humana, sendo orientador de dois dos expoentes da Geografia brasileira, Aziz Ab’Sáber, na Geografia Física, e Milton Santos, na Geografia Humana.

Estudioso e grande observador, Ab’Sáber teve contato com uma revolução na ciência geográfica, com acesso às pesquisas de ponta em geossistemas e, sobretudo, com a convivência entre os “mestres franceses”, como Monbeig, Tricart, Dresch, Cailleux e Bastide. Em 1956, quando o Rio de Janeiro sediou a Reunião da União Geográfica Internacional (UGI), aprofundaram os contatos com Jean Tricart,⁶ cuja orientação seria o embrião dos domínios morfoclimáticos e posteriormente a teoria dos

4 Em seu primeiro artigo, de 1878, já abordava a produção de Humboldt e deste seguiu discutindo a produção de Wappaeus, Peschel, Ratzel, além de exploradores, viajantes e pesquisadores de áreas diversas. A construção teórica da Civilização do Gado, da ocupação e povoamento do Brasil Colônia, é, portanto, alicerçada na concepção de que História e Geografia são inseparáveis. (ABREU, 1963)

5 Conforme Mamigonian (2011): Reclus foi discípulo de Ritter; La Blache procurou Peschel e Richthofen; Max Sorre foi aluno de Ratzel; De Martonne aluno de Richthofen, Penck e Hann.

6 A concepção de paleoclima e análise morfoclimática foram fundamentais na formação de Ab’Sáber: Ele [Tricart, em 1957, durante excursão em Sorocaba] disse: ‘Aziz [...] você conhece o Nordeste Seco, que eu sei. E sabe que no meio das caatingas existe chão pedregoso, chão de pedras quebradas. Esta linha de pedras [perfil observado em Sorocaba], no passado, é representativa de outra paisagem, outro clima, outras condições ecológicas [...] durante um período mais seco do quaternário, as florestas atlânticas foram muito reduzidas, ficaram mais estreitas, e as caatingas ou os cerrados ralos se expandiram bastante por grandes espaços regionais’. Essa interpretação abriu a minha cabeça. AB’SÁBER (2007)

redutos, desenvolvida paralelamente com a teoria dos refúgios, de Paulo Vanzolini. Produziu uma obra vigorosa sobre o Brasil, em que analisa natureza e sociedade com detalhamento para as múltiplas determinações, além de conhecimento vasto em Geografia Comparada. Depois de várias viagens de estudo, escreveu sobre o Nordeste Seco,⁷ Brasil Central, Amazônia, Brasil Meridional, litoral e o Pantanal, além de pesquisas de escala continental. Igualmente, produziu estudos sobre São Paulo, interior e capital. Além disso, publicou, pela USP, em forma de folhetos, várias pesquisas nacionais e estrangeiras, em coleções temáticas, na intenção de ampliar a divulgação e estimular o debate acadêmico.

A presença de Monbeig foi determinante à sua formação na graduação em Geografia e História. Contudo, fora Tricart quem mais lhe influenciou e o fez incorporar seus fundamentos metodológicos de observação dos fatos, análise dinâmica e dos mecanismos e reconstituição do passado.⁸

Longe de ser um profissional típico de gabinete, mesmo aposentado continuou a produzir artigos e livros. Ab'Sáber defendia o comprometimento do profissional com a produção científica, observando “os casos mais tristes” daqueles que buscam na pós-graduação apenas a mudança de *status* social. Sua práxis também estava presente na militância nada ortodoxa: visitava caiçaras, sertanejos, ribeirinhos, com o mesmo entusiasmo a que organizava bibliotecas nas favelas e nos bairros desprovidos de serviços públicos básicos, em São Paulo. Despido da arrogância acadêmica e próximo da população mais necessitada, dialogava com os partidos da esquerda, propondo, inclusive à Lula, as famosas “Caravanas da Cidadania”. Da mesma maneira, participava dos movimentos de defesa da natureza, sem ser ideologizado pelas ONGs.

Dias antes de falecer, enviou a todos os cursos de Geografia das grandes universidades do Brasil sua obra completa em DVD. Este material, sem dúvida, é um dos mais ricos da produção científica brasileira do

7 No nordeste, produziu exaustivos estudos, entre eles Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida, que considerou um dos últimos trabalhos que mais gostou de realizar. Neste artigo, observa o sertão como ‘cruzamento dos fatos físicos, ecológicos e sociais’ (fiel à Cholley), mantendo-se crítico às condições sociais que impedem o sertanejo de viver plenamente, ou para além da simples sobrevivência física.

8 Como Ab'Sáber (2010) descreve: ‘Eu também devo ao grupo de Toulouse um conhecimento que hoje me é muito caro e importante, que é o problema das escalas. Tricart chamou atenção para os problemas de tempos espaciais em Geomorfologia e em Ciências da Natureza, e Bertrand fez uma taxionomia dos espaços mostrando em que nível devem ser entendidos os espaços, os domínios, as zonas morfoclimáticas, topográficas, os geo-sistemas, cada qual com concentrações muito definidas’.

século XX, será importante referência do nosso século, pois sua metodologia e concepção teórica apresentam riqueza de análise e informações que dificilmente serão classificadas como superadas.

Professor Aziz viverá nos espíritos livres da Geografia e dos cientistas que compreenderam que natureza e sociedade não se separam, se distinguem. Será referência no Brasil ou no exterior. E quem ainda tem dúvida sobre o quão importante é o cientista geográfico que tenha o prazer de ler *O que é ser geógrafo*.

Quem o lê, mantém-no vivo. Viva Aziz Ab'Sáber!

Referências

AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Aziz Nacib Ab'Sáber (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Sáber*. Em depoimento a Cynara Menezes. São Paulo: Record, 2007.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. *Estudos Avançados*, v. 13, n. 36, maio/ago. 1999.

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500-1800) e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

CHOLLEY, A. *Observação sobre alguns pontos de vista geográficos*. 1ª Parte, n. 179, Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, mar./abr. 1964.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1982.

MAMIGONIAN, A. *A escola francesa de Geografia e o papel de A. Cholley*. Cadernos Geográficos, Florianópolis, n. 6, p. 7-45, maio 2003.

MAMIGONIAN, A. A geografia francesa nos meados do século XX e a contribuição de Jean Tricart. In: SILVA, Tereza Cardoso. *Da teoria à prática da geografia global: abordagem interdisciplinar proposta por Jean Tricart*. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011.

MAMIGONIAN, A. A Geografia Francesa nos meados do século XX e a contribuição de Jean Tricart. In: SILVA, Tereza Cardoso. *Da teoria à prática da geografia global: abordagem interdisciplinar proposta por Jean Tricart*. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011.



Depoimento

Peter Jose Schweizer D. Sc¹

Homenagem mais que justa para um dos mais brilhantes geógrafos do Brasil e do mundo, pois seu saber transpunha as fronteiras do país. O conheci e convivemos por um curto espaço de tempo no exterior, porém foi o suficiente para perceber a qualidade desse pensador, professor, geógrafo e filósofo.

Que seja este o meu depoimento.

¹ Universidad del Pacifico, Quito, Equador.



Professor Aziz, o cidadão, sua natureza e seu impacto

Reinaldo Corrêa Costa¹

Abordar a obra de um autor supratemporal como o Professor Aziz Nacib Ab'Sáber é um desafio, principalmente pelo seu transecto de contínuo avanço nos temas por ele tratados, não somente pelas bases da ciência geográfica mas também pelo trato político utilizado. A tradução de sua trajetória é um multivariado conjunto de temas trabalhados por ele. O desafio maior é o entendimento de gigante obra e suas bases paradigmáticas e epistemológicas não impactaram somente a Geografia, mas também das ciências ambientais, a política e a cidadania. A importância do Professor Aziz é de tal ordem de grandeza que em muitos casos o que temos são ênfases, e não repetições, e este escrito propõe-se a não fugir de tal procedimento.

A obra do Professor Aziz Nacib Ab'Sáber é um marco paradigmático, devido ao seu ineditismo em vários contextos históricos de sua produção acadêmica, seja para propor o tombamento da Serra do Mar, pelo seu valor estratégico, cujos argumentos se tornaram tão basilares que são fundamentos epistemológicos para a proteção de espaços herdados da natureza e proteção de sua biodiversidade, principalmente pelo seu caráter pioneiro em tempos de terror do Estado ditatorial, de relevância extralocal, geopolítica e por sua representatividade planetária; suas pesquisas a respeito dos refúgios florestais são de caráter revolucionário e inovador para identificar e analisar, além de conter proposições de caráter cidadão; suas bases teóricas produzidas para analisar o espaço total de um fato ou processo além da previsão de impactos a diferentes escalas de tempos futuros; soma-se a isso sua problematização a respeito da Amazônia, do Nordeste, do Cerrado, do Sul brasileiro, dos mares de morro, dos pantanais, do metabolismo urbano, das minivilas olímpicas, entre tantos outros, como zoneamento ecológico-econômico da Amazônia, com base nas questões de escala e método. (AB'SÁBER, 1989)

¹ Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

Os critérios para identificação de áreas críticas são mais amplos e vão além dos aspectos geológico-geomorfológicos, ecológicos, paleoclimáticos e paleovegetacionais, hidrológicos, dentre outros, do que em relação a dentro de realidades sensíveis (inclusive o aspecto social), ins-táveis e que se formaram em recente passado geológico e seu suporte vegetacional, em seus processos interligados, incluindo o uso a acesso diferenciado das potencialidades paisagísticas. Não são apenas as iden-tificações e o reconhecimento dos processos naturais; é preciso, além da dimensão científica, a dimensão política, que lhe dá sentido e significado e concretude temporal, histórica e social.

Essa dimensão política tem amplas dimensões, como a responsabili-dade cultural e ética com as gerações atuais e futuras; é um ato político e de coragem coletiva. (AB'SÁBER, 1986) Tal ato é uma resistência às práticas consolidadas de especulação imobiliária, de poluição e destrui-ção dos espaços naturais. Algumas perguntas surgem: como seria, hoje, sem os conceitos e temas utilizados, por exemplo, para o tombamento da Serra do Mar? Como estaríamos sem os conceitos de proteção ao meio ambiente? Como estaria a Geografia brasileira sem a produção científica e intelectual do Professor Aziz? Por isso, ao menos há quatro décadas, não somente em Geografia, o trabalho do Professor Aziz é episteme, em sentido lato, isto é, tanto como teoria do conhecimento quanto como fi-losófia da ciência.

Um dos marcos resultantes dos trabalhos do Professor Aziz é a produção de paradigmas científicos, políticos e sociais que marcam a ge-ração atual. São marcos em que o conhecimento do conhecimento envol-ve o conhecido e o ato de conhecer. A base científica da abordagem dos espaços e a sua totalidade, o espaço total e seu território para Ab'Saber (1977, p. 2):

Não se pode elaborar um corpo de diretrizes para a preservação de re-servas naturais, sem se levar em conta as dimensões do território, sua compartimentação topográfica e ecológica, e a densidade de ocupação e uso de seus solos, sobretudo não se pode deixar de considerar o seu nível atual de urbanização e industrialização.

Milhares de anos de processos naturais e suas diversidades de pai-sagens estão sob o território nacional, e isso deve ser entendido no pro-cesso de proteção de áreas e de responsabilidade social. Professor Aziz constitui um pensamento basilar de rara competência e lógica para a compreensão dos espaços herdados da natureza e seus conjuntos de pai-sagens. Com isso contribuiu não somente com estudantes e pesquisado-

res, mas também com pensadores e planejadores éticos com capacidade de intervenção.

Argumentos a respeito dos aspectos do paleoclima e da paleovegetação e os relictos dos climas secos do passado e sua representatividade nos espaços atuais não foram desconsiderados, isso em um momento em que não estava na agenda de cientistas e políticos a questão climática. As profundas análises de Ab'Sáber (1967) em vários trabalhos indicaram novos rumos para a análise geográfica da Geomorfologia da Amazônia brasileira. A este ícone da Geografia brasileira, devemos as primeiras análises geográficas da área de contato entre os planaltos sul amazônicos cristalinos e a depressão amazônica sedimentar, evidenciando seus pontos de linha de quedas e seu significado na história social, pois são os pontos onde nasceram as cidades de zona de linha de quedas e pontos socialmente dramáticos de construção de hidroelétricas.

O legado do Professor Aziz é denso, reflexivo, propositivo, seja na abordagem, na escala e no método, está entre os que fazem parte de uma ciência que busca o espaço total do processo, como base de paradigmas que fundam e compõem a episteme não somente da geografia, mas também das disciplinas e políticas de proteção de espaços naturais. O fato de ter colocado muitos temas para discussão com solidez e rigor científico é um fato ainda que sejam polêmicos ou tidos como certo pelo senso comum da ciência. Ainda temos a atualidade e força cultural ao ser um dos críticos da proposta do código florestal que está em debate, tanto que já alertava do código florestal para o código da biodiversidade (2010), incluindo no ideário de previsão de impactos. Para o Professor Aziz Ab'Sáber (2002):

Nos estudos de previsão de impactos, o conceito é relativamente simples, enquanto a sua aplicação a cada projeto e a cada tipo de espaço encerra grandes dificuldades. O que sempre está em jogo é a cadeia de conseqüências que o projeto passa a acarretar ao ambiente físico, ecológico e também social.

A confirmação de seus conhecimentos e de sua genialidade advém entre outros fatos, que antes das grandes discussões organizadas via internet, *twitter*, *blogs*, entre outros, o Professor Aziz já falava de coisas que nós não víamos, como, por exemplo, revelando a paisagem como heranças de processos físicos e sociais, e daí também sua preocupação com uma Geografia Humana sofrida; sua obra a gera frutos de diferentes escalas de tempo, por isso é uma leitura obrigatória, para estudantes, pesquisadores e políticos honestos e éticos.

A seguir, transcrevo um trecho dos agradecimentos em meu doutorado relacionado aos meus anos de convívio com o Professor Aziz:

Por último, e não menos importante, meus eternos agradecimentos a um dos grandes nomes não só da geografia, mas da inteligência, o Prof. Aziz Ab'Sáber, foram quatro anos no IEA/USP sob seus ensinamentos, um gênio, ainda que genioso, não por teimosia, e sim por energia cultural competente, lúcida, crítica e capaz de usar uma pedagogia esclarecedora em qualquer lugar, no cânion do Tietê, ou mesmo, em Salto (SP) para entender alinha de quedas; na sala de aula ou nos cafés do centro de São Paulo; nesses poucos anos o Prof. Aziz se tornou um Mestre solidário e um amigo do melhor quilate. (COSTA, 2004)

Soma-se a isso nossa amizade e tantos trabalhos juntos, inclusive nosso último trabalho de campo na região de Manaus em dezembro de 2011.

Nesse sentido, o que termos é: a. A. (antes de Aziz) e d. A. (depois de Aziz), pois sua presença ética, cultural, científica e cidadã é um demarcador. Parte significativa da consciência ambiental atual é influência em algum grau do pensamento do Professor Aziz, que inclui a capacidade e a força da educação como energia cultural e coragem coletiva para criticar e alertar a respeito das consequências da destruição dos espaços naturais e suas problemáticas, tanto que não há como falar de Geografia, Meio Ambiente, Serra do Mar sem mencionar, sem dar nomes, mas isso ainda é pouco para falar do Professor Aziz, do qual tenho infinitas saudades.

Referências

AB'SÁBER, A. N. A arte/ciência de prever impactos. *Scientific American Brasil*, out. 2002

AB'SÁBER, A. N. Do código florestal para o código da biodiversidade. *Biota Neotropica*, v. 10, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.biotaneotropica.org.br/v10n4/pt/abstract?point-of-view+bn0121004>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

AB'SÁBER, A. N. *Diretrizes para uma política de preservação de reservas naturais no Estado de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1977. 26p. (Série Geografia e Planejamento, 30).

AB'SÁBER, A. N. Problemas Geomorfológicos da Amazônia Brasileira. In: Atas do SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA, 1967, Belém. *Atas...* Belém: Belém. CNPq. 1967. V. 1, p. 35-67. Geociências.

AB'SÁBER, A. N. O tombamento da Serra do Mar. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 21, p. 6-19, 1986.

AB'SÁBER, A. N. Zoneamento ecológico e econômico da Amazônia - questões de Escala e Método. *Revista Estudos Avançados*, v. 3, n. 5, 1989.

COSTA, R. C. *Eixo Xingu-Transamazônica: linha de queda, territorialidades e conflitos*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.



Notas do diálogo entre Aziz Nacib Ab'Sáber e a geografia em Alagoas

Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros¹

Falar sobre o Professor Aziz Nacib Ab'Sáber, a sua trajetória acadêmica e científica e a sua contribuição à ciência, e, em particular, sobre a ciência geográfica, obrigatoriamente nos remete a uma reflexão sobre o papel do intelectual orgânico na perspectiva do pensador italiano Antonio Gramsci. Mais do que um homem letrado, formado pela tradicional Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), o Professor Aziz Ab'Sáber foi um grande intelectual que desenvolveu uma concepção ética que o distinguiu ao longo da sua vida. Logo, cabe aqui parabenizar a Professora Maria Auxiliadora da Silva e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) por essa merecida homenagem ao eminente mestre brasileiro.

Sou alagoana, graduada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde iniciei a minha vida profissional, e dessa instituição só me afastei para cursar a pós-graduação. Primeiro, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Rio Claro (mestrado), e, posteriormente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (doutorado); e ao longo de todo esse percurso, o Professor Aziz Ab'Sáber se constituiu uma presença constante, o que certamente reflete a relação do mestre com a Geografia que se fazia em Alagoas, com os "geógrafos" alagoanos. Seja do ponto de vista dos ensinamentos, seja do ponto de vista das relações interpessoais.

Assim, no esforço de resgatar fragmentos dos diálogos que marcaram a presença do Professor Aziz Ab'Sáber em Alagoas, e na esperança de que este esforço venha demonstrar os caminhos percorridos por este grande geógrafo brasileiro, atrevo-me a narrar algumas passagens que

¹ Professora Associada da Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente -IGDEMA- FAL.

se constituem em significativa contribuição para a Geografia no nosso estado.

Do ponto de vista das relações interpessoais, vale destacar o contato que manteve, sobretudo com Ivan Fernandes Lima, grande geógrafo alagoano e de quem prefaciou o livro *Maceió, a cidade restinga – contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano*, publicado pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), em 1990; este clássico da geografia alagoana constituiu originalmente uma tese de concurso para o Liceu Alagoano, em meados da década de 1960. Para o Professor Aziz Ab'Sáber, este trabalho “emerge como uma das mais importantes contribuições para o estudo do litoral brasileiro, feita no último quarto do século XX”.

Na verdade, o diálogo do Professor Aziz Ab'Sáber, que Ivan Fernandes Lima qualificava como “o geógrafo, o geomorfólogo do Brasil”, começa a se estreitar a partir da Assembleia Anual da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), realizada na cidade alagoana de Penedo, em 1962, sob a presidência de outro grande geógrafo brasileiro, Manuel Correia de Andrade. Esse evento constitui um marco na trajetória do Professor Aziz Ab'Sáber. Conforme relatou em entrevista a *Revista Geosul*, da Universidade Federal de Santa Catarina (1992), foi nessa assembleia que lançou a ideia da Teoria dos Refúgios.

Diálogos mais estreitos vão se verificar na década de 1970, mas especificamente com a ida de dois docentes do Instituto de Geociências (IGEO) da UFAL, para participar do curso de Aperfeiçoamento em Geomorfologia do Brasil, com carga horária de 240 horas, na USP – Ivan Fernandes Lima (Geomorfologia) e Iza de Carvalho Lisboa (Biogeografia), com bolsa concedida pelo próprio curso.

Posteriormente, o professor retornaria a Alagoas, em diversas ocasiões. Sempre que era convidado, prazerosamente se fazia presente entre nós. Nessa mesma década de 1970, o Instituto de Geociências (IGEO) da UFAL, tendo à frente as Professoras Miram Marroquim de Quintella Cavalcanti e Maria Teônia de Barros, priorizando a qualificação do corpo docente, inicia a organização de vários cursos com esta finalidade. Dentre esses, o Curso de Aperfeiçoamento em Geografia. Realizado em 1974, este curso teve como professores Manuel Correia de Andrade, Jorge Xavier da Silva, Yves Gervaise e, claro, Aziz Ab'Sáber. Convém aqui lembrar que este curso também estava aberto aos profissionais vinculados Secretaria Estadual de Educação de Alagoas, bem como aos professores de outras instituições de ensino superior da região. (COSTA, 2004)

A partir desse intercâmbio, tornar-se-iam ainda mais estreitos os diálogos entre o Professor Aziz Ab'Sáber e os professores alagoanos, especialmente Ivan Fernandes Lima, que, além de se tornar reconhecido pelo mestre, teve um dos seus livros por ele prefaciado, conforme assinalado inicialmente.

No início da década subsequente, em 1980, o professor mais uma vez retorna a Alagoas e ao Instituto de Geociências (IGEO) da UFAL. Na ocasião, nos presenteou com a conferência *Domínios Morfoclimáticos do Brasil*, à qual tive o privilégio de assistir, naquele momento, já como docente da instituição.

Portanto, desde o interstício iniciado em Penedo, lá pelos idos de 1960, até hoje, a presença do Professor Aziz Ab'Sáber tem sido uma realidade no nosso meio. Dos professores com mais tempo na nossa instituição àqueles chegados nos últimos anos, a ele seremos eternamente gratos. Que o seu exemplo de homem íntegro e grande profissional nos sirva de exemplo, nos conduza e, assim, trabalhemos mais convictos por um mundo melhor. Obrigado, Professor!

Referências

AB'SÁBER, Aziz Nacib. Entrevista com o professor Aziz Nacib Ab'Sáber. *Geosul*, Florianópolis, ano 7, n. 14, p. 161-182, 1992.

COSTA, J. de A. Breve histórico do curso de Geografia (em Alagoas) In: ARAUJO, Lindemberg Medeiros de (Org.). *Geografia: espaço, tempo e planejamento*. Maceió- Alagoas: EDUFAL, 2004. p. 20-25.

LIMA, I. F. *Maceió, a cidade restinga* – contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano. Maceió: Edufal, 1990.



Professor Aziz Nacib Ab'Sáber: cidadão e humanista que se sensibilizou pelos problemas do Brasil

Vicente Eudes Lemos Alves¹

O professor Aziz Ab'Sáber possuía uma importante trajetória como intelectual associado à Geografia, mas, sobretudo, às Ciências Humanas e à sociedade de maneira geral. Embora geógrafo especializado na área de Geomorfologia, o professor Aziz fez parte de uma geração de cientistas, raras, nos nossos dias, que teve uma formação escolar holística, característica da educação pública brasileira, até os anos de 1960. Neste tipo de educação, valorizava-se a transmissão do conhecimento nos moldes das antigas escolas de formação humanística, cuja tradição era preparar as pessoas para a compreensão do mundo na sua totalidade e o saber, sendo constituinte da soma interdisciplinar das diferentes ciências. Herança dos ensinamentos das escolas da Grécia antiga, onde os filósofos também possuíam conhecimento de matemática, de medicina, de economia, dentre outros campos do saber que se dedicavam a resolver os mistérios da vida em todos os seus aspectos, do natural ao social. O professor Aziz foi herdeiro dessa filosofia e sensível não somente às questões relativas às leis da natureza, mas também à maneira como a sociedade se organiza e às contradições nela inseridas.

Durante sua vida inteira, o Professor Aziz assistiu e participou dos grandes eventos da história do Brasil. Nascido em 1924, em São Luiz do Paraitinga, no Vale do Paraíba paulista, e filho de libanês, mudou-se para São Paulo ainda jovem, em 1939, para prestar vestibular para o curso de História e Geografia na antiga Faculdade de Filosofia, da Universidade de São Paulo (USP). O fato de ter que frequentar as aulas das duas ciências que faziam parte do mesmo curso (e ainda de disciplinas

¹ Prof. Dr. do Instituto de Geociências/Unicamp.

complementares presente na grade curricular, como Sociologia e Antropologia) foi importante na sua formação, porque isso lhe possibilitava realizar a interface entre as ciências da natureza e as ciências sociais. Na USP, que havia sido fundada cinco anos antes, em 1934, e na cidade que lhe abrigou, São Paulo conviveu com importantes personagens da história paulista, especialmente do meio acadêmico, dentre outros; Florestan Fernandes (sociólogo); Hadock Lobo (geógrafo); Aroldo de Azevedo e Delgado de Carvalho (geógrafos e autores de livros didáticos nos anos 1940 e 1950); Caio Prado Junior (historiador); Sergio Buarque de Holanda (historiador); Milton Santos (geógrafo); Wladimir Besnard (oceanógrafo) e Paulo Vanzolini (biólogo).

Sua produção acadêmica é imensa e inovadora. Foi um dos precursores da teoria dos refúgios para os domínios morfoclimáticos brasileiros, importante teoria para explicar a evolução de determinados ambientes naturais no nosso território nacional. Além disso, fez relevantes estudos sobre o sítio urbano de São Paulo, descrevendo e analisando diferentes regiões da cidade. Em sua tese de doutorado, *A geomorfologia do sítio urbano de São Paulo*, defendida em 1957, observou, por exemplo, a larga planície do rio Tietê com seus terraços, quando o rio era meandrante e a planície ainda era várzea, coberta de pastos onde os animais de serviço pastavam, normalmente muares que transportavam em suas carroças mercadorias para o centro da cidade. Nestas áreas também havia os campos de futebol de várzea, os “campos de várzea”, onde dali nasceu parte dos tradicionais clubes e importantes jogadores do futebol paulista.

A sua formação acadêmica e humanista foi inspirada também na produção literária, especialmente a de caráter regional, porque da leitura de importantes romancistas era possível resgatar uma gama de elementos presentes na paisagem que permitiam explicar a geografia no seu sentido mais amplo, incluindo tanto a natureza quanto o homem. Ajudaram na sua formação, por exemplo, *Os sertões*, de Euclides da Cunha; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Capitães da areia* e *Jubiabá*, de Jorge Amado, dentre muitos outros. Nestas obras destacam-se a dinâmica da natureza do clima semiárido, mas também as mazelas humanas, com as grandes desigualdades sociais, em regiões marcadas pela concentração da propriedade da terra e pela exploração da população mais pobre. Contrastes semelhantes ao que o professor Aziz verificou em seus trabalhos de campo no sítio urbano da cidade de São Paulo e em seus arredores. Com o seu olhar atento observava que a cidade crescia e se es-

palhava, ocupando as encostas dos morros, naquilo que ele denominou, para o Planalto Atlântico, de “mares de morros”.

O Professor Aziz pertencia a um grupo de expoentes intelectuais, raros, diga-se de passagem, no mundo de hoje, que não via a academia apenas como um lugar de produção de conhecimento destinada a uma parcela privilegiada da população ou de poucas empresas hegemônicas (aquelas que sempre foram às beneficiárias das riquezas geradas por esse País), mas que a universidade cumpra o seu papel social, de produzir conhecimento também para os excluídos, exatamente os que mais necessitam dos avanços conquistados pela academia. Por isso, ele pregava uma democratização desse espaço do saber, rompendo os seus muros e irradiando o conhecimento produzido para os diversos cantos desse País. Essa democratização, entretanto, dizia ele, passa também pelo acesso dos pobres à universidade. Nesse sentido, foi um incansável defensor de melhorias nas escolas públicas do ensino básico, por achar que essa é a melhor alternativa para que o país verdadeiramente se transforme. Foi com esse espírito humanista e de sensibilidade social que ele também se juntava aos movimentos sociais buscando apoiá-los em suas manifestações, especialmente naquelas que lhes deem mais possibilidades de exercerem sua cidadania, conquista que passa necessariamente pela escola e pela leitura.

O acesso das pessoas ao livro, por exemplo, foi uma das suas buscas obstinadas, por achar que a leitura produz uma sedução pelo conhecimento de maneira integrada, porque ela ajuda o ser humano a alcançar novas descobertas e a se emancipar das amarras das classes dominantes. Por isso, sua luta para ampliar os espaços de leitura, através das bibliotecas comunitárias, instalados nas periferias das grandes cidades do estado de São Paulo, sejam em associações de bairro, cursinhos pré-vestibulares, embaixo de viadutos, penitenciária, escolas de samba etc.

Esse foi o Professor Aziz, cuja trajetória de vida nos inspira e nos orgulha.

Encerro esse meu depoimento com suas palavras, que constam no livro *O que é ser geógrafo*, de 2007:

O envolvimento político dos geógrafos é um envolvimento não-personalizado. É político em termos de pressões para um planejamento correto por parte dos governantes. É o que gosto de fazer. Não estou interessado na participação partidária; estou interessado na participação a favor do meu país, do meu povo e dos carentes, que estão mais próximos de mim, representantes de multidões que estão abaixo da linha

da pobreza. Tenho um sentido de geografia humana que é certamente ético e humanístico. (AB'SÁBER, 2007, p. 146)

Sendo assim, ao Professor Aziz os nossos mais sinceros agradecimentos. O seu compromisso incessante pela democratização da sociedade brasileira e pela construção de uma ciência geográfica preocupada com as questões que atormentam o mundo contemporâneo, certamente, serão ensinamentos valiosos para as nossas reflexões e as nossas práticas cotidianas.

Referências

AB'SÁBER, Aziz Nacib. *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Sáber*. Em depoimento a Cynara Menezes. São Paulo: Record, 2007.



Uma tarde de trabalho. Uma tarde de silêncio

Willian Morais Antunes de Sousa¹

Na tarde de sexta-feira, 16 de março, o dia estava ensolarado, um calor de pedir misericórdia... A Cidade do Salvador transpirava, tínhamos um típico dia das terras tropicais.

No Grupo de Pesquisa *Produção do Espaço Urbano*, os professores e alunos, todos, estavam entusiasmados na organização do Seminário em homenagem ao Professor Aziz. O dia era de muito trabalho.

O dia também era de festa, pois estávamos a enviar os convites acerca dos novos rumos tomados pelo Seminário. Havia mais de dois anos que a Professora Maria Auxiliadora da Silva tinha encaminhado a proposta para concessão do Título de Doutor *Honoris Causa* aos Professores Aziz Ab'Sáber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e Manoel Correia de Andrade. Infelizmente, dado o atraso desse documento nos tramites pelos diversos órgãos, este último Professor já não pode receber. Com a confirmação da entrega da honraria pelo Conselho Universitário, continuamos na jornada de trabalho dessa reunião que, sem dúvida, marcaria a história da Geografia brasileira, mas, em especial, a do nosso Laboratório.

Sem nos dar conta do avançar das horas, no prolongar das atividades, atravessamos os vários ponteiros do relógio, e, sem parar, eu e a professora, ficamos três horas ininterruptas enviando e-mails e mais e-mails. Sem falar nos camaradas do grupo, empenhados nas demais atividades.

Um cansaço. Uma fadiga. Um trabalho tão silencioso...

Sempre trabalhamos com um leve sorriso no rosto, mas, naquela tarde, estávamos fixados em cada palavra dos recados e cartas. Era um tanto estranho, tínhamos um olhar sério. Não sabíamos de nada, nada.

O fundamento de todo o trabalho era a visita dos elevados geógrafos que, tendo como ponto de raiz o chão brasileiro, tornaram-se re-

¹ Bolsista do P.E.U, bacharelado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

ferência na teoria e no método da geografia mundial. Penso mesmo que limitar dois geógrafos desse grau à nossa disciplina é um esforço vão, pois suas contribuições ganham a cada dia horizontes largos e contornos acentuados no quadro da Ciência do Homem.

O tempo foi chegado.

A mensagem não tardou. A notícia nos foi dita em tom de segredo, como naquelas ocasiões em que revelamos ao amigo as mais íntimas verdades.

O falecimento do Professor Aziz foi recebido com poucas palavras, mas com sinceras lágrimas e um silêncio fiel. A notícia de uma morte, mesmo que contada em verso, nos consome por inteiro.

“[...] contígua ferida
a morte
desnomeia a vida [...]”²

Do mais que perfeito momento de trabalho restou arrumações vagarosas de mochilas, carteiras e bolsas. Recordo-me que a Professora Auxiliadora se levantou, arrumou seus particulares e partiu. Acompanhei-a. Recordo-me também dos copos d’água, que passavam de mãos em mãos, do fechar e trancar das janelas, e, mais uma vez, repito, do silêncio e da grande tristeza que nos envolveu a todos.

Uma ação em São Paulo, por volta das 10 horas da manhã, deu origem a um evento nacional que atingiu um lugar, o Laboratório, por volta das 15 horas. O evento, o mensageiro da ação, nos tocou.

A nós, estudantes, restou a saudade, a memória e a emoção.

Nós também sentimos. Uma dor diferente, é claro, mas não menos importante e grande. Sentimos a dor por não termos conhecido uma das figuras mais importantes da nossa Geografia: um mestre que, através das suas letras, nos revela, sutilmente, comportamentos dos mais eruditos da Geografia Moderna. Em poucos dias, conheceríamos aquele a quem a minha geração deverá homenagens, e, sobretudo, muitos momentos de leitura para assimilá-lo e compreendê-lo.

No entanto, não menos sublime e maior deixou de ser o Seminário Nacional: *Caminhos de Ab’Sáber. Caminhos do Brasil*, pois aqui estão presentes alguns dos seus amigos e alunos, o que por si nos conforta.

2 ARAÚJO, Jorge. *Munição e Víveres. Os Becos do Homem*. 2ed. - Itabuna: Via Litterarum, 2006. (p.141)

Esse ar de partida, que muito nos emociona, revela outros tantos vazios deixados pelos que já partiram. O nosso Laboratório herdou as linhas de pensamento de dois imponentes geógrafos, Jean Tricart e Milton Santos, e faz pouco tempo que esse último deixou a Geografia brasileira. Em nós, sempre fica aquele desejo: o de trabalhar ao lado desses mestres. Mas o que nos recompensa é termos aqui, neste auditório, alguns desses guias, também mestres da Geografia brasileira, e nossos professores que nos falam deles e dos momentos vividos com orgulho de tê-los conhecido.

Obrigado a todos os professores hoje presentes, pelos seus escritos em que, cada um, a seu modo, nos ajudam no reconhecimento da história do presente.

Gostaria de deixar aqui registrada uma lição que o Professor Aziz aprendeu com outro mestre, Pierre Monbeig, e que retiro das minhas leituras rarefeitas: a de que “o aprendiz de geógrafo deve iniciar seus trabalhos com pesquisas analíticas, no começo; e um dia, bem mais tarde, pode-se chegar à teorização”. Sigo essa lição, devotamente.

Professor Ab’Sáber, ademais tenho a dizer que o Grupo de Pesquisa terá sempre a honra de acolher a sua obra e de resgatar o seu espírito.

Que Salvador seja sempre esse ponto de encontro e união de tanta gente boa!

Willian Morais Antunes de Sousa
Jardim Baiano, abril de 2012.



**Cerimônia de outorga dos títulos de
Doutor *Honoris Causa* a
Aziz Ab'Sáber (*in memoriam*) e
a Carlos Augusto de Figueiredo
Monteiro**

A Magnífica Reitora da Universidade Federal da Bahia, Professora Doutora Dora Leal Rosa, iniciou a cerimônia cumprimentando os componentes da mesa e demais presentes.

No final, após a entrega dos títulos aos professores homenageados, Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e ao Prof. Dr. José Bueno Conti representando a família do Prof. Aziz Ab'Sáber, a Magnífica Reitora proferiu um pequeno discurso com brilhantes palavras sobre os dois professores homenageados, mostrando conhecimento sobre a obra e trajetória de cada um deles. Em seguida, elogiou os discursos proferidos na cerimônia e encerrou a sessão.

Vale ressaltar que as palavras da Magnífica Reitora foram muito elogiadas pelos presentes, principalmente, pelos professores amigos do Professor Aziz que vieram homenageá-lo no Seminário.



Discurso de saudação ao professor Aziz Nacib Ab'Sáber, por ocasião da concessão do título de doutor *Honoris causa (in memoriam)* pela Universidade Federal da Bahia¹

Maria Auxiliadora da Silva

Ao cumprimentar a Magnífica Reitora, Professora Dora Leal Rosa, saúdo também as autoridades aqui presentes, em especial a Diretora em exercício do Instituto de Geociências desta Universidade, professora Olívia Maria Cordeiro de Oliveira. Cumprimento os estudantes e todas as pessoas aqui presentes que acolheram o convite para presenciar esta cerimônia, em especial, os representantes do nosso homenageado.

Início ressaltando que, nesta oportunidade, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) cumpre uma das suas funções mais relevantes: a de reconhecer e registrar o mérito de professores, pesquisadores e, sobretudo, cidadãos que deram sua contribuição à produção do conhecimento e às causas sociais do nosso país, tal como o fez o nosso homenageado, Professor Aziz Ab'Sáber.

Desse modo, a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* que ora se realiza – fruto da iniciativa Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências – representa o reconhecimento da dimensão de um homem que soube ser, acima de tudo, um ser humano sensível, um cidadão profundamente comprometido com lides políticas e sempre disposto a compartilhar seus saberes. E, para mim, representa uma dupla oportunidade: a de marcar seus gran-

1 Discurso de saudação proferido em homenagem ao professor Aziz Nacib Ab'Sáber, por ocasião da concessão do título de doutor honoris causa (*in memoriam*) pela Universidade Federal da Bahia

des méritos, e a de expressar meus sentimentos, dizendo da importância de tê-lo como amigo incondicional em momentos importantes de minha vida.

Começo, então, tentando sumarizar alguns aspectos importantes do percurso de vida e do valioso trabalho do nosso homenageado, Professor Aziz Nacib Ab'Sáber.

O Professor Aziz foi um dos grandes vultos da Geografia brasileira e uma das maiores autoridades em questões ambientais, reconhecido e premiado nacional e internacionalmente.

Em 24 de outubro de 1924, em São Luís do Piratininga (Alto Vale do Rio Paraíba/SP), nasceu nosso ilustre professor, filho de Nacib José Lumes e Juventina Maria Lumes. De família simples, fez seus estudos primários e parte do ginásial foram em Caçapava, para onde a família se mudou quando ele tinha seis anos, concluindo os estudos secundários em Taubaté. Em 1939, foi para São Paulo, onde fez exame vestibular para ingresso na Universidade de São Paulo (USP). Graduou-se, em 1943, como Bacharel em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da referida Universidade, obtendo o título de Licenciado, em 1944. Realizou Curso de Especialização em Geografia Física, nos anos de 1945/46, concluindo-o com a apresentação de um estudo sobre a *Geomorfologia da região de Salto e Itu* (SP).

Algumas influências foram marcantes no seu percurso acadêmico. Uma delas foi a de mestres franceses, entre os quais, Pierre Monbeig, Roger Dion e Louis Papi, com os quais aprofundou a sua formação como geógrafo. Importante também foi a sua convivência com o sociólogo Florestan Fernandes, decisiva para sua formação humanista, por despertá-lo o desejo e a intenção de pensar politicamente, em função das profundas diferenças socioeconômicas já existentes em todo o Brasil.

A partir de 1945, iniciou suas experiências como professor em diversos colégios de São Paulo, atuando depois no ensino universitário. Ministrou aulas na Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae e, em seguida, nas Faculdades Campineiras, hoje Pontifícia Universidade Católica (PUC - Campinas). Em 1947, foi convidado pelo geólogo e paleontólogo Kenneth Caster (do Departamento de geologia e Paleontologia/USP) para ser seu assistente, sem ônus, na USP.

O Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1956, no Rio de Janeiro, foi marcante na vida do professor, pela oportunidade de conhecer grandes mestres da Geografia francesa, como Max Sorre, Jean Tricart, André Cailleux e Jean Dresch, em excussões pela Serra do Mar fluminense e pelo Nordeste semiárido. Um ano depois do contato com

os franceses e, em especial, com o Professor Tricart, o Professor Ab'Sáber estabeleceu um roteiro metodológico para os estudos de geomorfologia, o qual gerou um trabalho, publicado pelo Instituto de Geografia da USP, em 1968, com o título *Um conceito de Geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário*.

Defendeu sua tese de Doutorado, intitulada *Geomorfologia de Sítio Urbano de São Paulo*, em 1956 (FFLCH/USP), e foi professor na Escola de Jornalismo Cásper Líbero, na PUC - São Paulo, na Faculdade de Filosofia de Sorocaba/SP e na Escola de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1959/1960), período em que se afastou, provisoriamente, da USP.

Em 1965, defendeu sua tese de Livre Docência, *Da participação das depressões periféricas e superficiais aplainadas na compartimentação do planalto brasileiro*, sendo finalmente nomeado como professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. *Bases geomorfológicas para o estudo do Quaternário, no Estado de São Paulo* foi o trabalho apresentado, posteriormente, no concurso para Professor Titular do Departamento de Geografia da referida Faculdade.

Esse percurso acadêmico foi marcado, na USP, pela formação de mestres e doutores, especialmente na área da Geomorfologia, orientando jovens pesquisadores de vários estados do país, inclusive da Bahia. Foi o fundador do Instituto de Geografia da mesma Universidade, fomentando a pesquisa e a publicação dos resultados, sendo seu diretor no período de 1969 a 1982.

A criação de boletins e periódicos geográficos foi um marco ao longo da carreira do Professor Ab'Sáber, destacando-se, nesse âmbito, a organização de uma série de publicações especializadas nas áreas de Geomorfologia, Climatologia, Geografia Urbana, Geografia Agrária, Geografia do Planejamento, Paleoclimas e Métodos de Pesquisa.

Entre 1979 e 1982, foi também diretor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de São José do Rio Preto, onde criou pequenas revistas: *Craton e Interocraton*, para geologia; *Vegetália*, para a botânica; *Genoma* para biólogos geneticistas e *Interfácies*, de caráter multidisciplinar. Essa última, em três anos, chegou a publicar mais de 150 artigos. Ao final do contrato com essa Universidade, foi convidado para a UNESP de Rio Claro, na área de Ecologia, onde permaneceu entre os anos de 1983 e 1985.

Profundo conhecedor das paisagens geográficas brasileiras em função dos seus estudos e trabalhos de campo realizados em praticamente todo o território nacional, é autor de inúmeros artigos científi-

cos e livros, sendo responsável pela organização de capítulos de livros, artigos e entrevistas em jornais e revistas, além de ter participado de debates em emissoras de televisão. Em sua maioria, a vasta obra do Professor Ab'Sáber – mais de 400 títulos – é voltada para a Geomorfologia, especialmente sobre a dinâmica e as potencialidades dos domínios de natureza, no Brasil, bem como sobre os problemas de desertificação em áreas tropicais, com ênfase na região nordestina, constituindo referencial teórico obrigatório para todos os que se dediquem aos estudos dessas questões. Merecem destaque também seus inúmeros ensaios sobre a região amazônica, onde discute problemas como o zoneamento ecológico e econômico ou os impactos da implantação da indústria siderúrgica na região. Apresenta um painel dos projetos governamentais de exploração da região e analisa os equívocos cometidos em nome do interesse econômico, apontando as possibilidades de modelos autossustentados que preservem recursos naturais e respeitem a identidade cultural das populações amazônicas.

As preocupações científicas do Professor Aziz Ab'Sáber, ao longo de 50 anos de trabalho e pesquisas, ultrapassaram, entretanto, as fronteiras da geomorfologia, perpassando por outras temáticas não só da geografia como de outras áreas, a exemplo de: Geografia regional; Geografia e Ecologia urbanas; História das ciências; Paleoclimas e Paleoeologia; ecossistemas continentais sul-americanos; patrimônio ambiental; diagnósticos para planejamento regional e territorial; estratégias de proteção à biodiversidade; paisagismo ecológico e metabolismo urbano; previsão de impactos, entre outros.

Como reconhecimento ao seu trabalho, o Professor Ab'Sáber tem recebido vários prêmios, homenagens e ocupado cargos de relevância ao longo de sua vida, entre os quais: Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, desde 1976; Presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da qual é Presidente de Honra.

Tinha uma verdadeira paixão por bibliotecas, inclusive bibliotecas comunitárias em comunidades carentes, em penitenciárias e em albergues, trabalhando por implantá-las ou revigorá-las em muitos dos lugares por onde passou, inclusive em São Luiz do Paraitinga, sua cidade natal.

Aposentou-se em março de 1983, com 36 anos e meio de trabalho, porém, continuou realizando conferências, palestras e cursos nas mais diversas instituições acadêmicas e universitárias do país, sobre temas bastante diferenciados.

Destacou-se por sua luta incansável em defesa da natureza, que teve início em São Paulo, com a mobilização em prol dos remanescentes de Mata Atlântica das serras situadas em torno da cidade, estendendo-se, posteriormente, para toda a Serra do Mar, e tendo contribuído para o seu tombamento no Estado de São Paulo. Pode-se dizer que o professor Ab'Sáber já participou, de alguma forma, da defesa de todos os ecossistemas brasileiros. Entre 1988 e 1989, passou a integrar, como geógrafo, a equipe de pesquisadores do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA/USP), do qual é professor emérito. Entre os vários trabalhos desenvolvidos no IEA, pode-se citar: *O Pantanal Matogrossense e a Teoria dos Refúgios*; o *Projeto Floram* (Florestas para o Meio Ambiente), transformando-o num projeto diferenciado de florestas sociais: florestas para a sociedade e a comunidade, tendo como ponto de partida a reintrodução de espécies nativas, no contexto da natureza regional. Em 1998, esse projeto ganhou o prêmio mais importante da ecologia mundial, em Johannesburgo.

Determinado, dinâmico e trabalhador incansável em prol do desenvolvimento e do conhecimento e proteção da natureza, no Brasil, este geógrafo é admirado por sua relevância extraordinária como professor e pesquisador, exibindo, em seu discurso, vitalidade, independência e uma invejável capacidade de análise. O seu perfil é o de um intelectual, educador, cientista ético, humanista, amigo e sem preconceitos, sempre disposto a dar sua contribuição a debates que considerava importantes.

Como humanista, sempre valorizou a cultura e sempre esteve preocupado com as necessidades e aspirações da sociedade nos diversos espaços territoriais do país. Nesse sentido, diz o renomado mestre que

[...] as ciências humanas são tão importantes quanto as ciências técnicas, enquanto ideias práticas de projetos de interesse nacional. Em outras palavras: as ciências humanas é que são capazes de mostrar as condições sociais, socioeconômicas e culturais de uma região ou de um local. Os projetos têm que ser adaptados às necessidades e às aspirações da sociedade que está nesses espaços. (AB'SÁBER, 1999, p. 46)

Assim, considera que Universidade tem de estar sempre presente na discussão crítica dos projetos, independentemente das reações dos políticos e governantes, o que implica dizer que a Universidade representa a consciência crítica da nação. Para ele, “[...] a Universidade verdadeira é aquela que tem a consciência crítica permanente, e que representa um assalto a estimular a inteligência do recém-ingressado e do homem que vai entrar depois na vida prática.” (AB'SÁBER, 1999, p. 47)

Ao finalizar esta apreciação sobre o perfil intelectual, científico e cultural do Professor Aziz Nacib Ab'Sáber, cabe ressaltar que, além das mais de 400 obras publicadas ao longo de sua carreira, há alguns que ainda se encontram no prelo.

Agora, passo a falar de outra faceta do homenageado, a qual se pudesse ser resumida bastariam duas palavras: generosidade e solidariedade.

Conheci o Professor Aziz há muito tempo, ainda como estudante universitária, em uma Assembleia dos Geógrafos Brasileiros em Penedo, Alagoas. Eu estava encantada com todos aqueles grandes vultos da Geografia, mas um deles se sobressaiu entre os demais, pelo tratamento que dispensou a nós, mais jovens: o professor Aziz. Tive a certeza de que, a partir dali, o professor Aziz faria parte de minha vida, em definitivo. Dos grandes professores naquela AGB, nessa época, eu só conhecia Professor Milton Santos.

Devo a ele o consolo, o carinho em um dos piores momentos de minha vida. Havia perdido meu companheiro na França, tragicamente, e ele me apoiou primeiro, por telefone, e depois conseguindo passagem e hospedagem, com direito de levar duas amigas para que eu não me sentisse só, para um encontro em João Pessoa, em que ele seria homenageado.

Anos antes, quando terminei a minha tese de doutorado, ele imediatamente se ofereceu para publicá-la, mas eu nunca me dispus a traduzi-la. No ano passado, sabendo que eu ainda não o tinha feito, novamente insistiu para que eu tentasse publicar a tese, já que agora, segundo ele, seria um documento histórico importante, inclusive, para a Petrobrás.

O interesse pelas pessoas, a curiosidade científica pelo que nós, da Bahia, estávamos fazendo, era assunto de nossas conversas por telefone, nesses últimos dois anos, enquanto me contava seu percurso e o que fazia. Mandou-me um presente inestimável, que foi o CD do seu livro publicado pela Petrobrás, e, na sua generosidade, me pediu para socializá-lo. Ficou de trazer o livro, quando viesse para o Seminário. Não deu tempo...

As conversas por telefone, a voz suave do Professor Aziz, o elogio que fazia às pessoas e nunca a crítica aos colegas me deixava orgulhosa por merecer a amizade desse belo ser humano, humanista como poucos, com grande riqueza interior. Pensava: feliz daqueles que podem desfrutar dessa amizade.

Ele não só nos deixou toda a sua sabedoria como deixa, para todos, um exemplo de luta pela Natureza, pelos menos favorecidos, pela vida, pela amizade e solidariedade e pela união entre os povos.

Sabia como poucos defender suas convicções com firmeza em todos os âmbitos da sociedade, mesmo que, às vezes, se sentisse sozinho, naquilo em que acreditava, por falta de visão ou de coragem daqueles que com ele dialogavam. Lutou pelo exercício da cidadania e pela construção de uma sociedade de justiça e paz. Para mim, foi um iconoclasta: quebrou paradigmas, ignorou fronteiras, estarreceu alguns e encantou a muitos, principalmente as gerações de alunos com os quais exercitou uma pedagogia do diálogo e da liberdade de pensar o mundo, de pensar sobre os menos favorecidos. Apesar de ser um pensador mundialmente conhecido por seu trabalho minucioso e criterioso, para mim, seu maior título foi o de **Professor**. Professor por opção, vocação e paixão.

Era, sobretudo, um amigo. Independentemente do tempo e da distância física, sabíamos que sempre era possível contar com ele. Bastava chamar, ele viria.

Era afetuoso e sincero.

Muito difícil é traduzir em palavras meus sentimentos em relação ao Professor Aziz: amizade, confiança, consideração, admiração e muita emoção. Quem conhecia o Professor Aziz e privava de seu saber e de sua amizade sabia que ele lutava pela construção de um mundo melhor, de um mundo de possibilidades. Nos seus ensinamentos, nos mostrou o compromisso que temos com o tempo e com o espaço que nos é dado viver, um tempo de injustiças, de exclusão, de solidão, de valores, que sobrepõem o individual ao coletivo, o capital ao social. Um tempo de solidariedade virtual e de miséria real, mas, um tempo que é, sobretudo, de construção de um futuro diferente para o homem e para a grande casa do homem, o nosso Planeta.

Em um mundo globalizado, em que os valores da competição abafam os valores da solidariedade, da compreensão humana, os grandes sentimentos costumam não ter lugar no espaço da vida. Particularmente nas grandes *urbes*, predomina, cada vez mais, a solidão individual, o egoísmo, o “salve-se quem puder”, a competição desumana. Para ele, não devemos ceder lugar a esses sentimentos, não devemos abdicar dos valores humanos, da cooperação, da solidariedade e da fraternidade.

Aprendi com ele que a solidariedade constrói e deve se constituir na lei maior de nossas vidas.

Com ele também aprendi que não podemos nos conformar com a exclusão, considerando-a uma coisa natural, que nada tem a ver conosco. A injustiça social, a exclusão, a fome, a violência concreta e simbólica a que são submetidos cidadãos de uma grande parcela da sociedade diz respeito a todos nós e a cada um de nós, e deve gerar uma indignação

produtiva, no sentido de não apenas denunciá-la, combatê-la, mas, sobretudo, de atacar os condicionantes que a têm gerado e perpetuado. É como se eu o estivesse ouvindo agora, com a firmeza que marcava o seu caráter.

Vamos transformar a exclusão, cada vez mais gritante na cidade e no campo, em solidariedade concreta e comprometida com a sua superação. Todos os homens, em todas as profissões, tem algo a fazer contra a injustiça social. Onde quer que estejam e laborem é tarefa de todos lutarem pela dignidade humana, pela construção de um mundo melhor, mais justo e um Planeta que, como casa do homem, possa abrigá-lo e protegê-lo. Não nos é dado o direito da alienação da cumplicidade com a opressão, da omissão frente aos problemas do nosso tempo. (AB'SÁBER)

Essas são as lições que aprendi com o professor Aziz, para quem a Geografia é uma área do conhecimento que deve estar vinculada às questões de redenção do homem, da miséria, da fome, do frio, da solidão, do sofrimento dos homens do nosso tempo. Nesse sentido, é impossível não lembrar como os ensinamentos do Professor Aziz se articulam com o pensamento do Professor Milton Santos, a quem peço licença para citar:

Quantos habitantes no Brasil, são cidadãos? Quantos nem sequer sabem que não o são? O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar nas sociedades humanas. Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir com os demais uma herança moral, que faz de cada qual um portador, de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, à chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna. (SANTOS, 2007)

Ao Professor Aziz, portanto, minha homenagem e o propósito de aproveitar suas lições de grandeza e de humildade tão necessárias à vida e ao exercício do trabalho acadêmico.

Agradeço a oportunidade que o senhor, Professor Aziz, nos proporcionou oferecendo essa possibilidade de reunir tantos dos seus amigos, que nos enriqueceram com aspectos de sua preciosa vida, nos mostrando toda a sua sabedoria e generosidade.

Uma grande saudade, Professor, e minha afetuosa amizade.

Maria Auxiliadora da Silva
Em 21.05.2011

Referências

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

AB'SÁBER, Aziz. Em artigo de Hamilton Octávio de Souza, A universidade representa a consciência crítica da nação. *Revista ADUSP*, São Paulo. 1999. p. 46-47



Palavras de agradecimento da família de Aziz Nacib Ab'Sáber pronunciadas

José Bueno Conti¹

No dia 16 de março de 2012 a vida de Aziz Nacib Ab'Sáber foi bruscamente interrompida por um enfarte fulminante. Estava tranquilo em sua casa, em Cotia, ao lado de sua esposa Cléa, quando a fatalidade o atingiu e o levou para sempre de nosso convívio.

A morte, porém, também pode ser interpretada como um grande despertar.

Está fazendo uma falta enorme a todos nós, especialmente à sua família que, neste instante de muita dor não se sente em condições emocionais para comparecer a esta homenagem póstuma promovida pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e solicitou que eu a representasse. Aqui estou por delegação de sua esposa Cléa, de seus filhos Janaína, Jussara, Alexandre, Carin e Tales, de seus irmãos Nídia, Neide, Jorge e de seus sete netos e dois bisnetos. E houve, também, os irmãos Nazira, Luiz e Iucef, falecidos há várias décadas. É, pois, bastante comovido que desempenho essa honrosa incumbência. Devo acrescentar que a família ficou muito agradecida com a realização deste evento, reconhecendo a nobreza da iniciativa da UFBA.

Sem ter ligações de sangue com Aziz, sempre me senti preso a ele com grande afeto, indo além da condição de aluno que o admirava e, mais tarde, de colega da Universidade, e o reverenciava como uma espécie de irmão um pouco mais velho, mas muito mais sábio. Tomei-o como exemplo, e gostaria de, um dia, ser como ele: erudito, porém despretenhoso, cientista respeitado, lutador, aquele que, até o fim de sua vida, combateu o bom combate com coragem e destemor.

Poderia ter vivido os últimos anos de sua existência com tranquilidade, em sua magnífica casa construída no meio a uma bela área verde,

¹ Professor Titular da Universidade de São Paulo (USP).

propriedade que levou anos para ser erguida, sempre com o apoio de sua esposa, exigindo a superação de grandes dificuldades financeiras, pois, no Brasil, os estudiosos e cientistas são subvalorizados e insuficientemente remunerados. Aziz, porém, continuou sua vida de trabalho em prol da cultura e das grandes causas nacionais que afetavam a natureza, da qual foi sempre o mais competente defensor. Ele teve a coragem de denunciar os riscos do projeto de transposição das águas do São Francisco, os equívocos do novo Código Florestal em discussão no Congresso Nacional e muitas outras iniciativas relevantes. Nunca se omitiu, e isso enobrecerá, para sempre, sua memória.

Não conheci os anos de sua infância em São Luis do Paraitinga e Caçapava, mas as narrativas que dele ouvi permitem-me imaginar sua meninice feliz crescendo em um ambiente singelo, em meio a uma família numerosa e muito amada.

Adorava a terra natal. Sua irmã Nídia me fez uma surpresa nestes dias de muita angústia. Recolheu três poemas escritos por Aziz, quando garoto, e me passou esses textos valiosos que revelam um outro lado de seu talento.

O primeiro *Um bizarro curral* descreve um dia de eleições em São Luís quando a população comparecia, obediente, aos chefes políticos locais, para votar nos candidatos já designados. Terminava como estes versos:

E a triste cena projeta-se,
Na minha memória,
Para sempre.
Como uma bizzarria
antiética e anti-democrática.
Um momento de politiquice repetitiva.
Que coisa triste Brasil meu.

O segundo *Saudades do vozerio* relata os dias de mercado (domingo), quando os caboclos vinham das redondezas e das vilas vizinhas, Lagoinha e Catuçaba, a cavalo, com seus produtos para oferecer à venda, e conta, também, como eram as “deslumbrantes festas religiosas” que terminavam sempre com um “barulhento foguetório”. Deixarei cópias desses textos para os colegas da Bahia.

O terceiro poema, pelo seu extraordinário lirismo, permito-me reproduzir, na íntegra, neste momento de tristeza e luto.

Ecos do Sino Grande
Ainda oiço. Trago na memória
Na noite de São Luiz
Escuto ainda
As badaladas arrastadas
Do sino grande da matriz.
Coisa rara: tivemos que sair
Minha mãe, minha madrinha e eu
Para arejar o pequeno Iucef
Que estava com tosse comprida
Ruas desertas. Escuridão.
Barro e chuvinha.
Cheiro de mato vindo de outra banda
Do rio.
No alto do morro
O cruzeiro iluminado que meu pai
Poeta introvertido
Mandou iluminar.
Primeiras elétricas luzes
Que antecediam
O pontilhado imenso que marcava as luzes do Universo.
Saudades de menino
Entes queridos
Lembranças sentidas.
E, para completar
As badaladas arrastadas do sino grande
Que saudade, Deus meu!

E com esta preciosidade escrita por nosso querido Aziz menino,
encerro estas palavras de recordação e saudade.

Salvador, 22 de maio de 2012
José Bueno Conti.



Saudação ao Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro na solenidade de outorga do Título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia

Neyde Maria Santos Gonçalves¹

A vida vale pelo que se lhe pode acrescentar de bom, de belo, de útil e os momentos de alegria devem ser vivenciados em toda sua plenitude.

A solenidade deste momento, em que pese a sua formalidade, não impede que vivamos e expressemos as emoções do afeto, da admiração, da alegria, e sobretudo da gratidão que nos inspira a trajetória dos mestres queridos que hoje são homenageados pela nossa universidade.

Meu caro Professor Carlos Augusto,

Tive o privilégio de ser sua aluna em três fases da minha vida: na graduação, em um curso de férias sobre Climatologia Dinâmica, oportunidade oferecida pela Universidade Católica de Salvador (UCSal); em um estágio, no Laboratório de Climatologia da USP, onde participei, também, das suas aulas de Fisiologia da Paisagem, na graduação, e de Climatologia Urbana na pós-graduação e, bem mais tarde, como sua orientada no Doutorado em Geografia da USP. Assim, a leitura e o estudo dos seus trabalhos sempre fizeram parte da minha vida acadêmica e deles herdei a compreensão e a convicção da “unidade” da Geografia, sem a dicotomia física/humana que ainda hoje a acompanha.

¹ Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

Tenho, pois, uma grande admiração pela sua obra e um profundo respeito pelo professor brilhante, competente, dotado de uma grande capacidade didática e, também, de muita simplicidade na transmissão de suas ideias e conhecimentos.

É, para mim, uma honra e um momento de muita emoção, porém, de muita alegria, pela oportunidade de trazer ao conhecimento da nossa comunidade e, sobretudo dos nossos alunos, alguns aspectos da vida acadêmica de um humanista, dedicado à pesquisa científica realizada com muita competência, seriedade, rigor e responsabilidade, sempre movido pelo entusiasmo e pelo ideal de formar jovens pesquisadores da Geografia.

Não farei aqui uma análise da sua obra, face a sua multiplicidade e complexidade, mas tão somente, irei periodizar e pontuar alguns fatos importantes que marcaram a sua trajetória de professor e pesquisador.

Em 1950, aos 23 anos, o jovem de raízes nordestinas, nascido em Teresina (Piauí), diplomava-se em Geografia e História, na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro). Ainda estudante, iniciou sua trajetória de pesquisa no Conselho Nacional de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), escrevendo seu primeiro artigo científico, *Notas para o estudo do clima do Centro-Oeste brasileiro*, e lá permaneceu como geógrafo até o ano de 1967.

Completo seus estudos na França, entre 1951/1953, realizando cursos de especialização e estágios em Geomorfologia e Sedimentologia na Faculdade de Ciências e Letras da Sorbonne (Paris) e na Escola Nacional de Agricultura em Rennes (Bretanha).

Sua carreira universitária começou em Florianópolis, na antiga Faculdade Catarinense de Filosofia, tendo sido o primeiro responsável pela consolidação de Departamento de Geografia daquela Faculdade e, como assessor do IBGE, foi também responsável pela edição do *Atlas geográfico de Santa Catarina*, do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, obra pioneira do gênero naquele estado.

Nos anos 1960, exerceu atividades de ensino e pesquisa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (SP), (1960/1964) e no Instituto de Ciências da Universidade de Brasília (1964/1966), tendo, ao longo dessa década, ministrado diversos cursos de Extensão Universitária em várias universidades brasileiras (Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ, Universidade Federal do Ceará / UFCE, Universidade Federal da Bahia / UFBA) e em órgãos de pesquisa (Conselho Nacional de Geografia / IBGE e Companhia Nacional de Defesa e Desenvolvimento da Amazônia / CNDDA).

Além dos vários artigos básicos sobre Climatologia Dinâmica publicados na *Revista Geográfica do Instituto Panamericano de Geografia e História*, nessa época, foi de grande relevância a pesquisa e produção do *Atlas sobre a dinâmica climática e as chuvas no Estado de São Paulo*, realizada em Rio Claro, no qual adotou na análise da dinâmica atmosférica regional, a prática de utilizar perfis transversais das regiões estudadas. Publicada em 1973 pela USP, esta obra foi reeditada, integralmente, em meio digital, pelo Grupo de Pesquisa de Climatologia Geográfica / UNESP - CNPq, no ano 2000.

Sua tese de doutorado, *A frente polar Atlântica e as chuvas de inverno na fachada Sul-oriental do Brasil*, defendida na USP, em 1967, trouxe uma importante contribuição metodológica para a análise rítmica dos tipos de tempo no Brasil, sendo considerada fundamental para a compreensão da Climatologia Dinâmica brasileira. Sequenciada por uma série de pesquisas e consolidada, mais tarde, como paradigma (1971), a análise rítmica ou o ritmo climático constituiu-se no fundamento teórico-metodológico da Climatologia Geográfica, servindo de base para as inúmeras pesquisas que se desenvolveram e vêm se desenvolvendo sobre a temática há quase meio século.

De 1968 a 1987 dedicou-se às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nesses 20 anos de dedicação à USP, está o “core” de sua produção científica e intelectual, bem como da sua grande experiência de ensino na graduação e pós-graduação. Nesta última, a disciplina Climatologia Urbana, oferecida pela primeira vez, no 2º semestre de 1971, não só atraiu o interesse e a frequência de arquitetos, urbanistas e paisagistas, face à importância da temática, como serviu de subsídio para uma nova linha de pesquisa e respectivo programa de trabalho, sob sua orientação, no Laboratório de Climatologia daquela Universidade.

Em 1975, defendeu sua tese de Livre Docência (FFLCH/USP), intitulada *Teoria e clima urbano*, a qual, editada em 1976, trouxe uma grande contribuição teórico-metodológica para os estudos de Clima Urbano no Brasil. Aplicada, tanto no campo da Climatologia Geográfica quanto no da Arquitetura, motivou, entre várias pesquisas, a elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

O clima urbano, no enfoque do Professor Monteiro, é analisado como um dos componentes da Qualidade Ambiental, buscando imprimir uma conduta de investigação que veja na cidade não um antagonismo entre o homem e a natureza, mas uma coparticipação. Através

de uma visão sistêmica, com graus de hierarquia funcional e diferentes níveis de resolução, o estudo do Sistema Clima Urbano (SCU) é direcionado para canais dirigidos à percepção sensorial e comportamental do habitante da cidade: os canais do Conforto Térmico, da Qualidade do Ar e do Impacto Meteorológico.

Ao lado do seu trabalho acadêmico, o Professor Carlos Augusto teve a oportunidade de colaborar com projetos urbanísticos, inclusive na implantação de novas cidades, a exemplo de Barcarena, no Pará, sendo muito solicitado para ministrar cursos sobre Clima Urbano no Instituto de Arquitetos do Brasil – Seção São Paulo (1974/1975) e na Sociedade Brasileira de Arquitetos.

Entre 1975 e 1987, dedicou parte do seu tempo a algumas atividades aqui na Bahia: participou do 1º Curso de Especialização em Análise Espacial promovido pelo Departamento de Geografia da UFBA (1975); colaborou, como assessor, em projetos de relevância na Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, do Estado da Bahia, orientando trabalhos cujos resultados foram publicados e amplamente divulgados, entre os quais: *A compatibilização dos usos do solo e a qualidade ambiental na região central da Bahia*, o *Atlas climatológico do estado da Bahia* e *Qualidade ambiental do recôncavo e regiões limítrofes*.

Ainda nesse período, entre setembro de 1982 e abril de 1983, foi pesquisador visitante da Universidade de Tsukuba (Japão), no programa para a América Latina conduzido por aquela Universidade, onde concluiu o trabalho *Observation of the heat island in Patos and Campina Grande, northeast Brazil*, sobre uma área do Nordeste Brasileiro, iniciado com pesquisa de campo em 1982. Editado em inglês pela mesma Universidade (*Latin American Studies* nº 10, 1988), este trabalho, segundo o professor, “[...] é capaz de desvelar toda minha maneira de sentir geograficamente, ou seja, abordar a íntima relação entre o homem (social) em seu relacionamento com a terra (natural)”.

Isto porque, como geógrafo, sempre explicou e defendeu com clareza a “unidade” da Geografia e a importância dos estudos integrados, preocupação que sempre o acompanhou desde a época de estudante e que tentou superá-la como professor, propiciando aos estudantes o esforço de relacionar os fatos “físicos” aos humanos. Essa postura filosófica veio a se consolidar na USP, ao adotar a abordagem geossistêmica tanto em sala de aula, particularmente na disciplina Fisiologia da Paisagem, quanto pela aplicação prática no planejamento, especialmente nos trabalhos de Qualidade Ambiental. Dentro dessa concepção publicou valiosos trabalhos.

Ao longo de sua profícua e brilhante carreira universitária, formou inúmeros mestres e doutores em Geografia, especialmente nas áreas da Climatologia Geográfica e da Análise Ambiental, combinando presença marcante nas assembleias da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e da União Geográfica Internacional (UGI). Nesta última, foi membro da comissão “Problemas Ambientais (1976/1984)” participando de todas as reuniões e simpósios, em vários países, com apresentação de trabalhos de grande relevância. Como reflexo dessa atuação publicou, em 1980, o livro *A questão Ambiental no Brasil*, focalizando e analisando os principais problemas ambientais existentes no país.

Ainda na UGI fez parte, também, do Grupo de Trabalho *Climatologia tropical e assentamentos humanos*, cujas reuniões embora, em maioria, fossem realizadas em países do Extremo Oriente (China, Sirilanka, entre outros), conseguiu realizar uma aqui, em Salvador, através do Departamento de Geografia da UFBA, no ano de 1982.

Uma característica singular do Professor Carlos Augusto, como professor, é a preocupação que sempre teve em documentar fatos de sua vida acadêmica, fazendo sistematicamente relatórios anuais visando uma autorreflexão posterior sobre o trabalho realizado. Outra qualidade, expressa em muitos dos seus trabalhos e que marcavam todas as suas atividades didáticas eram os esquemas, os blocos diagramas e os desenhos, sempre elaborados com cuidado e perfeição. Como pesquisador, tem a capacidade de fazer avaliação, revisão e autocrítica, dos seus trabalhos, explicitando os caminhos percorridos, as dificuldades encontradas e as possíveis soluções para estabelecer e consolidar suas propostas. Isto pode ser constatado em algumas de suas obras: em *Clima e excepcionalismo* (publicado, em 1991, pela UFSC), faz um balanço autocrítico da sua produção na pesquisa climatológica, no Brasil, ao tempo em que apresenta as novas possibilidades para incrementar pesquisas futuras. Em *O estudo geográfico do clima* (1999), expõe, claramente, a sua trajetória, por várias décadas, para conceituar o clima como fenômeno geográfico.

Ao lado de toda essa trajetória na área específica da Climatologia Geográfica, da Climatologia Urbana, e da Análise Ambiental, é importante ressaltar a sua contribuição para a compreensão da história do pensamento geográfico no Brasil, sobre o qual tem produzido instigantes reflexões em livros e artigos publicados.

Sua aposentadoria na USP, em 1987, não reduziu suas atividades. Ao contrário, os anos 1990 foram de realizações importantes. Além de ter colaborado nos cursos de Pós-Graduação em Geografia das Universidades Federais de Santa Catarina (UFSC) e Minas Gerais (UFMG), foi

convidado incessantemente, para proferir conferências e palestras em eventos diversos e fóruns de debates, discutindo questões ambientais e culturais da geografia.

Em 1995 e 1997, colaborou com o Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade Internacional de Estudos Culturais da Universidade de Tenri, província de Nara, no Japão, onde produziu alguns trabalhos sobre o Brasil, alguns publicados, outros inéditos.

Ainda inédita e considerada, por ele, uma das suas produções mais relevantes é o estudo histórico-geográfico do Piauí, sua terra natal, centrado na memória familiar. Trata-se de um trabalho em cinco volumes, com um total de 2000 páginas, com ilustrações próprias.

Nos anos mais recentes, o professor volta o seu interesse para a Geografia Cultural, sobretudo na sua linha Humanística, buscando relacionar a Geografia à Literatura, em especial, na obra de Guimarães Rosa, de quem é grande admirador. Nesse contexto, a coletânea *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*, editada pela UFSC (2002), apresenta uma série de trabalhos produzidos no Brasil e no Japão. Em continuidade a essa linha de pesquisa, tem produzido ensaios e realizado palestras que incluem, também, a relação com a ciência e a arte.

A singularidade de toda sua obra científico-literária reflete o seu perfil de intelectual, a sua visão de mundo e a sua refinada capacidade em relacionar a ciência geográfica com outros ramos do saber, a exemplo da filosofia, da psicologia, da biologia, da mitologia entre outras, evidenciando, na prática, a importância do trabalho interdisciplinar e mesmo transdisciplinar.

Como reconhecimento à excelência do seu trabalho como professor e pesquisador, humanista, ético, amigo incondicional e sem preconceitos, tem recebido nestes últimos anos, nos muitos eventos que tem participado, cercado pelo carinho dos seus alunos, colegas e amigos, inúmeras homenagens pelo seu incentivo à pesquisa e suas contribuições em Programas de Pós-graduação de várias universidades brasileiras, além de ter sido agraciado com os títulos de Professor Emérito da USP (26/06/2003) e Doutor *Honoris Causa* das Universidades Federais do Rio de Janeiro (28/11/2000), do Piauí (29/05/2007) e de Santa Catarina (18/09/2008).

Autor de mais de 200 obras publicadas (teses, livros, edições, capítulos de livros, artigos, ensaios, palestras, cursos, entrevistas) o Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro figura entre os grandes mestres da Geografia Brasileira.

Por toda essa riqueza de vida, e pela grande consistência e relevância de sua obra, caro mestre, reafirmo aqui a minha gratidão e tenho a certeza de que este é, também, o sentimento de seus amigos, alunos, orientados e colegas pelo que nos transmitiu, ao longo de sua trajetória ou “travessia”, como você gosta de dizer, com muito altruísmo, entusiasmo e, sobretudo, com muito amor.

Muito Obrigada!

Referências

MONTEIRO, CARLOS. A. F. Observation of the heat island in Patos and Campina Grande, northeast Brazil. *Latin America Studies*, p. 145-156, 1988.

Agradecimento do professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro à outorga do título de Doutor *honoris causa* pela Universidade Federal da Bahia

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro¹

Magnífica Reitora da Universidade Federal da Bahia.
Excelentíssimas Autoridades, Civis,
Prezados Colegas Docentes,
Estimados Alunos,

O agradecimento à outorga do Título de Doutor *Honoris Causa* por esta Universidade foi acrescida pela honra de ser acompanhado por igual honraria ao excelentíssimo geógrafo Professor Aziz Nacib Ab'Sáber.

Com apenas três anos de diferença de idade – ele de 1924 e eu de 1927, eu o conheci em 1947, quando ingressara no Curso de Geografia e História, na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, na antiga capital da República, Rio de Janeiro, em reunião da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Ele já era concluinte do mesmo curso na Universidade de São Paulo (USP). Desde aquele tempo, então, não pude escapar do fascínio que a competência daquele jovem geógrafo exercia sobre nós, iniciantes, mas também pelos militantes.

Nosso relacionamento passara do amigável para o profissional, em 1968, quando, havendo concluído o Doutorado – do qual ele foi meu orientador –, ele convidou-me para ingressar no Departamento de Geografia da USP, como seu “assistente doutor”. Aliás, um rótulo apenas funcional, pois ele concedia inteira liberdade aos seus “assistentes”.

Durante os quase 20 anos de convivência – tanto no Departamento quanto no então Instituto de Geografia da USP – mereci integral apoio

¹ Professor Emérito da Universidade de São Paulo. Homenageado.

daquele mestre a quem devo um permanente estímulo para o desempenho de minhas funções. para a publicação dos meus trabalhos e pela cobertura integral do meu desempenho docente e administrativo.

Minha gratidão por ele será eterna. Embora ele fosse aberto aos contatos, eu – por timidez, mas, sobretudo por respeito, nunca inseri a interromper seu trabalho - tanto em sua residência como no Instituto de Estudos Avançados. Deixava sempre o acaso nos colocar juntos. A última dessas oportunidades ocorreu na viagem que fizemos juntos, de automóvel, de Campinas a Ourinhos, fronteira com o Paraná, onde havíamos sido convidados para visitar o recém-criado departamento de Geografia. Naquele memorável dia 3 de junho de 2006, ao longo da viagem, tivemos a oportunidade de fruir de uma longa troca de ideias e, sobretudo, de mais uma aula, o que fatalmente acontece com qualquer contato com aquele mestre.

Quanto à Universidade Federal da Bahia (UFBA), meus agradecimentos extrapolam o âmbito da própria Universidade, já que, além de algumas eventuais colaborações com o Departamento de Geografia, onde tenho bons colegas e amigos e frui de algumas palestras e pequenos cursos, o governo do Estado proporcionou-me o ensino de relacionar-me com a Secretaria de Planejamento Tecnologia e Ciência (SEPLANTEC).

Não deixo de ter presença indireta da UFBA através da Professora Regina Celeste de Sousa e da ex-aluna Marilene Aouad Barbosa – esta uma das mais talentosas orientandas de pós-graduação que tive na USP –. da equipe de geógrafos daquela secretaria.

Na análise de minha carreira universitária, inserida naquele período de atuação na USP (1968-1987), tive um relacionamento muito especial com a geografia do Estado da Bahia, ao longo do período de 1975-1985. Ao longo destes 10 anos, tive a oportunidade de assessorar projetos geográficos dos quais muito me orgulho.

Acontece que esta colaboração coincidiu com o período de 1976-1988, durante o qual, a partir do Congresso Internacional de Geografia da União Geográfica Internacional, realizado em Moscou (1976), pertenci à Comissão de Problemas Ambientais, tendo participado de 11 das 12 reuniões que aquela comissão, dirigida pelo Acadêmico I. G. Guerasi-vov, insistia em realizar anualmente.

Neste conjunto internacional, não apenas colaborei como também aprendi muita coisa. Unindo este aprendizado com algumas ideias pessoais (principalmente em climatologia e geossistemas) e a dedicação dos geógrafos baianos, conseguimos realizar três grandes projetos.

O primeiro foi todo um conjunto de normalização de dados climáticos, desde os principais “elementos” – logo publicados à disposição dos possíveis interessados, chegando a ensaiar classificação genética e propostas de zoneamento agrícola.

O segundo foi relativo à Chapada Diamantina – onde a aplicação do paradigma de geossistemas.


O terceiro, ensaio de análise de qualidade ambiental, concluído em 1985, foi publicado sob o rótulo *Bahia – qualidade ambiental no recôncavo e regiões limítrofes*, ilustrado em cores SEPLANTEC, 1987. Trabalho este que mereceu atenção internacional.

Esta colaboração com a SEPENTEC do estado da Bahia custou-me um processo da Comissão de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva que tive de enfrentar explicando o interesse baiano no meu trabalho que era pela secretaria correspondente no estado de São Paulo. A Bahia também é Brasil, e ela pediu-me uma colaboração que não mereceu a atenção de São Paulo. Também aqui, em minha defesa, atuou o mestre Ab’Sáber. Lamento imensamente que o querido mestre não esteja aqui conosco neste momento, mas é certíssimo que ele sempre estará em nossos corações, assim como a minha colaboração – além de representar o nível máximo de minha produção geográfica – fez crescer meu amor pela Bahia e pelos muitos amigos que conquistei.

Muito obrigado.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

	COLOFÃO
Formato	17 x 24cm
Tipologia	Book Antiqua 11/14
Papel	Alcalino 75g/m ² (miolo) Cartão Supremo 300g/m ² (capa)
Impressão	Edufba
Capa e acabamento	Cartograf
Tiragem	200



É preciso lembrar que ninguém escolhe o ventre,
a localização geográfica, a condição socioeconômica,
a condição sociocultural para nascer. Nasce onde o acaso
determinar. Por isso, temos que cuidar de todos aqueles
que estão em todos os recantos deste país.

Aziz Ab'Sáber

Do livro: SOMOS OU ESTAMOS CORRUPTOS?

Instituto DNA BRASIL (2005)

ISBN 978-85-232-1059-5



9 788523 210595